

VOZES E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS E PROFESSORES DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (UFEI) DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

PRESENCIAL



ONLINE



ONLINE

ONLINE



**POLIANA BRUNO ZUIN
AMARILIO FERREIRA JR.
(ORGANIZADORES)**



**Vozes e Experiências de
Professoras e Professores das
Unidades Universitárias Federais
de Educação Infantil (UUFEI)
durante a Pandemia da Covid-19**

**Poliana Bruno Zuin
Amarilio Ferreira Jr.**
(Organizadores)

**Vozes e Experiências de
Professoras e Professores das
Unidades Universitárias Federais
de Educação Infantil (UUFEI)
durante a Pandemia da Covid-19**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Poliana Bruno Zuin; Amarílio Ferreira Jr. [Orgs.]

Vozes e Experiências de Professoras e Professores das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UFEI) durante a Pandemia da Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 260p.

ISBN: 978-65-5869-223-2 [Impresso]

978-65-5869-224-9 [Digital]

1. Educação Infantil. 2. Experiência de professores. 3. Instituições federais. 4. Vozes. I. Título.

CDD – 370

Capa: Andersen Bianchi com desenhos de Ana Flor Zuin

Fotos da capa de trás: Amarílio Ferreira Jr.

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Os autores são responsáveis pelo conteúdo e imagens utilizadas.

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

Dedicatória

A todas as crianças e famílias pela
alteridade do ser professor

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Ao Edital ProEX/UFSCar: 23112.022450/2020-43
“Acolhimento na Educação Infantil em meio à
Pandemia da Covid-19: uma parceria entre escola
e família”.

Sumário

Prefácio	13
Primeiras palavras	17
Vozes, experiências e acolhimento junto às crianças e famílias em minha sala do Grupo 3 na Unidade de Atendimento à Criança- UAC-UFSCar - durante a Pandemia da Covid-19	19
Poliana Bruno Zuin	
Amarilio Ferreira Jr.	
Isadora Paschoalino Mariotto	
Kétlin Cristina Ferreira	
Amanda Mendes Molina	
Diany Akiko Lee	
Isabelle Nóbrega Borges	
Gabrielle Cristina Sanchez	
Danielle Sousa	
Isabel Karine P. Cardoso	
Experiências com crianças de 1 a 2 anos da Unidade de Atendimento à Criança – UAC durante a pandemia da Covid-19	39
Priscila Domingues de Azevedo	
Docência e pandemia: experiências com bebês e famílias do Nei Paulistinha - UNIFESP	55
Diana Cristina Vicente da Silva	
Dilma Antunes Silva	

Através das telas: possibilidades de trabalho remoto em tempos de pandemia	73
Ana Paula Santiago do Nascimento Nádia Massagardi Caetano da Silva Rosimeire Andrade de Jesus	
Aos educadores e educadoras da Educação Infantil	93
Andréia R. O. Camargo	
Inventando possíveis: a experiência do segmento da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ em tempos pandêmicos	105
Aline Jorge Silva Crispim de Carvalho Lorraine Andrade Gonçalves Priscila Basilio	
Plano de biossegurança do CEI Criarte/UFES: entre incertezas e expectativas	121
Alessandra Martins Constantino Cypriano Fabiola Alves Coutinho Gava Luciana Pimentel Rhodes Gonçalves Soares	
Experiências do Cei Criarte no contexto da pandemia COVID-19	133
Flávia Amorim Sperandio Janaína Silva Costa Antunes Kenia dos Santos Francelino	
“Hoje vem um pedacinho do LDH pra casa!” As experiências da entrega dos Kits de Materiais Brincantes para bebês e crianças do LDI e do LDH	143
Fernanda Miquelão Ribeiro Laísa Medina Silva Liliane Fernandes Caiafa Damasceno Antoniella Matos Cordeiro	

Edilaine Patricia da Silva
Lucilene Rosa Caetano
Maria Aparecida Valentin de Souza Leite
Monalisa Lopes Teixeira
Priscilene Correa Garcia Rodrigues
Rita de Cássia Silva
Rosana Maria da Silva Faria
Roseli da Silva
Sara Souza Bustamante
Sônia Ramos de Souza Fonseca
Taynara Moreira dos Santos
Thayane Aparecida Lopes Pereira
Verônica Aparecida da Silva
Yara Viana dos Santos

Registros e memórias das interações com o Grupo 4 do Nedi/UFLA no período da pandemia da Covid-19 159

Elisangela Brum Cardoso Xavier

Experiências educativas na Educação Infantil em tempos de pandemia: o ensino, a extensão e a pesquisa na EEBAS/UFPB 179

Thais Thalyta da Silva
Cláudia Maria de Lima
Renata da Costa Lima

Encontros *online* com as crianças durante a pandemia da covid-19: o olhar de uma professora da UUNDC-UFC 187

Diana Isis Albuquerque Arraes Freire

O brincar na Uaei no contexto da pandemia: vivências com as crianças do grupo 5 197

Maria Betania Barbosa da Silva Lima
Rayffi Gumercindo Pereira

As narrativas como experiências: impasses e possibilidades na educação infantil em tempos de pandemia mundial	215
Márcia Ferreira Torres Pereira Maria José Pereira de Oliveira Dias	
Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia: relatos de professoras de bebês e crianças bem pequenas	229
Cláucia Honnef Ana Paula Rampelotto Angelita Maria Machado	
Posfácio	239
Sobre as autoras e os autores	241

Prefácio

No início do segundo semestre de 2019, recebi em minha sala de trabalho a visita da Prof.^a Dr.^a Poliana Zuin, minha colega na UFSCar. Um encontro inusitado que me deixara fêsto. Poliana havia sido minha aluna na graduação, Curso de Pedagogia, e jamais me esquecerá da sua doce voz “litigando” sobre os fundamentos históricos-filosóficos concernentes à paidéia grega. Naquele momento, a aura já não era mais aquela atinente ao de uma sala de aula assentada nos princípios didáticos consubstanciados pelos silogismos dialéticos. Mas era um átimo em que dois colegas pesquisadores se encontravam para discutir produção de conhecimentos, mais precisamente sobre aqueles circunscritos à educação infantil. O nosso conciliábulo logo evolui para a ideia de um pós-doutorado no âmbito do Departamento de Educação, que não ficaria aferrolhado às atividades acadêmicas como aulas na pós-graduação, apresentação de trabalhos em eventos científicos ou mesmo à publicação de artigos em periódicos indexados pelas agências de avaliações estatais. Mas, em resultados de pesquisas que seriam publicadas por meio de livros. E assim nos despedimos...

Mais de um ano depois, foram publicados três livros pela Pedro & João Editores: “Parceria e dialogia nas interações escola-família na educação infantil: trajetórias metodológicas para professores iniciantes” (2020); “Acolhimento na Educação Infantil em Tempos de Pandemia da Covid-19” (2020); e “Vozes e Experiências de Professoras e Professores das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UUFEI) durante a Pandemia da Covid-19” (2021). Eis, até aqui, os frutos das confabulações que Poliana e eu tramamos, no recinto da minha sala do Departamento de Educação, durante a primavera de 2019, ou seja, antes que uma tormentosa “tempestade” recobrisse, com um invólucro invisível, o lindo planetinha azul e branco.

Este último rebento – “Vozes e Experiências de Professoras e Professores das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil...” – tem como fito apresentar ao campo educacional brasileiro as experiências pedagógicas não presenciais que foram protagonizadas por educadoras e educadores de algumas das UFEI espalhadas em vários estados brasileiros. Trata-se de uma polifonia textual, no sentido bakhtiniano, que objetiva construir uma síntese das múltiplas determinações histórico-pedagógicas processadas durante essa pandemia que assola o mundo e que provoca desastrosas consequências sanitárias e humanitárias no atual contexto político das “terras brasílicas”.

Nos domínios do Sistema Federal de Ensino Superior, tal como na estrutura organizacional da UFSCar, muitas Universidades possuem instituições pedagógicas assemelhadas à nossa Unidade de Atendimento a Criança (UAC). Esse volume em tela conta com a participação de professoras e professores das seguintes: Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação (UNIFESP); Colégio de Aplicação – Segmento de Educação Infantil (UFRJ); Centro de Educação Infantil Criarte (UFES); Laboratório de Desenvolvimento Infantil e Laboratório de Desenvolvimento Humano (UFV); Núcleo de Educação da Infância (UFLA); Educação Infantil da Escola de Educação Básica (UFPB); Unidade Acadêmica de Educação Infantil (UFCEG); Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (UFG); e Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UFMS).

Dado o impacto trágico e insólito causado pelo Covid-19 em todas as atividades humanas cotidianas, particularmente em decorrência da suspensão das atividades pedagógicas relacionadas ao ensino presencial no contexto das Universidades Federais, Poliana e eu começamos a nos indagar como estariam sendo desenvolvidas as práticas lúdicas e cognitivas relacionadas com as crianças dessas unidades federais na conjuntura nacional marcada pelo isolamento social. Seriam as mesmas daquelas que prosperavam por meio do protagonismo pedagógicos das professoras vinculadas à UAC/UFSCar? Se sim, quais eram os

elementos universais e particulares que perpassavam essas singularidades institucionais distintas? Se não, quais deveriam ser os ingredientes estruturais que poderiam estar pulverizando ou atomizando as experiências pedagógicas com as crianças em entes federados diversos da nossa UAC? Além dessas, uma outra questão se colocava como centralidades na hipótese que aventávamos: como que os processos de ensino e de aprendizagem estava sendo minudenciados por meio da revolução tecnológica digital? Esses processos de ensino e de aprendizagem produziriam tendências de estranhamentos nas relações afetivas e cognitivas entre as professoras e professores e as suas respectivas crianças? Que papel demagógico desempenharia os pais nas mediações digitais entabuladas entre os seus filhos e filhas e os educadores do outro lado das telinhas dos computadores ou dos celulares?

Foi com base nessas interrogações acima que empreendemos o desafio de convidarmos vários colegas da UUFPEI como o objetivo de dividirmos as páginas deste libelo. Mais do que isso: o repto de colocar em discussão, para mundo acadêmico brasileiro, uma temática cujas consequências históricas ainda são difíceis de serem previstas, apesar de assistirmos todos os dias os impactos dramáticos da tragédia sanitária em que estamos mergulhados e que já ceifou centenas de milhares de vidas. Assim sendo, esperamos contribuir de alguma forma com o campo científico da educação infantil e também com a própria história da educação brasileira hodierna.

Por último, mas não menos importante, Poliana e eu queremos agradecer a todas e todos que responderam de pronto ao convite dessa empreitada que consiste relatar, por meio dos capítulos desse livro, as suas respectivas experiências pedagógicas com crianças em meio a uma pandemia que está colocando o “mundo de ponta-cabeça”.

Amarilio Ferreira Jr.
Campo Grande (MS), 14 de março de 2021.

Primeiras palavras

Este livro foi composto por uma multiplicidade de mãos/vozes e traz relatos de experiências de professores e professoras de Instituições de Educação Infantil localizadas em Universidades Federais de várias Unidades da Federação brasileira, concretizando-se como um documento histórico deste momento tão difícil ocasionado pela Pandemia da Covid-19.

No início da segunda quinzena de março de 2020 os professores da Educação Infantil foram privados do contato presencial com as suas crianças devido ao isolamento social, por causa do vírus que assola a humanidade deste então. Os professores tiveram que repensar suas práticas e administrar singulares formas de interações a fim de acolhermos suas crianças e respectivas famílias. Ou seja, tiveram que imaginar e colocar em prática inéditos processos de ensino por meio do denominado “mundo digital”.

O livro em tela tem como escopo, portanto, relatar como tem sido essas experiências pedagógicas nas diferentes instituições do Sistema Federal de Ensino Superior, isto é, trazendo a realidade das Instituições de Educação Infantil, localizadas em muitas Universidades Federais, os seus anseios, angústias e trabalho realizado de forma prestimosa e criativa.

Desejamos aos leitores, por meio desta “polifonia textual” (Bakhtin), o acolhimento e o abraço para que saibam que não estão sós... que esses registros possam servir de inspiração e reflexão para outras *praxis* de ensino no âmbito da educação infantil.

Amarilio Ferreira Jr.
Poliana Bruno Zuin

Vozes, experiências e acolhimento junto às crianças e famílias em minha sala do Grupo 3 na Unidade de Atendimento à Criança- UAC-UFSCar - durante a Pandemia da Covid-19

Professora Doutora Poliana Bruno Zuin
UAC-PPGL-UFSCar- e-mail: polianazuin@ufscar.br
Prof. Dr. Amarilio Ferreira Jr.
Departamento de Educação da UFSCar
Isadora Paschoalino Mariotto - Pedagogia- IC-PUICT- UFSCar
Kétlin Cristina Ferreira- Terapia Ocupacional - IC-PIBIC-CNPQ-UFSCar
Amanda Mendes Molina - Terapia Ocupacional - ProEX-UFSCar
Diany Akiko Lee - PPGL-CAPES-UFSCar
Isabelle Nóbrega Borges - PPGL-UFSCar
Ms. Gabrielle Cristina Sanchez - ProEX-UFSCar
Danielle Sousa - Terapia Ocupacional- ProEX-UFSCar
Isabel Karine P. Cardoso - Pedagogia- UNESP- ProEx-UFSCar

O ano letivo de 2020 junto à minha turminha na Unidade de Atendimento à Criança - Grupo 3, período da tarde, a quem tinha me sido atribuída iniciou-se ainda em 2019 quando no mês de dezembro enviei uma carta a cada família marcando uma reunião para que pudéssemos nos conhecer e para que eu pudesse apresentar o meu planejamento e possibilidades de projetos que envolvessem a parceria das famílias para um processo de ensino e aprendizado significativo e, portanto, dialógico. Fiquei muito feliz com uma cartinha recebida por uma das famílias que me recebeu de braços abertos e com muitas esperanças e alegrias para um processo de ensino e aprendizado cheio de experiências em conjunto. Para mim um processo de ensino e aprendizado significativo deve ser participativo, passa necessariamente pela presença e parceria entre os familiares junto a mim em "nossa salinha", pois somente assim, nós professores podemos acolher a criança emocionalmente e afetivamente.

Partindo de um referencial teórico com vozes de distintas áreas do conhecimento, mas que compartilham do mesmo embasamento filosófico, o materialismo-histórico, trago como interlocutores as vozes, os pensamentos e as experiências de autores que compõem a teoria Histórico-Cultural da Psicologia, como Vygotsky, Luria e Leontiev; Mikhail Bakhtin um Filósofo da Linguagem; Paulo Freire um importante pensador dos processos educacionais. Junto a essas vozes que ecoam e que constituem muitas palavras alheias, inclusive as minhas próprias palavras, o pensamento das escolas de Reggio Emilia e suas experiências constituem também a minha voz para pensar em práticas, que possibilitem às crianças explorarem os sentidos que atribuem aos significados das palavras, que a ela são ensinadas na escola. Somente quando há um processo e horizonte de significação compartilhado é que a aprendizagem pela criança acontece de maneira acolhedora, permitindo que aquela curiosidade que faz parte do ser criança se fortaleça e ganhe impulso para um "ser mais". Partindo deste pressuposto, ouvir a criança por uma "escuta sensível" faz parte dessa relação que se constitui no processo de ensino e aprendizado entre família e escola.

Ouvir a criança, "a escuta sensível" termo trazido por Paulo Freire e Bakhtin, conceito escrito também nas experiências educacionais de Reggio Emília, implica pensar em um ensino intencional que busque estimular a autonomia da criança para a liberdade que o conhecimento proporciona. A liberdade do processo criativo não surge do nada, mas a partir da relação e interação que se estabelece entre a criança e aqueles que estão a sua volta, os adultos e entre as próprias crianças. Aliás o próprio Vygotsky em seus estudos e experiências sobre os processos meditativos e aquilo que a criança era capaz de fazer, explorando o seu potencial para que tais ações se tornassem atividades reais, buscava trabalhar a parceria entre as próprias crianças. Porém, essas aprendizagens que levam ao desenvolvimento das mesmas, necessitam de um professor atento e que possua uma escuta sensível a cada necessidade que surge na criança. Leontiev cunhou

uma teoria denominada "Teoria da Atividade", cujos motivos de uma necessidade coincidem com os objetivos, além de nos mostrar que a atividade principal da infância são os jogos e as brincadeiras, sendo esta um traço fundamental para o desenvolvimento da personalidade da criança e do futuro adulto. Um planejamento intencional subsidia os trabalhos de um professor comprometido com esse desenvolvimento da criança. Desta maneira, ao longo de minhas experiências docentes como formadora de professores e há seis anos como professora da Educação Infantil, mas que também atua como formadora no Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL - da Universidade Federal de São Carlos e que também possui muitos projetos de extensão em desenvolvimento, fui me constituindo professora e entendendo a importância da parceria entre professor e família, bem como de uma equipe interdisciplinar.

Eu seria novamente professora do Grupo 3, experiência de 3 anos neste grupo, portanto as minhas crianças teriam de 2 a 3 anos, completando 4 anos no segundo semestre. Preciso ressaltar que tenho uma equipe muito boa composta por meus orientandos de Iniciação Científica, Mestrado e Voluntários que atuam em diferentes projetos de extensão, todos cadastrados no ProEX-UFSCar, além da própria estagiária de sala já ter estado com as crianças no Grupo 2.

Essa reunião anteriormente à chegada das crianças, tão necessária a nós professores, fez com que fosse estabelecida uma relação de confiança entre mim e os familiares, além de que eles puderam conhecer também toda a equipe de trabalho deste ano de 2020. Interessante ressaltar que a afirmação desta parceria e a nossa comunicação via WhatsApp fez com que tivéssemos uma adaptação tranquila e sem nenhum sofrimento e choro por estranhamento e insegurança. As crianças e suas famílias foram recebidas com pequenas "Ikebanas" (um arranjo floral para cada criança e família) para boas-vindas e, a nossa parceria, estabelecida naquela primeira reunião permitiu que iniciássemos os nossos trabalhos com muito carinho e diálogo sobretudo pelo whatsapp,

que se tornou a nossa principal ferramenta de acolhimento e comunicação neste ano de 2020 devido à Pandemia da Covid-19.

Para que o processo de aprendizagem seja significativo para as crianças, busquei desenvolver vários projetos de parceria com as famílias: Projeto de Culinária e Alimentação Saudável denominado “Que fruta tem na cesta da Chapeuzinho Vermelho?”. Esse projeto faz parte da minha história e de muitos diálogos com meu marido que culminou em algumas obras, entre elas destaque: “Tradição e Alimentação”, cuja obra abordamos a alimentação enquanto ao cultural, desde a produção e cultivo do alimento até a partilha do mesmo à mesa, trazendo um capítulo específico da alimentação na Educação Infantil. Em nossa salinha, tivemos a participação de algumas famílias fazendo o prato em casa para ser compartilhando ou fazendo a receita na própria salinha. O objetivo deste projeto é estreitarmos os laços a partir de uma receita saudável utilizando alguma fruta. Tivemos o preparo de receitas deliciosas, tais como: sorvete de banana, "milk shake" de morangos e bolo de banana com aveia. Essas atividades foram interrompidas com a Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto. Na rotina do trabalho presencial também contamos com a parceria dos familiares em outros projetos, que buscavam incentivar a leitura em família, como “O Livro Viajante”, cujas crianças escolhiam um livro para levar para casa e ler com a família e desenhar a parte da história que mais gostaram desenhando essas que compunham um portfólio e depois na salinha recontavam a história e nos mostravam a parte que mais gostaram explicando o por quê, bem como nos mostrando o desenho. Outro projeto que tivemos a parceria das famílias foi em relação ao “Eu e Meu Mundo” e “Os animais do céu, da água e da terra”, em que tivemos envio de fotografias, a presença de alguns animais de estimação como tartarugas em nossa salinha, além de termos visitado a chácara de uma das crianças para conhecermos seus animais, galinhas, pintinhos e patos. Também havíamos iniciado o “Projeto Sentimentos” e contamos com a parceria dos familiares e até mesmo de uma mãe que confeccionou vários

rostinhos (emoticons) para o nosso painel dos sentimentos, tal como podemos observar nas imagens abaixo:



Imagens da própria autora

Tantas expectativas e alegrias interrompidas bruscamente com a Pandemia da Covid-19. Estávamos em sala na sexta-feira do dia 13 de março. No dia 15 de março, um domingo, soubemos que não voltaríamos na segunda-feira dia 16. A primeira semana foi acometida por tensão e troca de informações com os familiares sobre reportagens relativas à Pandemia. O medo pairava sobre nós.

Na segunda semana começamos a trocar fotografias do que estávamos fazendo em nossas casas...comecei a enviar fotografias das atividades em que eu estava fazendo com a minha filha, sugerindo que fizessem também e compartilhasse no grupo para que nos sentíssemos mais próximos, por exemplo: receitas, brincadeiras com mansinhas, jogos de bolas, pinturas, etc. Essas trocas também eram encaminhadas com mensagens de textos, áudios e alguns vídeos. Na terceira semana mantivemos esse mesmo contato, além de encaminhar sugestões de leituras de histórias infantis em pdfs e a troca de receitas... Nesta semana uma mãe havia perguntado se eu não poderia encaminhar algumas sugestões de atividades para realizar com a sua criança. Comecei a pensar em um replanejamento do que poderíamos trabalhar junto com as famílias e crianças. Percebi que naquele momento eu seria a mediadora das famílias, pois essas desenvolveriam atividades

com suas crianças em seus lares. A casa seria o lócus dos trabalhos sugeridos pela escola. Comecei a perceber que planejar as atividades as quais seriam sugeridas era uma forma de acolher as crianças e as famílias e tais atividades poderiam ajudar nas interações das crianças com os seus pais, irmãos e avós; além é claro de cultivarmos esse vínculo com a unidade escolar.

Eu, juntamente com o grupo que compõe os trabalhos de extensão e pesquisa, pensamos em sugerir atividades relativas aos projetos, mas que ocorreriam de forma distinta uma vez que a casa seria o espaço físico das atividades e as famílias seriam os mediadores intencionais dessas crianças. Iniciamos os trabalhos pensando em tutoriais de sugestões de atividades a serem realizadas como, por exemplo, tutoriais de confecção de animais a partir de sucatas, confecção de tutoriais sobre a construção de uma pequena horta, de receitas, de confecção de objetos e brinquedos relativos a cada sentimento que poderia ser trabalhado pelos familiares, envio de pdf de livros, contação de histórias já gravadas, ou gravadas por mim, mas, principalmente, pela estagiária Isadora Pascoalino Mariotto que criou um canal no Youtube para contar histórias, gravação de vídeos de Libras pela minha orientanda de mestrado Diany Akiko Lee.

Vejamos a frente alguns modelos de PDFs sugeridos e que foram elaborados por Amanda Mendes Molina estudante do curso de Terapia Ocupacional, Kétlin Cristina Ferreira estudante do curso de Terapia Ocupacional, Daniele Sousa, também estudante do curso de Terapia Ocupacional e Isabel Cardoso estudante de



Pedagogia da Unesp de Araraquara, todas voluntárias no Projeto de Extensão: “Artes Plásticas na Educação Infantil: diálogos com a Terapia Ocupacional”.

Assim que organizamos sugestões de atividades por semana, sendo uma atividade por dia, durante 35 semanas. Para que pudéssemos enviar essas atividades, abrimos um grupo de Whatsapp a que chamamos de "Materiais" e criamos um terceiro para que as famílias pudessem postar fotografias, vídeos e áudios das crianças como registro daquilo que estavam fazendo a fim de que pudéssemos acompanhar um pouco o seu dia a dia. Essas atividades também foram organizadas em um google drive para que as famílias pudessem acessar quando pertinente. As sugestões de atividades foram organizadas da seguinte maneira:

Segunda-feira: Projeto "Leitura, Recontos e Representações" (sugeríamos leituras em Pdfs, contávamos histórias por vídeos, por áudios - Projeto que contou com a participação da estudante de Pedagogia, orientanda de Iniciação Científica e estagiária da UAC-UFSCar - Isadora Pascalino Marioto)

Terça-feira: Projeto "Libras" (vídeos enviados às famílias e crianças sobre animais e sentimentos feitos por Diany Akiko Lee)

Quarta-feira: Projeto "Sentimentos" (buscávamos trabalhar a partir de histórias alguns sentimentos previamente selecionados por mim. A confecção do PDF foi feito pela aluna Kétlin Cristina Ferreira do curso de Terapia Ocupacional, minha orientanda de Iniciação Científica - PIBIC-CNPQ que também sugeria atividades de artes plásticas e coordenação sob o ponto de vista da Terapia Ocupacional e contou com a colaboração para a seleção das histórias e vídeos de Isabelle Nóbrega Borges, Mestranda no PPGL-UFSCar sob a minha orientação)

SENTIMENTO DE ACEITAÇÃO

Você sabe o que é?



A ACEITAÇÃO

Não nos sentimos aceitos quando percebemos que as pessoas gostam da gente de modo como somos, com tudo aquilo que temos ou não temos.



Baseado no livro Emocionaldo

Existem muitas características diferentes nas pessoas

Cada um é especial do seu jeito. E por isso temos que aceitar TODAS as diferenças, porque ninguém é exatamente igual, nem mesmo aquelas pessoas que são gêmeas.



PARA NOSSA ATIVIDADE DE HOJE

Iremos usar a história chamada Morango sardento, você pode assistir o vídeo da contação clicando no link.



<https://www.youtube.com/watch?v=L2w7f0CUMk=290s&list=channel&source=definity>

E aí gostaram da história? Vamos criar nosso próprio morango?

Você vai precisar de:



- Canetinhas coloridas
- Tesoura sem ponta
- Folha sulfite para impressão dos moldes
- Cardão ou fita
- Cola

Sugestões de Atividades

Ambas as atividades seguem disponíveis para impressão

A primeira seria a criação de um morango por meio de uma dobradura.

A segunda seria a criação de um morango por meio da atividade de pontilhados.

Com essa atividade iremos

Controlar a visão
Planejamento motor
Percepção visuoespacial
Estabilização na extensão do punho
Separar a função dos dois lados da mão

Se quiser detalhamento das informações, pode entrar em contato pelo e-mail: contato@educacaoemfoco.org.br

Passo a passo atividade dobradura



Prete o molde do seu jeito



Recorta



Cola as partes e fixe com um pedaço de fita adesiva



Dobre e passe a fita por todos os lados para finalizar

Passo a passo atividade dobradura

1. Preenche a folha sendo cuidado de parte verde

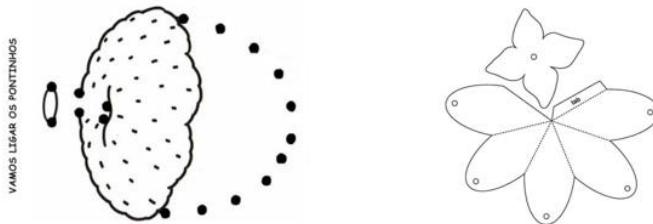
2. É está pronto seu maciço verde

QUAL A IMPORTÂNCIA?

As competências motoras finas envolvem principalmente as memórias superiores, em especial as motoras, e estão na base de nossa capacidade para manusear objetos, ferramentas e materiais. Isso inclui alcançar, agarrar e manipular. Ela é importante porque é essencial para o desempenho das tarefas que a criança realiza diariamente: vestir-se, escrever, se alimentar, jogar videogame, amarrar os sapatos.

Trabalhar as emoções e sentimentos ajuda a criança no aprendizado e que se sente. Ajuda os pais ou responsáveis a entender as emoções por quais a criança passa estar passando e que não sabe explicar. Com isso trabalhamos consciência emocional e ajuda de forma que possa auxiliar na aprendizagem da criança na escola e dentro das suas férias.

Produzido por: Maria Cristina Ferreira, Neuropsicóloga, FAPSA, São Paulo e Maria da Graça



Quinta-feira: Projeto "Animais da terra, da água e do ar" (a fim de trabalhar as artes plásticas sob o ponto de vista da Terapia Ocupacional, a partir da apresentação dos animais foram confeccionados PDFs contendo sugestões de leituras, vídeos, músicas e ao final sugestões de confecções de artes plásticas. Os PDFs foram elaborados pela aluna da Terapia Ocupacional Amanda Mendes Molina sob a minha supervisão e orientação).



Oi crianças! Ao longo das aulas, viemos estudando os animais que são bichinhos de estimação dos nossos colegas, vocês se lembram? Agora vamos começar uma nova etapa: vamos estudar os animais que vivem na fazenda e o que eles nos fornecem! Estão animados?



Vamos assistir um vídeo para conhecer alguns dos animais que vamos estudar?



Link do vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=03962730Ns>

Encaminhado pelo grupo do whatsapp e no arquivo do google drive



Vaca!

A vaca é o primeiro animal da fazendinha que vamos estudar!



JARDIM

PINTANDO A NATUREZA

Vamos coletar algumas folhas no jardim e nas ruas?

Busque por folhas bonitas, folhas mais quebradas, qualquer folha que te chame a atenção :)
 Colete uma boa quantidade.

Você pode usar algumas das folhas que sobraram da atividade anterior, ou então coletar folhas novas!

Nessa atividades, vamos explorar as impressões das folhas em papel utilizando giz de cera - essa técnica se chama *frotagem*.

Vocês também podem explorar outras coisas com relevos e texturas diferentes para essa atividade.

Como fazer:

Em uma superfície, coloque as folhas (ou os outros objetos) embaixo de um papel. Peça para que a criança aperte o papel contra o que está embaixo e para que ela pinte com o giz.

Os relevos farão desenhos coloridos na folha de papel :)

Vocês também podem substituir o giz de cera por carvão ou lápis de cor.




O que estamos exercitando?

A realização dessa atividade trabalha a coordenação motora fina ao pegar as folhas, ao modelar a argila ou a massinha, ao pressionar as folhas.

Estimula aspectos sensoriais como na atividade anterior a essa, pelo contato com diferentes folhas e pela modelagem da massinha ou argila.

Assim como trabalha a criatividade, pois as crianças podem fazer arte da maneira que acharem mais legal

Outros exemplos:

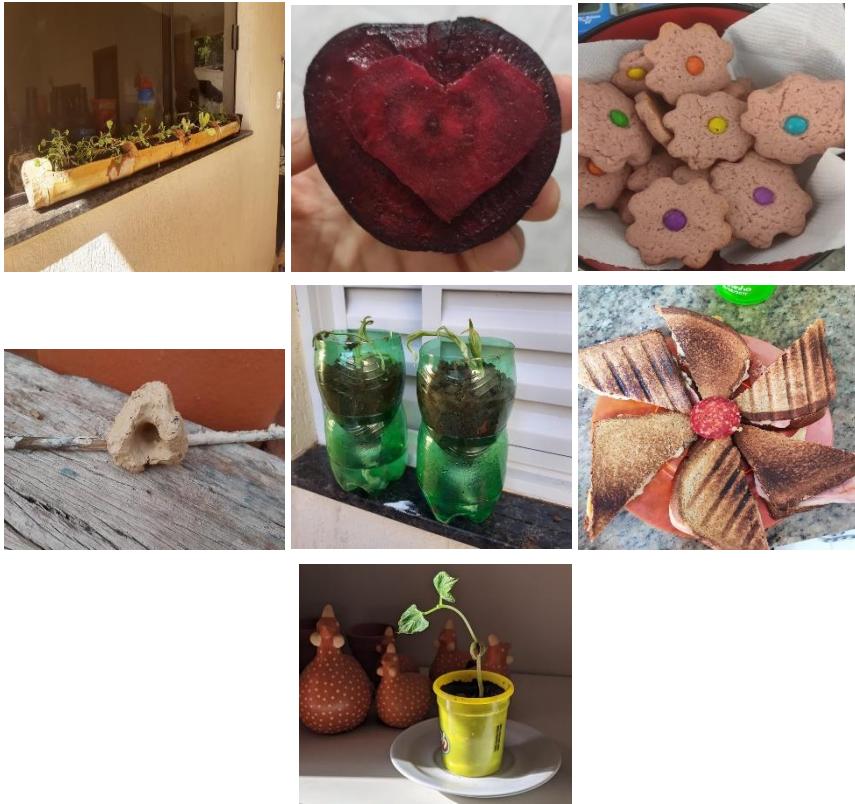


As sugestões de atividades foram enviadas semanalmente aos sábados para que as famílias pudessem se organizar e verificar quais atividades gostariam de fazer com suas crianças. Para facilitar o olhar a todas as atividades a estagiária Isadora P. Mariotto criou o seguinte infográfico, contendo as principais informações:



Observem a importância de se colocar os objetivos destas atividades sob o ponto de vista da Terapia Ocupacional, fundamental para o entendimento do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. A busca por projetos de extensão interdisciplinares com as distintas áreas do conhecimento foi uma das formas que busquei para tentar compreender e entender os diferentes olhares e vozes, aprendendo com as estudantes dos diferentes cursos de Graduação, ao mesmo tempo em que posso ensinar algumas coisas que sei, assim aprendemos todos juntos, um dos princípios de Paulo Freire. Essa troca tem se tornado essencial para os trabalhos que juntas desenvolvemos em prol de uma educação de qualidade para as crianças.

Algumas fotografias ilustrativas das atividades realizadas pelas crianças em seus lares:



Imagens relativas à algumas das atividades propostas (optamos por não utilizar as imagens das crianças, uma vez que estamos de férias e não quis incomodar as famílias com pedidos de autorizações)



A ajuda e os diálogos com as integrantes da equipe, bem como os diálogos com as famílias, permitiram que este material fosse confeccionado com uma estética bonita e prática. Tivemos a participação dos familiares na maioria nas atividades, embora ao final do ano letivo, tenha dado uma diminuída na participação devido a muitos pais retornarem aos seus trabalhos. Porém, ainda que não pudessem realizar as atividades propostas, não perdemos o nosso vínculo, porque continuamos conversando e enviando fotografias relacionadas à rotina de seus lares.

Além das atividades sugeridas enquanto acolhimento durante à Pandemia, tivemos a participação de todas famílias na confecção de um livro chamado de "Receitas das Crianças e Famílias do Grupo 3 - tarde" no formato e—book e impresso. Esse livro foi uma apanhado das receitas realizadas em sala, receitas de famílias e receitas de algumas "lives" de culinária, sentimos a necessidade de reunir essas receitas para que as crianças e suas famílias tivessem uma recordação "doces sabores em meio ao amargor da Pandemia da Covid-19".



Imagem da Capa do "Livro de Receitas das Famílias do Grupo 3" de autoria de Poliana Bruno Zuin, Daniele Sousa e Isabel Cardoso

Durante a Pandemia buscamos também relatar as nossas experiências junto às famílias e crianças em relação ao acolhimento e às atividades propostas e sugeridas para serem realizadas em família. Tais experiências compuseram a obra "Acolhimento na Educação Infantil em Tempos de Pandemia da Covid-19" obra organizada por Poliana Bruno Zuin, formato e-book, com distribuição gratuita, publicada pela Pedro e João Editores. Essa obra também contou com a participação dos familiares que colaboraram com a escrita de relatos de experiências sob o olhar da família durante a Pandemia da Covid-19.

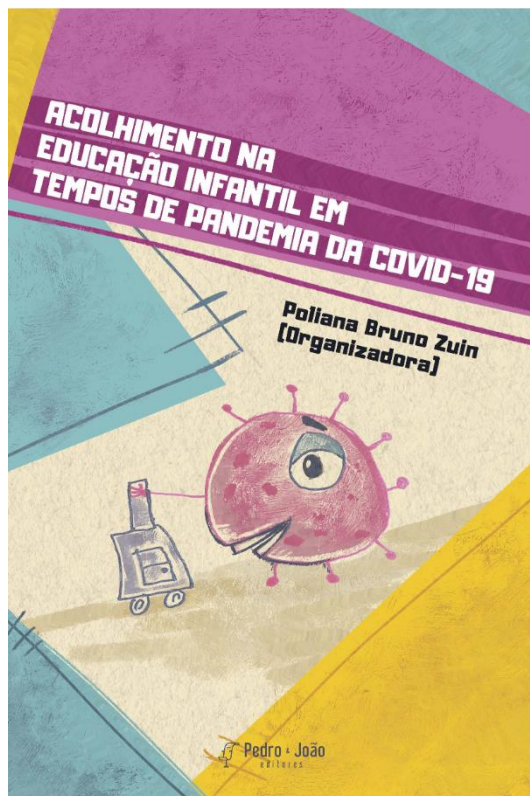


Imagem da Capa da Obra "Acolhimento na educação infantil em Tempos de Pandemia da Covid-19"

Para que as interações entre crianças e famílias pudessem ocorrer de acordo com a necessidade de cada um, fizemos algumas "lives" em dias alternados, realizei algumas vídeos-chamadas, mensagens de voz. A principal forma de interação com as crianças além das fotografias era por meio de mensagens de voz, já a forma de comunicação com as famílias era por meio de mensagens escritas e áudios.

Nos acolhemos mutuamente, nas fronteiras de nossos lares: as palavras amigas das famílias, os sorrisos das crianças e as fotografias dos pequenos momentos nos ajudavam psicologicamente a atravessarmos juntos os altos e baixos dessa tão prolongada quarentena. Ao final do ano letivo os familiares

pediram para que eu continuasse como professora da turminha, assim como toda a equipe.

Com relação às experiências nas atividades remotas pontuo que o principal objetivo era acolher as crianças e suas famílias possibilitando à elas sugestões de atividades que pudessem ser feitas em famílias. Destaco uma mensagem encaminhada por uma família, relato esse que também está contido no portfólio da criança:

Agradecemos imensamente por ter as atividades escolares enviadas, agradecemos o empenho de cada uma. Com certeza é a luz que nos ilumina e nos aproxima da escola. Gratos sempre. Diariamente ele nos pede as atividades, passa o dia cantando (quando a atividade tem música), fala das histórias que ouve e as vezes até relembra com algo que possa remeter a história, segue atento aos insetos que aparecem e sente-se orgulhoso ao ver o seu insetário com os insetos coletados por ele. Faz com atenção os sinais de libras e feliz nos ensina. (Relato de uma família)

Queremos deixar claro que nada substitui o ambiente escolar, a troca das interações que ocorrem entre as crianças, professores e familiares; porém, em um ano tão amargo vislumbramos as atividades remotas como acolhimento da escola para que os familiares e suas crianças pudessem ter momentos prazerosos diante de tantas incertezas, receios e medos. Pensando de um modo "Poliana" de ser a quarentena possibilitou que os pais pudessem estar mais próximos aos seus filhos, que pudessem estar juntos, observando proximamente o seu crescimento, suas aprendizagens e desenvolvimentos. Pudemos talvez nos conscientizar do que realmente importa: "estarmos juntos". A amorosidade, o ato responsável nos colocou e, ainda coloca, que neste momento precisamos da tecnologia para suprir a ausência física, mas que como profissionais comprometidos a nossa responsabilidade com relação ao ato pedagógico implica fornecer subsídios meditativos às famílias.

Fecho essas "palavras minhas", que são também "palavras outras", esperançosa para este ano de 2021, que possamos estar na escola e nos abraçar.

Referências

- BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauche, Editora Hucitec, 2001.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CREPALDI, E.M.F. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno**. In: Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas. Acesso em: 17 de junho de 2020.
- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 No 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: Junho, 2019.
- Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo. Paz e Terra, 2003.
- FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, I. (org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1986.
- LURIA, A.R. **Pensamento e Linguagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- LURIA, A.R.; YUDOVICH, I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- MALAGUZZI, L. In: **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Org. Carolyn Edwards, LellaGandini, Georfe Forman, Vol.2, Porto Alegre: Penso, 2016.
- VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009 VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas**. Madri: Visor, Tomo III, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas**. Madri: Visor, Tomo II, 1993.

Experiências com crianças de 1 a 2 anos da Unidade de Atendimento à Criança – UAC durante a pandemia da Covid-19

Profa. Dra. Priscila Domingues de Azevedo
Unidade de Atendimento à criança – UAC/UFSCar
priazevedo@ufscar.br

Este é um relato de uma professora¹, pesquisadora², extensionista³, que trabalha na Unidade de Atendimento à Criança – UAC da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, campus de São Carlos/SP. Durante o ano de 2020 fui professora de 8 crianças do Grupo 1 (crianças de 1 a 2 anos), (5 meninas e 3 meninos), duas crianças indígenas, e seis crianças brancas, no período matutino da UAC. Tivemos um mês de contato presencial de fevereiro a março e depois disso até dezembro, nosso contato foi somente virtual devido à pandemia da Covid-19.

Semanalmente, como acordado com a equipe da UAC, enviei às famílias propostas de vivências para fazer casa, além disso, uma vez por mês fazíamos encontros virtuais da turma pelo Google Meet, onde conversávamos, nos reconhecíamos e cantávamos.

Nesse período pude ressignificar o que é ser professora, embora fora minha terceira experiência como professora de crianças de 1 a 2 anos, o trabalho remoto foi uma experiência, única, nova e muito desafiadora para mim.

O contato com as crianças e suas famílias foi via WhatsApp, individualmente e semanalmente mantinha contato com elas. Enviei vários vídeos com músicas e contação de histórias, áudios, arquivos em pdf com sugestões e propostas de vivências para fazer

¹ Da carreira do Ensino Básico Técnico e Tecnológico – EBTT.

² Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa “Outros Olhares para a Matemática” – GEOOM (CNPq/UFSCar).

³ Há 10 anos ministra atividades de extensão na UFSCar vinculadas à Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão – ACIEPE.

em casa com a família. Na ocasião tive o auxílio de dois estagiários remunerados do curso de licenciatura em Pedagogia, um da UFSCar e outra de uma faculdade privada -UNICEP de São Carlos e uma estagiária voluntária do curso de Psicologia da UFSCar. Eles me ajudavam no planejamento das vivências, nos reunimos virtualmente em reuniões pelo Google Meet e por um grupo no WhatsApp. Além disso, gravaram vídeos com músicas e histórias infantis, bem como indicaram sugestões de vivências e experiências.

Em nossas reuniões pude perceber o quanto era co-formadora no processo de formação dos estagiários, nosso objetivo visava o desenvolvimento integral da criança, o que valida o estágio como uma experiência formativa primordial no processo de formação inicial de professores, revela um processo reflexivo partilhado e colaborativo entre universidade e escola, tomando de Freire a defesa de passarmos de uma “curiosidade ingênua” a uma “curiosidade epistemológica” (ALMEIDA, 2021).

O estágio não é só um tempo de preparação do que pode vir a ser é um “tempo em que o estudante e o cotidiano daquele lugar se enlaçam, se alteram, se misturam. Numa “observação”, que é, ao mesmo tempo, inserção, ação, relação, presença” (SILVA, 2011, p. VIII).

Em tempos de pandemia a parceria família e instituição de Educação Infantil foi fundamental, em meio ao sentimento de impotência quando as famílias não davam feedback das propostas pedagógicas enviadas, havia sinais de esperança quando recebia uma foto ou um vídeo de uma criança. Isso gerou em mim, movimentos de reflexão sobre a própria prática e a cada dia tinha certeza que o trabalho remoto não substitui o trabalho presencial, a distância, a falta de interações entre as crianças da mesma idade e de idades diferentes e com diferentes adultos deixava um eco entre o que eu esperava e o que acontecia.

Fui privilegiada em ter o feedback das oito famílias, as vezes mais presentes, as vezes menos presentes, mas sentia que todas estavam alinhadas com nossa proposta educacional. Mesmo à

distância estava atenta aos interesses e necessidades da turma. E elenquei os seguintes aspectos:

As crianças de 1 a 2 anos gostam de:

- ✓ brincar com materiais estruturados e não estruturados, brinquedos variados e elementos da natureza.

- ✓ movimentar o corpo, batem palmas, dão tchau, arrastam as coisas, chutar e arremessar objetos. mostram o que querem sem chorar;

- ✓ querem conhecer e pegar tudo que as rodeiam e está ao alcance;

- ✓ associam (ainda que não pronunciem verbalmente) as formas, cores e tamanhos dos objetos;

- ✓ imitar os adultos em atividades como: dar de comer a um bebê, pentear o cabelo e rotinas diárias como varrer ou lavar;

- ✓ cantar, dançar, ouvir histórias, manusear livros, batem palmas, algumas estão tirando uma vestimenta (sapato e/ou blusa de frio), empilham blocos, nomeiam figuras, aponta parte do corpo (olhos, orelhas, boca, mãos, pés, barriga, cabelo);

- ✓ resolver problemas com o corpo, sobem, agacham, engatinham, pulam e rolam, correm, chutam e arremessam a bola, sobem escada sozinhos, gostam de obstáculos e brincadeiras de circuitos;

- ✓ brincar de casinha, comidinha, dão comida para a boneca, brincam de cortar, de comer, de cozinhar, brincar de carrinho, de cavalinho, escorregador, balanço entre outros brinquedos;

- ✓ ajudar nas atividades da rotina, pegam e guardam almofadas, lavam as mãos, jogam papel no lixo, ajudam a colocar e a tirar a roupa, comem sozinhas e escovam os dentes;

- ✓ descobrir o nome das coisas e para que servem;

- ✓ expressar-se artisticamente com tintas, giz, canetinhas e materiais diversos e rabiscam espontaneamente;

- ✓ tecnologias e recursos áudio visuais (rádio, datashow, retroprojeter, tablet, câmera fotográfica);

- ✓ degustar, cortar e fazer receitas com diversos alimentos;

✓ vivências que proporcionam sensações diferentes com instrumentos musicais, elementos da natureza, água, gelo, diferentes papéis, texturas, cores, tamanhos e espessuras;

✓ brincar em cantinhos (cozinha principalmente), com o cesto dos tesouros, realizar o brincar heurístico, ou seja, inventar, descobrir o mundo e objetos a sua volta a partir da exploração e organização do seu próprio pensamento;

✓ brincar no parque, areia, além de brincar na piscina de bolinhas, com bolas de diferentes tamanhos, bambolês, garrafas sensoriais, caixas de diferentes tamanhos, entre outros objetos. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA TURMA - Grupo 1 – Manhã-UAC/UFSCar – AZEVEDO, 2020)

As práticas pedagógicas que compõem a proposta do Grupo 1 envolveram um currículo baseado no Projeto Político Pedagógico-PPP da UAC, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) que prevê as interações e brincadeira como eixos norteadores do currículo.

Outro documento que orienta o trabalho pedagógico é o “Brinquedos, Brincadeiras na creche” (BRASIL, 2012), visto que o brincar é a atividade principal da criança na Educação Infantil.

Além disso, nos fundamentamos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), a partir dela destacamos os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, tais como: conviver; brincar; participar; explorar; expressar e conhece-se.

Na proposta de vivências para as crianças foi previsto, a todo momento, a organização de materiais, espaços e tempos que garantissem a construção da identidade, e o seu desenvolvimento integral, pensando nas diferentes linguagens.

Um dos nossos princípios básicos foi dar visibilidade ao protagonismo infantil e garantir relações que envolvem o respeito, o afeto, a amorosidade, a escuta sensível do professor e dos estagiários, mesmo à distância, valorizando a participação ativa das crianças e a cultura da infância.

A interação era defendida entre as crianças da mesma idade e de idade diferentes (irmãos, primos), com diferentes adultos da família, com os brinquedos e com o ambiente.

As vivências e experiências envolveram: o conhecimento de si e do mundo; linguagens e formas de expressão; narrativas e gêneros textuais, orais e escritos; a brincadeira e o conhecimento matemático; brincadeiras individuais e coletivas; brincadeiras livres, cuidado auto pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; brincadeiras e vivências éticas e estéticas, para favorecer a identidade e a diversidade; brincadeiras envolvendo o mundo físico, social, o tempo e a natureza; brincadeiras com música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; brincadeiras que envolvem a biodiversidade, sustentabilidade e recursos naturais; brincadeiras e manifestações de tradições culturais brasileiras; e brincadeiras a partir da tecnologia.

A partir da experiência vivida em 2020, eu me proponho a compartilhar as experiências profissionais que vivi e refletir sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças em casa. Muitas indagações passavam pela minha cabeça. Será que as crianças estão aprendendo? Será que minhas propostas estão garantindo um currículo mínimo? O que as famílias precisam? Acolhimento ou orientação pedagógica? Como fica Educação da Infância em tempos de distanciamento social?

As histórias contadas nos vídeos

Sempre defendi a proposta das caixas que contam histórias, os cenários, os personagens, as caixas, tudo encantavam as crianças que ficavam curiosas em manipular os objetivos, brincar, imaginar, “ouvir e ler histórias de várias formas, fazer de conta, dramatizar com fantoches as levava a apreender melhor a realidade” (SILVA; COSTA; MELLO, 2011, p. 95), mas com a pandemia as contações de histórias passavam a ser gravadas em vídeo, um desafio e tanto, a falta de diálogo e interação presencial colocava em xeque o que

acreditava, mas mesmo assim, produzi as contações e incentivei meus estagiários também.

Figura 1 – Abertura dos vídeos de histórias da professora e dos estagiários



Fonte:– Acervo da professora, 2020.

Percebi que além das histórias, o que as crianças queriam ver era a imagem da professora e dos estagiários, ouvir suas vozes e se sentirem acolhidas de alguma forma.

As crianças, em casa, diante dos celulares e/ou notebooks de seus pais, assistiram as contações, se envolveram com as histórias, pediam para repetir, assistiam várias vezes em horários mais diversos. As caixas de histórias e os vídeos foram um recurso de mediação, favorecendo a ampliação do vocabulário, expressão de sentimentos além de desafiá-las a levantar hipóteses sobre o que havia dentro das caixas.

Figura 2– Caixa que conta história – As centopeias e seus sapatinhos



Fonte: Acervo da professora, 2020.

Além dos vídeos, estimulava a leitura de livros infantis em casa, algumas famílias passaram a assinar um clube do livro infantil, outras famílias liam para seus filhos em casa, outras famílias não conseguiram. Instruía as famílias para apresentarem às crianças diferentes portadores de textos e se apresentarem como escribas, veja na escrita de uma lista para compras no supermercado ou um bilhete para colocar na porta da geladeira.

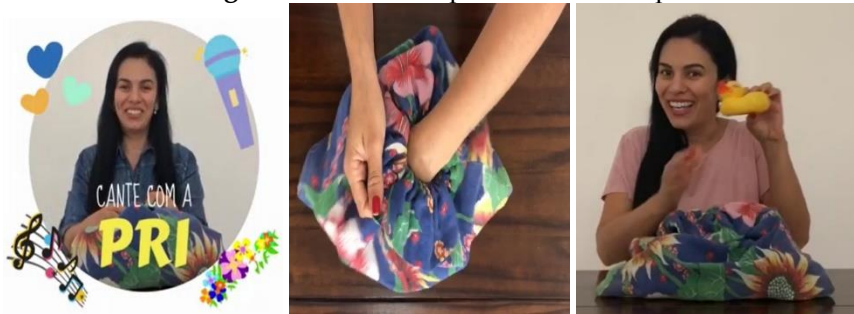
As músicas

Além das histórias as crianças pediam músicas, gravamos vários vídeos com músicas tradicionais folclóricas infantis. Usamos o saco surpresa e o dado de música para sortearmos as músicas e criar uma aleatoriedade no repertório.

No saco surpresa havia vários brinquedos e para cada um deles cantávamos uma música, tinha sapo, pintinho, jacaré, aranha, pato e outros animais. A professora sorteava o brinquedo na sacola, sem ver e ao tirar da sacola era uma surpresa para as crianças. Se fosse no trabalho presencial faríamos isso na roda cantada, cada criança iria tirar um brinquedo da sacola e iríamos cantar, dançar e dramatizar a partir da música. Além disso, poderíamos adivinhar

o que a criança pegou só pelo tato, as crianças levantariam hipóteses a partir das características do objeto, grande, pequeno, redondo, tem pontas, rabo, entre outros aspectos, mas essa dinâmica ficou comprometida à distância.

Figura 3 – Músicas a partir do saco surpresa



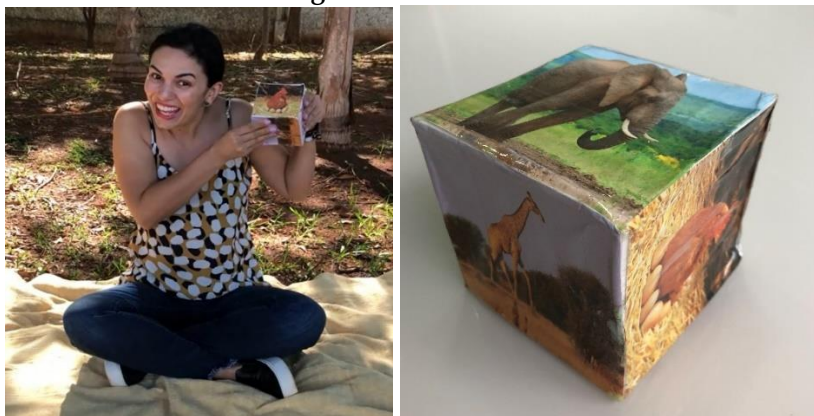
Fonte: Acervo da professora, 2020.

Em casa, pedi para as crianças separarem seus brinquedos e colocarem um saco para sortearem, muitas crianças fizeram e foi uma experiência lúdica e musical para as crianças e suas famílias.

Além do saco surpresa, usamos também o dado de música, cada face tinha uma figura e ao jogar o dado, o que saía na face superior era o que iríamos cantar. No trabalho presencial jogar o dado é algo que precisa ser aprendido, bem como interpretá-lo, à distância esse trabalho ficou comprometido, fiz a sugestão das famílias fazerem dados em casa com caixas e material reciclável, mas nenhuma conseguiu fazer.

Além das músicas infantis, orientava as famílias a ampliarem o repertório musical das crianças com músicas clássicas, instrumentais, rock n roll, música popular brasileira, entre outras.

Figura 4 – Dado de música



Fonte: Acervo da professora, 2020.

Receitas

As receitas foram incentivadas para as famílias envolverem as crianças em casa, pois sabemos que essa experiência envolve mão na massa, relações de quantidade, medida, divisão, tamanho, forma, espessura, peso, entre outros aspectos, além disso, elas envolvem as relações com a cultura da família.

Nossa recomendação era seguir as orientações da organização mundial da saúde, que crianças até 2 anos não devem consumir açúcar, visando construir hábitos alimentares saudáveis. Uma peculiaridade dessa turma é que muitas crianças que completavam seus dois anos de idade, ainda mamavam no peito, por escolha das crianças e das mães. Isso se intensificou por conta da pandemia, as mães ficavam 24 horas por dia com as crianças e esse vínculo envolvia nutrição, afeto, proteção, cuidado e amor. O leite materno fazia parte do cardápio de alimentos das crianças em casa.

O livro de receitas da UAC (2017) inspirou as famílias, mas percebi que elas foram além e inseriram as crianças no seu cotidiano culinário, estimei as crianças a experimentarem alimentos que nunca haviam comido, e muitas famílias se empenharam para fazer essa vivência.

Figura 5 – Desafio do alimento novo



Fonte: Acervo da professora, 2020.

Além disso, outros desafios foram postos, como por exemplo, descascar um ovo cozido, descascar frutas, cortar com a faca de mesa e comer sozinho com talheres.

Sabemos que alimentar-se é um ato de vida, bem-estar, conexão, saúde, prazer e convivência. Alimentação é história e cultura, ela nos conecta com a nossa comunidade local e global. Envolve sabores, cheiros, sons, texturas e cores, que passam a ser um ponto de apoio para vínculos, afetos, crescimento e desenvolvimento (CAVALLINI; TEDESCHI, 2015). Por isso, esse aspecto da alimentação estava presente em nossa proposta de trabalho pedagógico.

Vivências artísticas

Vivências artísticas também fizeram parte das propostas enviadas às famílias. Sabemos que o trabalho com as linguagens expressivas considera elaborar ricos ambientes contendo materiais diversos, que garanta a aproximação da arte em suas diferentes formas: música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (GOBBI, 2010).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2010), as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem respeitar princípios estéticos, voltando-se para diferentes manifestações artísticas e culturais e que considerem a diversidade cultural, religiosa, étnica e social do país.

Dessa forma, sugerimos vivências com as diferentes suportes e instrumentos, como: folha de sulfite, cartolina, papel cartão, papel laminado, caixa de pizza, caixa de papelão, plástico, plástico bolha, jornal, tecido, no chão, na parede de azulejo, na lousa, entre outros suportes. A partir de diferentes instrumentos como: canetinha, caneta, aquarela, lápis de cor, giz de cera, giz de lousa molhado, carvão, tintas naturais, tinta guache, entre outros materiais.

Figura 6 – Criança fazendo arte tai dai na própria camiseta em casa



Fonte: Acervo da família da Luiza, 2020.

Muitas outras vivências artísticas foram compartilhadas pelas famílias, percebi que as crianças tiveram a oportunidade de criarem, experimentarem e se divertirem com os adultos de casa, irmãos e primos.

Vivências corporais

Propostas de vivências corporais casa foram incentivadas. Circuitos que desenvolviam a coordenação motora, consciência corporal, equilíbrio, noções espaciais, destreza, lateralidade, agilidade, flexibilidade, força, paciência, direção, movimentos que envolviam o correr, saltar, rastejar, escalar, puxar, pendurar, andar entre outros movimentos.

Percebi que os quartos, salas de televisão e quintais foram usados para os circuitos, cadeiras, colchões, sofás, mesas, serviram de obstáculos para as crianças resolverem problemas com o próprio corpo. Além disso, percebi que as famílias investiram em motocas e bicicletas para as crianças, ampliando suas vivências corporais.

Brincadeiras em casa

As brincadeiras em casa foram nosso grande foco, já que entendemos que os eixos norteadores do currículo da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras (BRASIL, 2010), como já afirmamos no início desse relato.

Os elementos da natureza (folhas, pedras, gravetos, sementes), brinquedos de casa, materiais não estruturados (caixas de papelão, potes, palitos, caixas de papelão, retalhos, rolos de papel higiênico, entre outros objetos), areia, água, quebra-cabeça com o irmão, jogos de encaixe, bonecas, ferramentas, brincadeiras de faz de conta (de médico, mecânico, mãe, cozinheira), entre outras brincadeiras fizeram parte do cotidiano das crianças em casa.

Brincadeiras como bola ao cesto, pescaria de bolinhas, desafio do macarrão no corredor foram brincadeiras que fizeram as crianças resolverem problemas.

Vivências do cotidiano

As atividades da vida diária também contribuíram para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Algumas

ajudavam a família a estender roupas no varal, a recolher roupas, a separar os prendedores, na jardinagem, no cuidado com os animais de estimação, experiências ao ar livre de levar o lixo para fora, varrer a casa, cozinhar.

As crianças que tinham piscina em casa aprenderam a nadar, mergulhar, e fizeram muitas brincadeiras na água.

Tomar leite e outras bebidas no copo e não na mamadeira, tomar sol, tomar chuva, o desfralde, foram experiências riquíssimas para as crianças.

Considerações finais

Busquei com as propostas remotas de vivências desenvolver a autonomia das crianças a partir da rotina estabelecida na família; promover a participação delas na escuta, no diálogo, no respeito e na valorização de suas culturas.

Pude acompanhar tudo isso nas reuniões agendadas com os pais e reuniões coletivas no início e no final de cada semestre pelo Google Meet; o objetivo sempre era orientar os pais a desenvolverem vivências e experiências com as crianças que tinham como foco seu desenvolvimento integral e a construção da identidade; a partir do brincar, do cuidar e do educar.

A documentação pedagógica foi feita a partir de fotos e pequenos vídeos da turma, e disponibilizada às famílias semestralmente por mídia, isso só foi possível pois as famílias compartilharam comigo, pelo WhatsApp fotos e vídeos das crianças brincando em casa, ajudando nas tarefas da vida diária, fazendo as propostas enviadas e outras propostas encontradas pelas famílias.

Isso tudo só foi possível com a parceria com as famílias, com o apoio dos meus estagiários e de toda equipe da UAC. Sinto que poderia ter feito mais, mas muito além de propostas pedagógicas, as famílias precisavam ser acolhidas dentro de suas casas, no seu cotidiano, e respeitadas diante dos desafios e dificuldades que envolviam a saúde mental e física de todos.

A partir das reuniões as famílias declararam que em casa puderam acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos, o desfralde, o crescimento, a ampliação do repertório vocabular, entre tantas outras descobertas das crianças, que geralmente são as professoras, estagiários e a instituição de Educação Infantil que presenciam. Em meio a tantas dificuldades e desafios a vida pulsava e as crianças desejavam aprender e descobrir o mundo a sua volta.

As limitações do contato físico indicaram que nada substitui o ensino presencial, a riqueza das interações, as situações da rotina da Educação Infantil como espaço coletivo, faz experiências únicas e fundamentais para a criança viver sua infância plenamente.

Referências

ALMEIDA, Luana Costa. Preciso fazer estágio professora? – Estágio como experiência formativa primordial. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021, p. 1 -20. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC**. 2017. Disponível em: http://base.nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: março de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras na creche: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAVALLINI, Ilaria; TEDESCHI, Maddalena. **As linguagens da comida: receitas, experiências, pensamentos**. São Paulo: Phorte, 2015.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da educação infantil**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 11 fev. 2021.

SILVA, Lésia M. Fernandes; COSTA, Edna Ap. da; MELLO, Ana Maria. Os contos que as caixas contam. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. Prefácio. In: SILVA, Adriana; CALDEIRON, Ana Cláudia; ALVES, Cândida Maria Santos Daltro; FINCO, Daniela; et al. **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

**Docência e pandemia:
experiências com bebês e famílias do Nei Paulistinha -
UNIFESP**

Diana Cristina Vicente da Silva
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM)

E-mail: dianainternext@gmail.com

Dilma Antunes Silva
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Universidade Federal de São Paulo
E-mail: antunes.dilma@unifesp.br

Introdução

Uma nova década. Promessas. Novo começo?

Quando teve início a queima de fogos que anunciava a chegada do novo ano, nós não imaginávamos que 2020 seria um período tão desafiador. Nos primeiros instantes celebrávamos a vida e nos agarrávamos às promessas de futuro, com desejos de alegria, paz, amor, saúde e prosperidade. Havia quem profetizasse uma sociedade mais justa, com a garantia de direitos sociais básicos como educação, saúde, trabalho, entre tantos outros desejos. O que não imaginávamos era que, junto com as promessas, estariam as muitas incertezas – do presente e de um tempo futuro – quanto à vida.

Vivemos um período de profundo caos e medo. Tristeza, doença, injustiça, desemprego, inúmeras vidas perdidas. O país vestiu-se de luto e dor. As escolas fecharam suas portas e o ensino foi reconfigurado para o ambiente virtual. Outros modos e tempos de interação foram negociados e aprendidos. Vivemos um tempo de novos aprendizados, de novos modos e tempos de viver a educação na primeiríssima infância, que é o foco das reflexões apresentadas neste texto.

Escrevemos sobre nossa experiência como docentes em uma turma de Berçário II (BII) – crianças, à época, com idades entre 15 e 22 meses – ressaltando as (im)possibilidades de realização de atividades em contexto de isolamento social decorrente da pandemia. Buscamos revelar nossa postura política, teórica e epistemológica frente aos desafios da vida e da profissão. De acordo com Prado, Cunha e Soligo (2005, p. 8):

Registrar as vivências, experiências, memórias e reflexões vêm se mostrando imprescindível não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais da educação, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. [...] É também por isso que nós, educadores, precisamos escrever. Para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender.

Dessa maneira, nos propomos a escrever sobre o que vivemos, sentimos e sabemos. O recorte de cenas e narrativas costuradas nesse texto tem como objetivo estimular outras(os) docentes a também escreverem sobre o que vivem, sentem, pensam e sabem. Ao refletir sobre a nossa humana docência (ARROYO, 2013), tomamos consciência acerca da importância de nosso fazer; temos a oportunidade de reconstruir saberes e analisar os fatos ocorridos com maior clareza.

A realidade do ensino remoto com bebês

A condição de distanciamento social imposta pela pandemia favoreceu uma ampla adoção do ensino remoto emergencial, por governos federal, estaduais e municipais, como principal estratégia para a redução do impacto causado pelo fechamento de creches, escolas e universidades. Diferentes argumentos produzidos e reproduzidos buscam legitimar, ou talvez até questionar, o lugar que o ensino remoto vem ocupando aceleradamente na educação brasileira. Com alguma frequência argumenta-se que as soluções encaminhadas para realização desse ensino, mediado por telas,

possibilitariam a continuidade do trabalho pedagógico, reduzindo os prejuízos à aprendizagem dos educandos.

Sim, sob a égide da garantia do direito à educação, as redes de ensino, as escolas e os docentes se organizaram para assegurar a continuidade de processos educativos e a manutenção de vínculos com crianças e famílias. A sensação é de que foi dada a largada para uma corrida intensa e exaustiva rumo ao aprender – aprender “as maravilhas do mundo tecnológico”. Nesse percurso, muitos obstáculos são acionados pelas condições objetivas a que docentes, nas mais diversas regiões do país, estão sujeitos – como o acesso, a conectividade, os equipamentos, entre outros.

E quando direcionados à educação de bebês, essa realidade se agrava com alguns dos desafios da Educação Infantil – o baixo conhecimento quanto ao uso pedagógico de tecnologias digitais na educação de bebês e crianças pequenas, a sobrecarga de tarefas, as dificuldades de adaptação do formato de atendimento pedagógico para o ensino remoto, a baixa participação dos educandos/famílias nas atividades síncronas, o aumento da demanda de atendimento individual às famílias, entre tantos outros vividos e sentidos na primeiríssima infância.

As primeiras experiências nesse novo formato nos alertavam para o fato de que, longe de ser uma solução milagrosa, o ensino remoto possui limitações e jamais conseguirá substituir a experiência educativa presencial. Isso porque o currículo desta etapa não é organizado em disciplinas fechadas, mas visa um conjunto de saberes, conhecimentos e experiências mais abertas – “afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, capacidade de utilizar as diversas linguagens [...] para expressar e comunicar suas ideias [sentimentos e emoções], interpretar e usufruir das produções culturais; [...]” (ARROYO, 2013, p. 96).

A dimensão relacional é um dos principais pilares da Educação Infantil e se manifesta no cotidiano da creche e pré-escola de diferentes maneiras, vinculando-se a brincadeiras e interações estabelecidas entre os sujeitos da ação educativa. No ambiente virtual, no entanto, essa dimensão é atravessada por diferentes

dificultadores, como por exemplo: não se pode abraçar, beijar, cochichar algo para alguém; também não é possível dar e receber colo; trocar brinquedos ou disputá-los; não se pode apostar corrida para ver quem se senta primeiro mais perto da professora ou ainda, que seja somente para testar seus limites.

Uma flor, as sementes ou os bichinhos que encontramos no jardim ou parque já não passam mais de uma mão para outra, nem são observados por muitos olhares curiosos como antes. Pequenos gestos e atos cotidianos, tão carregados de significados e afetividade, parecem perder sentido, pois falta “algo mais” e isso a tecnologia não pode nos dar.

Refletir sobre esses aspectos é necessário para fortalecer a compreensão sobre a escola da infância como um tempo-lugar propício para o crescimento e o desenvolvimento humano, onde se pode aprender e ampliar curiosidades e competências, relacionar-se com a cultura e apropriar-se dela (ARROYO, 2013; SILVA, 2020).

Nosso argumento é o de que a educação infantil, segundo sua finalidade, só se realiza em um processo dinâmico e complexo de interações entre os entes humanos. Nesse sentido, nos lembra Arroyo (2013, p. 183):

Nosso ofício na Educação Básica é plural: que como humanos desenvolvam-se plenamente. Que aprendendo os conhecimentos e os significados da cultura, a infância e a adolescência aprendam a serem capazes de tratar com relações sociais, com os sentimentos, com símbolos, rituais e linguagens, com o movimento do corpo, com os espaços e os tempos, com os registros da fala, com os diversos registros e modos de pensar, com formas diversas de relações interpessoais e sociais, com lógicas, leis, com o permanente e o diverso. [...] Todas essas competências fazem parte do desenvolvimento humano e todas elas fazem parte da vida em qualquer tempo e situação [...]. São competências de todo ser humano que nos conformam como humanos. [...] São competências imprescindíveis para a compreensão e intervenção das relações sociais. Para reproduzir sua existência na trama dos interesses políticos e econômicos, nas condições de classe, gênero e raça em que os educandos reproduzem sua infância ou juventude e reproduzirão sua vida adulta.

No Núcleo de Educação Infantil (NEI) Paulistinha, a ação pedagógica com bebês tem como ponto de partida a observação

atenta e sensível das crianças em suas múltiplas ações e o respeito aos seus diferentes tempos e ritmos. Nessa direção, Ostetto (2012, p. 194) explica que a atuação docente deve ter como horizonte compreender o que os bebês e as crianças bem pequenininhas “buscam saber sobre o mundo a sua volta, quais suas preocupações e que perguntas estão fazendo num dado momento? Afinal, para onde está direcionada a curiosidade das crianças?” Para esta autora, é urgente ouvi-las – “no choro, no balbucio, no gesto, na palavra, na ação. A escuta é a disponibilidade ao outro e a tudo que ele tem a dizer. E mais: a escuta, torna-se, hoje, o verbo mais importante para se pensar e direcionar a prática educativa” (p. 194).

E no ensino remoto, sem a presença física, o contato, o olhar, a observação atenta do professor, como realizar essa escuta?

Da ruptura ao convite para continuar

Sempre que tem início um novo ano letivo temos a sensação de uma nova atmosfera envolvendo toda a escola. Nas primeiras reuniões para elaboração do planejamento pedagógico é comum que as educadoras compartilhem suas expectativas; mesmo antes de conhecer e/ou reencontrar as crianças e as famílias, essas profissionais já sonham com as possibilidades para realização do trabalho educativo. A intencionalidade de sua ação vai se manifestando gradualmente nas escolhas didático-metodológicas que fazem, na seleção e na organização de materiais e objetos que compõem o ambiente de convivência diária com as crianças, em previsões, antecipações e improvisações realizadas, nas decisões que precisam tomar.

No NEI Paulistinha, escrita de uma carta de intenções vem se constituído como uma prática fundamental de registro da e como ponto de partida para o planejamento docente. Esse instrumento se sustenta nos saberes que as docentes possuem, na observação e na escuta dos bebês, no diálogo e na parceria com as famílias, o que nos indica possibilidades, desejos e flexibilidade do percurso educativo (SÃO PAULO, 2019).

No decorrer da pandemia, esse planejamento foi revisto e outras formas de documentar o vivido tiveram de ser pensadas. Sem descuidar dos princípios que orientam a proposta pedagógica do NEI Paulistinha, indagávamos: o que propor? Quais vivências são mais importantes? Como valorizar aquilo que os bebês já sabem? Haveria um jeito certo de trabalhar com bebês não estando fisicamente com eles? Quais promessas, quais saberes e quais lógicas essa educação mediada pelo uso de tecnologias incorporaria?

Importa salientar que, em resposta ao cenário atípico, o NEI Paulistinha tem realizado inúmeras ações com o propósito de alcançar as crianças e suas famílias/responsáveis, como forma de atenuar os efeitos do distanciamento social sobre os processos de aprendizagem. Tendo isto em mente, após revisitadas as intencionalidades pedagógicas, procedeu-se com a seleção, a produção e o encaminhamento de propostas possíveis de serem realizadas com bebês e suas famílias, em casa, como por exemplo: a indicação de livros, vídeos e brincadeiras, a construção de brinquedos com objetos de uso cotidiano, a sugestão para organização de ambientes e cantinhos lúdicos.

As atividades síncronas do BII foram divididas em duas etapas – os encontros com bebês e famílias, com caráter lúdico; e os encontros formativos para as famílias, com a participação de profissionais de diferentes áreas. Os temas desses encontros buscavam responder a anseios, inquietações e expectativas que as famílias possuíam em relação ao desenvolvimento saudável dos filhos – amamentação, alimentação, higiene bucal, desenvolvimento da fala, estabelecimento de formas de comunicação não violenta, entre outros.

A realização de propostas assíncronas foi garantida coletivamente pelos professores da educação infantil, que se dividiram em pequenos grupos para planejar, discutir e desenvolver cada ação. Pelo menos quatro frentes de trabalho foram constituídas para dar conta das demandas que se criam

necessárias naquele momento. O envio das propostas assíncronas foi planejado da seguinte maneira:

- Segunda-feira: indicação de experiências brincantes.
- Terça-feira: *podcasts* endereçado às crianças – “brincando com as palavras” (parlendas, trava línguas etc).
- Quarta-feira: conhecendo artistas da cultura popular.
- Quinta-feira: vídeos de histórias, músicas e brincadeiras.
- Sexta-feira: *podcasts* endereçado às famílias – “entrelaçando diálogos”

Embora houvesse um cronograma previamente definido para os envios destas propostas, foram observados sentimentos de preocupação e senso de culpa por parte das famílias, isso no que diz respeito ao seu acompanhamento. Em geral, essas propostas foram encaminhadas pelo celular, com o uso do *Whatsapp*, e se sobrepunham a outros comunicados da escola e às mensagens próprias do grupo, entre professoras e famílias.

Em avaliação posterior, as docentes concordaram que, para o caso específico das famílias com bebês, parte da solução teria sido a filtragem de conteúdos e materiais encaminhados, verificação e controle de envios, evitando, assim, a sobreposição e o excesso de mensagens diárias. As docentes ainda avaliaram que no caso específico da série de *podcasts* “brincando com as palavras” não havia coerência da proposta em relação à idade dos bebês.

Em meados de agosto, as educadoras propuseram uma enquete com o objetivo de melhor compreender a dinâmica de horário das famílias e consultá-las quanto a sua disponibilidade em participar de possíveis encontros síncronos. A partir das devolutivas, consideraram oportuno manter o grupo de *WhatsApp* aberto por períodos mais longos e, esporadicamente, aos finais de semana – essa estratégia viabilizou uma interação maior entre as mães e os pais da turma, e destes com as educadoras.

Pequenos vídeos e imagens de crianças desenhando em paredes, pintando seus corpos, brincando com animais de estimação, com água, terra, no quintal ou dentro de casa, andando de bicicleta pelo bairro na companhia do pai, ajudando os avós a plantar mudas de

árvores ou ainda festejando seu segundo ano de vida. Os relatos que iam chegando revelavam importantes avanços no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social: **“já está falando tudo”**; **“está saindo da fralda”**; **“aprendeu a fazer birra”**.

Os primeiros passos de uma criança foram registrados pela família e compartilhados por *Whatsapp*, e nessa ocasião, mensagens de incentivo, elogios e solidariedade movimentaram o grupo no aplicativo. Outros relatos davam conta das estratégias adotadas pelas famílias ao longo das semanas e meses, recolhidas em seus lares: **“Temos feito muita atividade com pintura, canetas e giz”**; **“Aqui fizemos um cantinho de leitura”**, por exemplo.

Inspirando-se no livro de “Vá embora, grande monstro verde!”, de Ed Emberley, uma mãe confeccionou, a partir de um caixa de papelão, um monstro para sua filha brincar. Segundo seu relato: **“Foi o maior sucesso! [Minha filha] [...] ficou com livro no colo um tempão, contando para os brinquedos a história e batendo palma no final”**. A postagem de fotos dessa vivência teve repercussão muito positiva no grupo e, em certa medida, encorajou outras famílias a compartilharem algumas cenas cotidianas vivenciadas pelos seus bebês. **“É o monstro mais fofo que já vi”**, escreveu um membro do grupo de *WhatsApp*.

Esse registro foi compartilhado após o envio, pelas educadoras, de um boletim que resgatava a história do grupo de bebês no período que antecedeu ao agravamento da crise sanitária no país. Organizado em seções, o material continha fotografias, síntese das propostas desenvolvidas naquele primeiro momento e, também, registros de observações das crianças em diferentes situações de interação e brincadeira e em diversos espaços do NEI Paulistinha – sala de referência, sala de leitura/biblioteca, parque, solário e outros. A seção intitulada “Caixa de livros” trazia a resenha das histórias favoritas do grupo.

No aconchego do lar: os encontros síncronos com bebês e suas famílias

Essas memórias que estamos relatando se referem às experiências vivenciadas junto com bebês e suas famílias no período de agosto a dezembro de 2020, quando as propostas síncronas e assíncronas se intensificaram, haja vista a organização da escola frente aos desafios educacionais impostos pela pandemia. Nesse novo arranjo, a equipe do BII se deparou com o desafio de continuar a garantir a não fragmentação das experiências de vida e aprendizagem dos bebês (Carta de Intenções – Berçário II, 2020).

Os encontros síncronos, com a participação dos bebês e seus responsáveis, geralmente mães, foram realizados com intervalos mensais, em dias e horários previamente combinados. O cronograma foi compartilhado por e-mail e por aplicativo de mensagens, para que os pais ficassem cientes. Na véspera de cada encontro um lembrete era enviado às famílias, mas, apesar desse cuidado e todo o empenho no planejamento, o número de participantes era frequentemente baixo, e as justificativas revelaram o contraste entre o tempo escolar e as demandas familiares relacionadas ao tempo-ciclo de vida (ARROYO, 2013) das crianças. Também nos indicavam as condições objetivas de produção da própria existência em contexto tão adverso.

Os trechos a seguir, extraídos do relatório coletivo do Berçário II, são indicadores dessa complexidade.

Tivemos um encontro com poucas famílias, mas [...] ficamos muito felizes em ver o empenho das famílias dispensando um tempinho para estarmos juntos e, incentivando os bebês a brincarem e interagir.

[...] [algumas] famílias ali presentes comentaram que seus filhos, apesar de gostarem de ver os colegas e as professoras, ficam pouco à vontade em frente à tela. Há casos em que a criança chora ou fica irritada, pois não compreende muito bem a situação de estar perto e longe ao mesmo tempo.

Não raro, as famílias demonstravam sentimento de culpa por não terem conseguido participar de alguma atividade proposta.

Me desculpem ... esse horário é meio corrido para mim. Acabei não conseguindo participar da reunião [...] O [bebê] está dormindo, desculpem... (Mensagem enviada às professoras por uma mãe, via *WhatsApp*, ago./2020).

A dificuldade tem sido enorme [...] [em casa] nos revezamos em uma rotina corrida e exaustiva. [...] Sobre as atividades por videoconferência, tivemos dificuldade [...] além da questão do horário, percebemos que o [bebê] não demonstra interesse pelas interações por vídeo e acaba ficando irritado (Trecho de uma correspondência eletrônica enviada por uma mãe do BII, dez./2020).

Notas sobre os encontros virtuais com bebês e famílias

A escola da infância, nesse momento atípico, ganha uma extensão – os muitos lares onde vivem os bebês e suas famílias – que, embora provisória, precisa ser cuidada. Vale lembrar, que a “escola é feita de pessoas” (PACHECO, 2016, s/p.), sobretudo, pessoas que se relacionam, que trabalham, se alegram, se conhecem, se estimam, se preocupam umas com as outras, discutem, traçam metas, desenvolvem projetos, sonham e realizam (FREIRE, 2008; SILVA, 2020). Portanto, sua dimensão humanizante e humanizadora é irrevogável.

Agarradas nessa premissa, as educadoras responsáveis pelo agrupamento de bebês organizaram um encontro com horário flexível, no início da noite, com o propósito de demonstrar solidariedade e acolhê-los. Adotando a escuta como metodologia, as professoras propuseram aos participantes a elaboração de banco de palavras que, segundo cada um/uma lhes fossem representativas do momento vivido e que pudessem ser evocadas como palavras “de futuro e esperança”. Estas foram as palavras registradas: desenvolvimento, perseverança, esperança, paciência, doação, força, renascimento, relevância, acreditem no sonho e mantenham-se firmes na caminhada, saudade, amor, certeza de dias melhores, carinho, aprendizado, gratidão e coragem.

A figura a seguir, desenvolvida por uma das educadoras do agrupamento, foi encaminhada por e-mail às famílias do BII.

Naquele contexto, cada uma dessas palavras exprimiam significados muito particulares. A imagem ao centro – árvore da vida¹ – foi utilizada para representar a ligação entre famílias-crianças-educadoras-escola-bairro universitário e para afirmar seus vínculos.

Escutar o que mães/pais, avós ou outro responsável pela criança têm a dizer é um aspecto fundamental do trabalho educativo em creches e pré-escolas. O acolhimento e a escuta ética e sensível são essenciais nesse processo, o que nos ajuda a compreender o que sentem e pensam, e isso pode favorecer o estreitamento de vínculos e fortalecimento da confiança.

Quando pensamos em proporcionar aos bebês experiências lúdicas e estéticas, fazemos isso na perspectiva da função sociopolítica da educação, a qual compreende o fortalecimento das condições de participação das famílias nos processos educativos e de gestão, garantindo não apenas a transmissão de informações sobre os diferentes acontecimentos que envolvem seus filhos e filhas e circundam o ambiente educacional [...] (Trecho da Carta de Intenções- Berçário II, 2020).

O objetivo dos encontros síncronos com bebês e famílias, como revela esse trecho da carta, não tem relação com a mera transmissão



¹ A árvore da vida é um símbolo conhecido entre diversos povos e culturas. No ano de 2019, quando parte do grupo frequentou o Berçário I, foi desenvolvido pelas professoras, em parceria com as famílias e com artistas-educadores do NEI Paulistinha, um projeto relacionado à árvore da vida. O intuito ao utilizar este símbolo no ano seguinte, foi o de recuperar e valorizar os percursos já trilhados pelos protagonistas.

de informações, pois se baseia na noção de partilha de tempo, de representações e emoções (SARMENTO, 2004), tão necessária para processo de crescimento humano de crianças e adultos.

Contação de histórias, histórias musicadas, brincadeira com tecidos, dança, por exemplo, são vivências que, graças à colaboração das famílias, foram possíveis no ambiente mediado por tela. Verdade seja dita, os desafios do trabalho remoto pareciam enormes, assustadores! Coube-nos o exercício permanente de avaliar as condições de oferta, bem como a qualidade das experiências vivenciadas pelas crianças, tendo em mente que a educação infantil é fase privilegiada para brincadeiras e interações que resultam em aprendizagens significativas e duradouras.

Foram cinco encontros no total, com duração de 45 a 60 minutos. Cada um deles previamente preparados e discutidos e, em seguida, avaliados pelas educadoras que buscavam um melhor encaminhamento dessas propostas. Para otimizar o tempo e a qualidade da interação, algumas vezes as educadoras solicitavam às famílias que separassem um objeto de uso cotidiano ou tecidos para serem usados como brinquedo ou cenário para a vivência pedagógica.

Em um desses encontros, a equipe do Berçário II sugeriu uma brincadeira com bola de meia. Um pequeno vídeo feito pelas professoras foi compartilhado no grupo de *Whatsapp*, instruindo sobre como confeccionar o brinquedo e convidando a todos a participarem da brincadeira. O convite teve como inspiração a música “Bola de meia, bola de gude”, interpretada por Milton Nascimento. Lembrar que há um passado em nosso presente, como diz a letra desta canção, foi um caminho que escolhemos trilhar para fortalecer o caráter lúdico das atividades síncronas, além de ser uma oportunidade para as famílias socializarem suas lembranças da infância e refletirem sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento e para a construção do conhecimento infantil (KISHIMOTO, 1994).

Durante a ação, algumas dificuldades foram observadas, como por exemplo os microfones que tiveram de ser silenciados e alguns participantes escaparam do enquadramento da tela. Contudo, as

cenar da menina correndo pela sala para alcançar a bola que o irmão mais velho lhe arremessara ficaram guardadas na memória dessas educadoras como uma das 'bonitezas' que a pandemia tolheu da escola da infância. Lá o som seria audível e a emoção contagiante.

Devemos salientar, que a escolha desta música não se deu apenas por seu conteúdo lúdico, mas especialmente pelo contexto político. Serviu-nos como inspiração para pensar a educação de bebês e crianças pequenininhas, o compromisso público com a oferta de educação infantil de qualidade e reafirmar a impossibilidade da realização dessa experiência educativa à distância.

A educação infantil, assim como na canção,

*[...] fala de coisas bonitas
que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo
não quero viver como toda essa gente insiste em viver
Não posso aceitar sossegado
qualquer sacanagem ser coisa normal*

Mais uma vez a música é nossa força inspiradora:

Ela nos leva a refletir sobre nosso trabalho, sobre quem nós somos, sobre como interagimos com as pessoas. Nesse tempo de pandemia buscamos outras formas de estar presentes nas vidas das crianças. Foram tantas as incertezas. Acertos e erros. Como brincar, interagir, descobrir, trocar afetos em contexto remoto? Quando a música diz "há um passado no meu presente" eu tenho esperança. A música fala das bonitezas da infância, valoriza a brincadeira e as emoções, tudo isso está presente na relação professora-bebês/crianças- famílias na educação infantil (Relato pessoal- Prof^a Diana Cristina).

As palavras de Cerisara (2002, p. 341) corroboram o relato da educadora e ratificam uma importante pauta da luta pelo direito das crianças a vivenciarem seu tempo de infância, de modo livre, lúdico e curioso:

O que reivindicamos é **o espaço para a vida, para a vivência das emoções e dos afetos** – alegrias e tristezas –, para as relações entre coetâneos e não coetâneos, para os conflitos, confrontos e encontros, para a ampliação do repertório vivencial e cultural das crianças a partir de um compromisso dos adultos que se responsabilizam por organizar o estar das crianças em instituições educativas que lhes permitam construir sentimentos de respeito, troca, compreensão, alegria, apoio, dignidade, amor, confiança, solidariedade, entre tantos outros. Que lhes garantam acreditar em si mesmos e no seu direito de viver de forma digna e prazerosa (Grifos nossos).

Esse espaço é construído em presença; carrega as marcas daqueles o habita; é sonhado, modificado; é palco de aprendizagens e descobertas; é guardião de memórias e histórias. Tem cheiro, cores, aromas e sons... Por mais que nos esforcemos para qualificar as atividades em ambiente remoto, jamais conseguiremos transpor suas inúmeras barreiras. Por isso, parafraseando a canção, não podemos e não devemos aceitar sossegados que esta seja uma coisa normal.

Na continuidade das atividades síncronas e apostando na ludicidade como ferramenta fundamental do trabalho educativo na primeira infância, foi realizado um encontro de musicalização e contação de história, com a participação de uma artista-educadora. O foco foi a cultura popular brasileira e a herança cultural dos povos africanos, procurando, com essa proposta, resgatar a experiência vivenciada pelos bebês, em momentos anteriores na escola, com os diferentes parceiros. Iniciou com a canção “Funga Alafia”, cujo significado está relacionado à amizade e à afetividade. Também é uma expressão usada no oeste da África para dar “boas-vindas”. Na sequência, adultos e crianças presentes na sala virtual foram convidados a brincar com as cantigas populares e a ouvir a contação de história criada pela artista-educadora.

Funga Alafia, como canção de chegada, é geralmente acompanhada por gestos e expressões que refletem seus significados. Em tradução livre, diz assim:

*Meu pensamento está em você
Meu olhar está em você
Minhas palavras são para você
Meu coração está com você!*
(Projeto Serelepe, 2008²)

No livro *Brincadeiras Cantadas de Cá e de Lá*, Maristela Loureiro e Ana Tatit trazem a seguinte versão:

*Meus pensamentos estão prontos pra te receber
Minhas palavras são de acolhimento
Meu coração está repleto de afetividade
E não tenho cartas na manga*

A afetividade, o estreitamento de vínculos, as demonstrações de solidariedade e respeito, a ludicidade e a abertura a críticas e sugestões pautaram a organização e o planejamento de cada encontro síncrono. Desde o acolhimento, no planejamento das propostas, na organização de tempos, espaços e materiais; na busca de soluções com outros pares, na relação com as famílias e com a equipe escolar, o que se procurou fazer foi ‘dirigir’ o nosso olhar às crianças e suas famílias, o nosso coração estava com elas, e talvez essas fossem a nossa carta na manga.

Sem desviar nosso olhar do sujeito central – as crianças – finalizamos o compartilhar dessa reflexão com outras perguntas: como garantir espaços de escuta e protagonismo de bebês e crianças pequenas em ambiente virtual? Estaremos prontos para viver o “novo normal” na escola da infância?

A pandemia terá um impacto duradouro na educação infantil. As práticas pedagógicas, os hábitos, as formas de relacionamento entre os diferentes sujeitos e a maneira como os bebês e as crianças pequenas interagem nos ambientes sofrerão mudanças

² O Projeto Serelepe é uma ação da Escola de Belas Artes- Universidade Federal de Minas Gerais. Para mais informações: <<http://programaserelepe.blogspot.com/2018/04/coisas-lindas-da-nossa-africa.html>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

significativas, no entanto, há que se insistir e preservar os princípios da educação infantil e os direitos sociais das crianças.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. MEC/SEB, 2009.

FREIRE, Paulo. A escola. **Rizoma Freireano**, Instituto Paulo Freire-Espanha, n. 8, 2008. Disponível em: <http://www.rizoma-freireano.org/a-escola-paulo-freire> Acesso em: 26 jan. 2021.

KISHIMOTO, T.M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

LOUREIRO, Maristela; TATIT, Ana. **Brincadeiras Cantadas de Cá e de Lá**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

MELLO, W.L.de.; PIZZI, L.C.V. Do currículo real ao real do currículo: um olhar sobre a atividade docente em sala de aula. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Vol. 10, n. 22, p.19-149, 2013.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PAULISTINHA. **Carta de Intenções- Berçário II**. Núcleo de Educação Infantil- Escola Paulistinha de Educação. São Paulo, 2020.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PAULISTINHA. **Relatório Coletivo do Berçário II: 2º semestre**. Núcleo de Educação Infantil- Escola Paulistinha de Educação. São Paulo, 2020.

OSTETTO, Luciana E. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana E. (org.).

Encontros e desencontros na educação infantil: partilhando experiências de estágios. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PACHECO, José. “**A escola não é um edifício, são as pessoas**”. Entrevista. Agência Brasil. Brasília, 09 de abril de 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/escola-nao-e-um-edificio-sao-pessoas-diz-idealizador-da-escola-da-ponte>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Barrichelo; SOLIGO, Rosaura. Formação, Escrita e Produção de Conhecimento no Contexto da Escola. In: VICENTINI, Adriana Alves; SANTOS, Inês Henrique dos; ALEXANDRINO, Ronaldo. (Orgs.). **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos**. Editora Unicamp, 2005.

SARMENTO, M. J. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p.9-34.

SILVA, Dilma Antunes. **Qualidade social da creche: polissemia de múltiplas vozes**. 2020. 299 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23367>.

Através das telas: possibilidades de trabalho remoto em tempos de pandemia

Ana Paula Santiago do Nascimento
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Universidade Federal de São Paulo

E-mail: ana.santiago@unifesp.br

Nádia Massagardi Caetano da Silva
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Universidade Federal de São Paulo

E-mail: nadia.massagardi@unifesp.br

Rosimeire Andrade de Jesus
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina
E-mail: meyreandrade5@gmail.com

Introdução

O relato que aqui apresentamos é referente às experiências vivenciadas com crianças de quatro e cinco anos em 2020, período marcado por uma crise sanitária em decorrência da pandemia do novo coronavírus, que modificou relações e impactou diretamente a escola e seu cotidiano. Através deste, intencionamos refletir sobre possibilidades de trabalho remoto emergencial, destacando os caminhos que consideramos exitosos em nossa trajetória, mas também considerando os limites do modelo adotado.

No Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de educação (NEI-EPE) vinculado a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), instituição onde ocorreram as experiências aqui apresentadas, estivemos juntos presencialmente nos meses de fevereiro e março, período em que os primeiros vínculos se estabeleciam e os grupos eram constituídos. Com a suspensão dos encontros, passamos por um pequeno período de adaptação, em que buscamos tatear as possibilidades de estar junto com as

crianças, ainda que fisicamente apartados. A princípio nos parecia inviável conceber qualquer ação à distância, uma vez que a educação infantil é eminentemente presencial: depende de toque, olhar, gestos e expressões, para além de palavras.

O cenário de dúvidas e incertezas se apresentava não só em nossa escola, quanto nas diferentes unidades de educação, no Brasil e no mundo. Através de alterações na legislação, fomos flexibilizando nosso olhar sobre as possibilidades de estabelecer trocas e promover encontros. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº. 9394/96 já previa o ensino a distância como possibilidade a ser adotada na complementação da aprendizagem no ensino médio, educação profissional técnica de nível médio, educação de jovens e adultos, educação especial ou, em situações emergenciais, na educação fundamental. Em 01 de abril de 2020, a Medida Provisória Nº. 934, flexibilizou a obrigatoriedade dos dias letivos. Em 04 de maio de 2020, o Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou o Parecer Nº. 05/2020, possibilitando que atividades pedagógicas não presenciais pudessem ser utilizadas na reorganização do calendário escolar, para cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da Covid-19 (BRASIL, 2020e). Tal documento autorizou, de maneira muito ampla, o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais para a educação básica, enquanto as restrições sanitárias e as medidas de distanciamento social estivessem vigentes, destacando que:

[...] a realização das atividades pedagógicas não presenciais não se caracteriza pela mera substituição das aulas presenciais e sim pelo uso de práticas pedagógicas mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação que possibilitem o desenvolvimento de objetivos de aprendizagem e habilidades previstas na BNCC, currículos e propostas pedagógicas passíveis de serem alcançados através destas práticas (BRASIL, 2020e)

Quando o que parecia um breve recolhimento passou a se estender, passamos então a considerar estratégias para minimizar a distância. Nos mantivemos firmes em nossos princípios, sabendo

que nenhuma ação substituiria o que vivíamos presencialmente, mas notamos que de alguma forma poderíamos estreitar os vínculos com as crianças através de encontros virtuais.

Mediados por telas, buscamos, atentas às intencionalidades pensadas para este agrupamento, garantir algumas experiências e aprendizagens, sabendo que pouco conseguimos nesse contexto. Tomando como princípio o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no que se refere aos objetivos da Proposta Pedagógica:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (p.18)

Reconhecemos os limites de nossas ações e, com descontentamento, assumimos que talvez algumas crianças não tenham sido atingidas. Buscamos aqui relatar algumas situações vivenciadas em ambiente remoto, ainda que vividas por apenas parte do grupo.

Antes de iniciarmos o relato, convém reforçar nossa defesa pela educação da infância, o que não se dá de modo virtual. Quando optamos por encontros virtuais, foi por entender que este seria um meio de contato e uma forma de encontro com as crianças. Embora tenhamos planejado ações baseadas em intencionalidades pedagógicas, sabemos que neste contexto pouco conseguimos, ou que nos foi difícil mensurar de que forma cada criança se beneficiou das experiências propostas ou dos encontros vividos.

Alternativas de aproximação em tempos de distanciamento social

A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. (SANTOS, 2020)

Ao início do ano, quando fizemos nosso planejamento, ainda que já fossem noticiados casos de covid-19 pelo mundo, ainda não considerávamos a possibilidade de termos nossas rotinas alteradas pelo vírus. Mesmo quando tudo parou, ainda costumamos acreditar que aquilo pudesse ser duradouro...

Inicialmente as docentes da educação infantil, coletivamente, decidiram enviar vídeos para as crianças de histórias e músicas, para que os vínculos fossem mantidos até que pudéssemos retomar os encontros presenciais, imaginando que isso ocorreria em algumas semanas. Mas esse tempo foi se alongando e em algum momento percebemos que essa volta não iria acontecer em 2020-sensação que foi acompanhada tanto por médicos e infectologistas da área, quanto por flexibilizações no calendário escolar.

Com a constatação de que o retorno não estaria próximo, iniciamos as discussões para organizar materiais assíncronos e encontros síncronos, que complementaríamos as ações coletivas que estávamos fazendo, que nesse momento já eram mais que vídeos de histórias e músicas: podcasts de adivinhas e parlendas, um artista da cultura popular brasileira por quinzena, além de ações voltadas para as famílias. Nomeamos como atividades assíncronas essas diferentes formas de contato com as crianças que não presumia um encontro, poderiam ser acessadas pelas crianças e suas famílias no tempo que julgassem oportuno. Já os encontros síncronos, como o próprio nome indica, seriam momentos de trocas, para estarmos juntos, de forma a garantir as interações e brincadeiras previstas nas Diretrizes.

Fomos pensando alternativas à presença física, buscando garantir que ocorressem os encontros. Assim, nos encontrávamos duas vezes por semana (segunda e quinta) em ambiente virtual, quando planejávamos atividades que pudessem repertoriar as crianças para a construção de uma história coletiva da turma e propúnhamos brincadeiras que pudessem contribuir para que as crianças, por meia hora, brincassem com seus amigos da escola, minimizando a saudade, mesmo que cada um estivesse em sua casa.

Juntamos as turmas do Infantil I B - Turma das Flores, do Infantil I A - Turma da Lagarta e do Maternal II e Infantil I C - Turma dos heróis e heroínas. Dividimos em três grupos, para que as famílias pudessem se organizar melhor nos horários. Sabíamos que seria difícil organizar as rotinas!

Tínhamos então como convidados para os nossos encontros 35 crianças. Em cada um dos horários entre 8 e 12 crianças. No decorrer dos meses, tivemos a presença de cerca de 4 crianças por turmas, algumas permaneceram nessa jornada conosco, outras não conseguiram acompanhar até o final. Tivemos crianças que precisaram mudar de grupo também, outras que acompanharam nossas propostas através das atividades assíncronas. Tivemos diferentes arranjos, mas todos com a certeza de que estávamos sempre juntos, mesmo que separados geograficamente.

Nos dias em que propusemos brincadeiras, contamos com apoio das famílias: nos emocionamos ao ver as crianças rirem, vibrarem acompanhadas de seus pais, avós, madrinhas/padrinhos. Tivemos até a presença de uma vizinha (amiguinha de uma de nossas crianças) que se juntou a nós e se divertiu muito com a gente.

Para as atividades de segunda, que chamamos de “Conhecendo um artista da cultura popular brasileira”, apresentamos às crianças um artista da cultura popular a cada semana, com um breve relato de onde nasceu e como começou sua carreira artística dando destaque a suas obras e técnicas que utilizavam para a sua construção/confecção. Dessa forma, tínhamos a intenção de que as crianças pudessem conhecer os artistas e também se inspirar em suas produções, encontrando possibilidades de criações.

Para a escolha dos artistas, as docentes tinham como preocupação que esses, em sua história ou obra, tivesse alguma relação com a infância (deles ou, quando adultos, tivessem olhado para essa categoria), fossem pessoas que representassem a cultura popular brasileira e que utilizassem técnicas diferentes para expressarem/construírem suas obras.

Nossa intenção era que as crianças pudessem, através das obras desses artistas, pensar possibilidades de uso de instrumentos e técnicas artísticas (pintura, música, escultura, colagem, escrita), sendo possível saírem da lógica papel e lápis de cor; e, com a representatividade de raça/cor e gênero (para tanto, apresentamos artistas negros e indígenas, homens e mulheres), pudessem se reconhecer como pertencentes a essa classe trabalhadora.

Iniciamos com o cantor Milton Nascimento, fazendo referência a música “Bola de gude, bola de meia” utilizada para o vídeo coletivo criado pelos educadores em ocasião da data que teríamos nossa Festa Junina na escola. Partindo desse cantor e dessa música, que em tese já havia feito parte de uma atividade assíncrona³, contando para as crianças a sua história - sobre a infância de Milton, seu apelido e de coisas que gostava de brincar - e indagando sobre quais as brincadeiras que elas mais gostavam e fazendo uma lista dessas como possibilidade de brincarmos às quintas-feiras, conversamos sobre a possibilidade de expressarmos o que sentimos através de músicas.

Como uma primeira atividade direcionada às crianças de forma remota, e como ainda não tínhamos enviado nenhum material para realizarem as atividades em casa, solicitamos que quem pudesse e quisesse desenhasse com lápis de cor, canetinha ou giz de cera a sua brincadeira favorita e nos mostrassem no encontro seguinte (algumas famílias encaminharam via e-mail ou whatsapp), as professoras também fizeram seus desenhos e compartilharam.

O segundo artista escolhido pelas professoras foi o artista plástico baiano Emanuel Araújo, esse artista além de ter inúmeras esculturas produzidas também é o fundador do Museu Afro Brasil (2004), onde é

³ Em ocasião da realização da Festa Junina na unidade, os educadores fizeram a gravação de um vídeo cantando a música de Milton Nascimento “Bola de gude, bola de meia”, enviaram às famílias e solicitaram que as mesmas fizessem vídeos e nos enviassem para compormos também um vídeo das crianças. O que acabou acontecendo em alguns casos, inclusive com vídeos de crianças dos agrupamentos envolvidos nesse relato.

Diretor Curador. Tem uma de suas obras Aranha⁴ (que foi apresentada para as crianças) trazendo a possibilidade de, para além do desenho, produzir esculturas e utilizar formas geométricas para compor suas obras. Nessa ocasião, conhecemos o ateliê de Emanuel e assistimos um vídeo onde ele falava de suas criações e da parceria com Gonçalo que o ajuda nas produções (responsável em dar forma aos desenhos de Emanuel). As crianças puderam ver suas obras e perceber a construção em colaboração com outras pessoas. Emanuel também possibilitou pensarmos sobre questões raciais, tema do Projeto Institucional da escola. Também conseguimos uma visita ao Jardim de Esculturas do Museu de Arte Moderna (MAM) na qual as crianças puderam ver a obra de Emanuel junto com as outras obras que existem no Jardim.

Imagem 01 – Escultura Aranha.



Fonte: Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/aranha/>.
Acesso em 15 fev. 2021.

O terceiro artista apresentado foi o pintor, escultor e artista plástico Ivan Cruz com as suas obras sobre as brincadeiras de crianças representadas em tela - pintura com tinta. Com as obras de Ivan, apresentamos às crianças as telas que se relacionavam com as brincadeiras que as crianças haviam desenhado na ocasião da

⁴ Segundo o site do MAM, a obra Aranha é feita “Em uma estrutura de aço-carbono pintado [...]. Nessa escultura, o vermelho confere leveza a um objeto de grande volume. Vale destacar que o uso de cores fortes remete à arte africana, elemento bastante valorizado pelo artista em sua carreira”. (MAM, 2021). Disponível no site: <<https://arteforadomuseu.com.br/aranha/>>. Acesso em 15 fev. 2021.

apresentação do Milton Nascimento. Contamos que as pinturas de Ivan referem-se a brincadeiras que ele um dia vivenciou e então propusemos às crianças que apreciassem as obras e, dentro do possível, experimentassem algumas das brincadeiras expressas nas pinturas.

Imagem 02 – Artistas apresentados para as crianças- Milton Nascimento, Emanuel Araújo e Ivan Cruz.



Fonte das Imagens: Na ordem que aparecem - Milton Nascimento - <https://www.facebook.com/miltonbitucanascimento/>; Ivan Cruz - <https://www.ivancruz.com.br/>; e Emanuel Araújo - <https://www.google.com/imgres?imgurl=http://www.museuafrobrasil.org.br/images/default-source/internas/emanuel-araujo-01--foto-adenor-gondim.jpg?sfvrsn%3D0&imgrefurl=http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/emanuel-araujo&docid=gMk8ZnKe0ogduM&tbnid=RvurIuPZLsUhxM&vet=1&w=330&h=460&itg=1&hl=pt-BR&source=sh/x/im>

Depois foi a vez da artista plástica Beatriz Milhazes que proporcionou pensarmos na colagem como uma possibilidade de compor as nossas produções. Apresentamos a obra *Sonho de Valsa*⁵, falamos de utilização das embalagens de bombons, balas, pirulitos para compor uma obra. Algumas crianças também destacaram que Beatriz também compôs sua obra com flores, principalmente as crianças da Turma das Flores. Após conhecermos a artista, as crianças foram convidadas a produzir uma obra em casa com embalagens e pedaços de papel cortados em

⁵ Imagem *Sonho de Valsa* (Dream Waltz) 2004-2005 colagem - embalagens de bombom sobre papel 172.7 x 146.7cm pode ser visualizada em: <<https://artemais.wordpress.com/2010/02/04/um-sonho-de-valsas-com-beatriz-milhazes/>>. Acesso em 15 fev. 2021.

formas geométricas (aqui podemos pensar nas possibilidades trazidas também por Emanuel).

Como continuidade do trabalho, conhecemos o escritor Yaguarê Yamã (quinto artista), que tem uma produção na literatura infantil com livros que contam histórias indígenas que o escritor ouvia quando crianças junto ao seu povo. Para as crianças apresentamos o livro “Falando Tupi” e conversamos um pouco sobre a língua indígena. Nessa ocasião reforçamos a proposta da construção da história do grupo (informação que as crianças já tinham desde o início das atividades síncronas); indicamos as crianças que poderíamos ir pensando em nossa história com personagens, lugares, enredos que já conhecemos ou que poderíamos inventar da forma que mais quiséssemos.

Para continuarmos pensando nas possibilidades de expressão, conhecemos Sérgio Cezar (sexto), artista plástico que constrói suas obras com papelão, (re)produzindo bairros inteiros. Sérgio possibilitou conhecermos uma forma de criação nova para as crianças, que se aproximava da escultura, porém se utilizava de objetos que normalmente descartamos (lixo) que poderiam ser reutilizados e se tornarem verdadeiras obras de arte. As crianças ficaram impressionadas com o tamanho das obras de Sérgio e com os detalhes que ele sempre fazia questão de constar em seus trabalhos. Também com a apresentação deste artista, as professoras destacaram as crianças que seria uma possibilidade a construção de cenários para que a nossa história acontecesse.

Nessa ocasião, já tínhamos definido que cada grupo faria uma história e construiriam o cenário para que a professora Nádia pudesse construir uma animação com os desenhos e áudios das crianças.

Imagem 03 – Artistas apresentados para as crianças - Beatriz Milhazes, Yaguarê Yamã e Sérgio Cezar.



Fonte das Imagens: Na ordem que aparecem Beatriz Milhazes - <https://fundacaoschmidt.org.br/beatriz-milhazes-marola-mariola-e-marilola/>; Yaguarê Yamã - Foto retirada do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Nsc1bq9JGVQ>; e Sérgio Cezar - <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/sa-rgio-cezar-cria-arte-para-reciclar-o-olhar/468560>

Para finalizarmos nossa caminhada pelos artistas populares, como não poderia faltar, conhecemos um pouco mais da contadora de histórias, Fernanda Batista Santos⁶ (professora de nossa escola, muito querida pelas crianças) que veio pessoalmente nos nossos encontros nos brindar contando a história do Boi (que possibilitou iniciarmos a construção das histórias dos grupos). Foi com a atividade realizada com a professora e contadora de história Fernanda que iniciamos a confecção do boi, que seria um personagem a inspirar as histórias criadas nos diferentes grupos.

Cada grupo construiu uma história (sendo cada uma delas diferente das demais) e, inspirados pelos artistas apresentados, convidamos as crianças a desenharem os personagens das histórias e construírem cenários em caixas, explorando a possibilidade de cenários tridimensionais. Para que as histórias pudessem virar animações, contamos com a valorosa ajuda de nossas mães, pais, avós, tias, madrinhas...

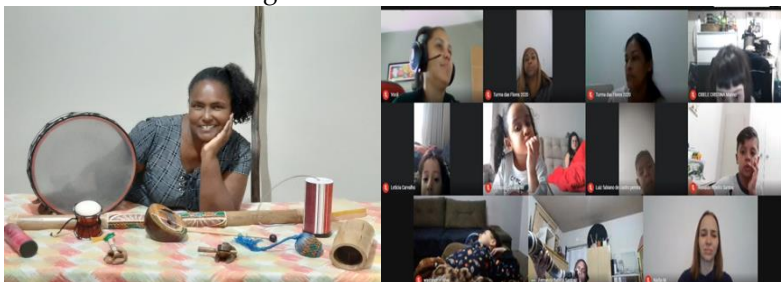
Compreendendo o processo de criação coletivo como uma oportunidade de aproximação e estabelecimento de vínculos entre os que dela participam, propusemos a produção coletiva com

⁶ Fernanda Batista Santos é funcionária da unidade escolar.

intuito de intensificar ainda mais os laços entre crianças e adultos que estiveram presentes nos encontros do infantil I nesses tempos (tão difíceis) de pandemia! A escolha por transformar as narrativas criadas em linguagem audiovisual estava associada tanto a um desejo de dar vida (animar) o imaginado pelas crianças, como uma forma de explorar as telas, que até então tinham sido usadas para mantermos nossos encontros, como espaço de expressão e publicização das produções das crianças.

Fernanda também compareceu aos nossos encontros, após a criação das histórias, para contá-las as crianças, que se surpreenderam ao reconhecer suas histórias contadas com sons, objetos, vozes e tudo que uma boa história merece quando contada por uma verdadeira artista! Foi muito emocionante ouvir as histórias criadas por eles na interpretação da Fer... um momento único para todos nós!

Imagem 04 – Artista apresentada para as crianças – Fernanda Batista Santos e imagem retirada do encontro síncrono.



Fonte da Imagem: Cedida pela artista Fernanda Batista Santos - acervo pessoal; tirada durante o encontro com as crianças.

O caráter singular das narrativas criadas pelas crianças refletiu a própria diversidade na composição dos grupos: do mais festeiro, ao mais aventureiro, fomos conduzidas por diferentes espaços e temporalidades. Ainda que em todas as histórias tivéssemos a presença do boi, em algumas delas ele assume um papel de protagonista, em outras é coadjuvante e em algumas apenas figurante.

Na narrativa criada pelo grupo 1 estiveram presentes animais de origens e espécies muito diversas, reunidas para “*A festa do boi brilhante*”⁷:

O boi brilhante estava na floresta tomando banho, encontrou o coelho Dourado, depois entrou na toca com ele para comer cenoura. De repente apareceu o leão Durão que estava com fome. Sem medo, o coelho Dourado o convidou para entrar e comer cenoura na toca. Era aniversário do boi Brilhante, por isso organizaram uma grande festa com toda a bicharada da floresta: o macaco, o tigre, o cachorro, o gato, o elefante, a girafa, o esquilo, os passarinhos e o rato. Juntos, dançaram a música do boi de mamão. De repente apareceu a onça Faminta, que não tinha sido convidada para a festa, e queria comer os animais. Foi uma correria quando ela apareceu: todo mundo fugiu para se esconder. Quando ela se viu sozinha, ficou arrependida e falou que nunca mais iria fazer aquilo. Colheu beterraba, cebola, cenoura na horta, maçã e amora nas árvores, e chamou todo mundo para a festa outra vez. Para comemorar que estavam todo mundo juntos na festa outra vez, soltaram fogos de artifício e ficaram felizes para sempre.

Já o segundo grupo, revelando criatividade e espírito aventureiro, criou uma narrativa repleta de suspense e diversão em “*A noite dos zumbis*”⁸:

Em uma noite assombrada de chuva de abóbora, o boi Cinderela perdeu o seu sapato no meio da festa, começou a procurar, procurar, procurar, então o vampiro Dourado achou o sapato e chamou o boi Cinderela para dançar com ele. Estavam todos na festa dançando e brincando com os carrinhos assombrados, de repente apareceu um esqueleto com arco e flecha e decidiu matar todo mundo, mas não contava que o zumbi já estava morto. Então o zumbi ressurgiu e chamou os caças monstros que prenderam o esqueleto. Continuaram a festa, quando de repente entrou

⁷ A animação encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i7U1c66PElo&t=4s>>. Acesso em 15 fev. 2021.

⁸ A animação encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jytWpbXqizA>>. Acesso em 15 fev.2021.

um Coelho mágico e transformou todos em zumbis, o coelho pensou, pensou e decidiu transformar todos em vampiros, depois em zumbis, depois em vampiros, depois em zumbis de novo. Até que então... chegou um motoqueiro com uma ervilha mágica e decidiu parar todo mundo, viraram zumbis, viraram vampiros, viraram zumbis, viraram vampiros, porém, não perceberam que a festa estava quase acabando, que o sol estava chegando e que vampiros e zumbis não gostam de sol, antes dos raios chegarem mais fortes, os zumbis tiveram uma ideia, saltaram um pum e explodiu o planeta e foram todos para a lua, porque lá tem uma parte que nunca bate sol e todos viveram felizes para sempre.

Em “*O tesouro perdido*”⁹, história criada pelo grupo 3, fomos ao fundo do mar, nos deparamos com a amizade entre bois, peixes, baleia, sereia e a descoberta de um tesouro.

O boi maravilha e seu irmão bumbá foram para a praia e resolveram dar um mergulho. Lá encontraram um tubarão que era bonzinho, ajudou eles a conhecerem o fundo do mar, lá encontraram uma sereia chamada Ariel e um peixe chamado Dory. Começaram a brincar de pega pega, esconde esconde e de boneca, depois comeram carne, feijão e arroz, comeram também carne moída e macarrão com queijo ralado. Depois de comerem, descansaram um pouco e continuaram a aventura no mar, daí encontraram uma baleia azul, um cavalo marinho chamado Dudu, e depois disso encontraram um baú cheio de tesouro, dentro dele tinha ouro, moedas, jóias e diamantes. Eles pegaram o baú cheio de tesouro e levaram para a terra, chegando lá dividiram o tesouro e voltaram para as suas casas. Depois combinaram de fazer uma festa bem legal, onde brincaram, comeram e depois viajaram para a praia novamente.

E, por fim, com o grupo 4 viajamos de trem através do tempo e nos deparamos com nada a menos que dinossauros! Uma série de

⁹ A animação encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gqn_PYQGCwA>. Acesso em 15fev. 2021.

aventuras e encontros inusitados em “*História dos animais: viagem de trem*”¹⁰:

O Boi Bumbá estava numa floresta e encontrou com alguns animais como a girafa, o elefante e o porco espinho. De tanta alegria o porco espinhou o Boi Bumbá sem querer. A dona girafa veio ajudar a recolher os espinhos do corpo do boi Bumba. O Elefante que estava por perto convidou o boi Bumbá para um restaurante e lá comeram macarrão com molho e carne. Só que o boi Bumbá comeu demais e ficou muito gordo e resolveu voltar para floresta e brincar com a girafa e o porco espinho, encontraram o cachorro da Mata e brincaram de pega pega e esconde esconde até se cansar. Brincaram também de avião e massinha. Encontraram um trenzinho e uma trilha com bonequinhos que falavam japonês e de mentirinha chegaram no Japão, em um museu, lá viram um artista pintando uma obra de artes com pincel na mão. Eles viram esculturas, fotos de animais: macacos, onças e tigres. Viram dinossauros que eram gigantescos como os Diurex e Pterrogatino, tinha os pequenos também que estavam lá. De repente o boi Bumbá olhou por uma janela e viu a mamãe dinossauro com os filhinhos comendo e brincando. Então o boi Bumbá entendeu que o Dinotrem levou os animais para um passeio encantado, na floresta da terra dos dinossauros: lugar com música, comida e muitas diversões com brincadeiras. O boi Bumbá percebeu que a sua floresta era a terra dos dinossauros que viveram por lá muitos e muitos anos. A dona girafa ficou apaixonada por um dinossauro com pescoço super comprido e foram felizes para sempre.

Todas as histórias foram apresentadas na Mostra Cultural do NEI-Paulistinha em dezembro, ficaram disponíveis no site da escola¹¹ e também no Youtube, no canal da professora responsável pela edição das animações.

¹⁰ A animação encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tmMOPylUygU&t=6s>>. Acesso em 15 fev. 2021.

¹¹ As animações com as histórias das crianças podem ser assistidas no site da Mostra Cultural do NEI-EPE pode ser consultado no link:

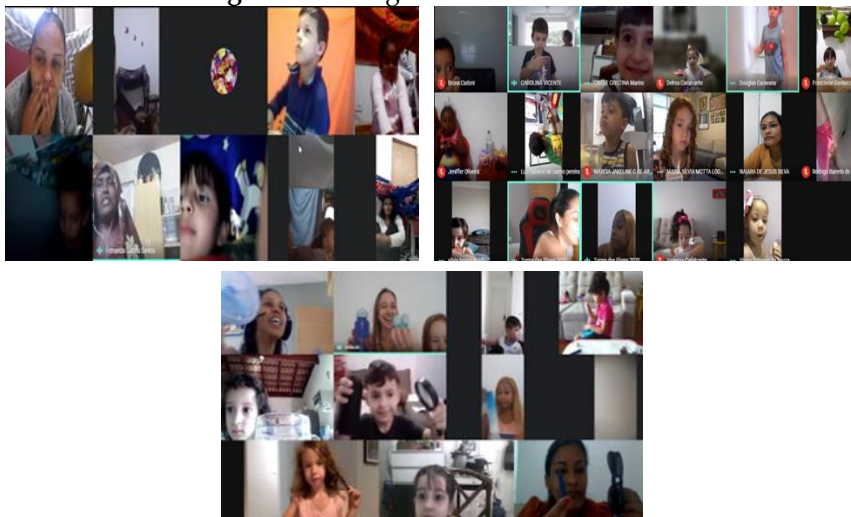
Além dos encontros em que apresentávamos os artistas e propusemos a crianças das histórias, nos programamos para que todas as quintas-feiras pudéssemos brincar. Para além de sabermos da importância da brincadeira para as crianças, como princípio fundamental das práticas pedagógicas na escola da infância, notamos sua importância nesse longo processo de quarentena que estamos passando, pois foram os momentos em que notamos as crianças mais alegres. Foram diversos momentos: fizemos cabanas, brincamos com meias e panos diversos; fizemos olhos de moscas, rosquinhas e até chapéus. Também brincamos de bingo - de letra e de número - e de jogo de percurso, de bola (de meia) na cesta. Conhecemos e brincamos com dados, sorteamos números, brincamos de descobrir os sons (de coisas e sons que poderíamos fazer com objetos). Também construímos instrumentos musicais. Foram momentos muito proveitosos, que nos fizeram, ainda que por alguns instantes, esquecer todo o contexto de crise que nos impedia de estar na escola.

Também realizamos quatro festas de aniversário durante os encontros, nelas juntávamos em um só encontro as crianças de três (dos seis) grupos do infantil I. Assim, as crianças se (re)encontravam e podiam brincar um pouquinho juntas. A primeira festa foi organizada pelas professoras e, a partir desta, cada um dos grupos organizou uma das festas. Nessas ocasiões as crianças faziam listas de comidas, escolhiam o tema, faziam os convites. Sempre um dia muito tranquilo e de muitas comidinhas (algumas saudáveis, outras nem tanto).

Ao final do ano, a Mostra Cultural do NEI-Paulistinha foi organizada para apresentar as diversas experiências vivenciadas pelas turmas de educação infantil no período da pandemia. Além da publicização de nossas histórias através das animações exibidas no site, marcamos encontros com amigos de outras turmas para apresentar as brincadeiras que mais gostamos de brincar durante a pandemia.

<<https://mostracultural2020.unifesp.br/in/C3%ADcio/educa%C3%A7%C3%A3o-infantil/infantil-i-e-ii/conhecendo-e-construindo>>. Acesso em 15 fev. 2021.

Imagem 05 – Imagem de um encontro síncrono.



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Considerações finais

Podemos finalizar este relato com algumas considerações importantes que suscitaram o trabalho realizado com as crianças nesse ano tão atípico para nós. Pudemos fazer algumas reflexões importantes durante esse período de intenso planejamento "de rotas" para seguir.

Tivemos que abrir mão da proposta de trabalho defendido na educação infantil, para uma execução da proposta possível, a fim de manter um dos pressupostos da educação, a importante relação/vínculo entre adultos e crianças.

Constatou-se que a tela permite, com muitos prejuízos, a interação pela palavra (quando a conexão não está ruim) e pela imagem ponto a ponto, ou seja, de uma pessoa com a outra de forma não coletiva; estar em uma sala do *meet* com outras cinco ou seis crianças, não significou necessariamente a troca de sete ou oito pessoas, mas garantiu que alguém pudesse falar e ser ouvidos pelos demais.

Propor atividades pedagógicas com a mediação da tela, também se mostrou uma tarefa bastante complexa, visto que não

era possível que as crianças tivessem um apoio para realizar suas atividades ou a possibilidade de construí-la em interação com seus pares. Muitas vezes, mesmo com as orientações dadas pelas professoras, as crianças produziram atividades estereotipadas e sem a utilização das “possibilidades” apresentadas pelas professoras. Um exemplo foi a construção dos cenários pelas crianças: mesmo com a conversa realizada com cada uma delas individualmente, a proposta era criá-lo com a ajuda de uma caixa de sapato para servir como apoio e a utilização de diferentes técnicas apresentadas ao longo dos encontros; o que vimos foram cenários desenhados com lápis de cor em uma folha de sulfite e colados no fundo da caixa ou ainda desenhos de personagens da história retirados da internet e pintados pela criança com a ajuda dos adultos que moram com elas.

Também nas construções dos enredos propostos foi possível perceber, em alguns casos, a influência de histórias que estão nos nossos circuitos comerciais e que nada se assemelhavam com as discussões realizadas com as histórias dos artistas que foram apresentadas. Nesse sentido notamos o limite de nossas ações, pois, embora tenhamos nos esforçado para oferecer referências diversificadas com intuito de ampliar o repertório das crianças, isso não se refletiu nos momentos de criação.

Já as brincadeiras possibilitaram que as crianças e adultos - professoras e familiares - pudessem vivenciar um "pouquinho da escola": apesar das limitações, nesses encontros, através do brincar nos conectamos com as crianças. Brincando tornamos possível o vínculo, criamos novas realidades possíveis, novos sentimentos e ressignificamos a palavra “encontro”, compreendendo que o virtual também pode ser real. Essas quintas traziam para nós a sensação de que algumas ações eram efetivas e que esse esforço tinha uma razão de ser.

Foi, e continua sendo um período difícil, mas também foi um ano de encontros e construções possíveis. Aprendemos muito com as crianças e suas famílias, entre tantas coisas, aprendemos a importância de estarmos juntos para compartilhar conhecimentos,

sorrisos e afetos. Uma relação de companheirismo que precisa estar presente em todo o processo de educação!

Então, sigamos juntos... com esperança de que em breve possamos estar juntos presencialmente, sem uma tela entre nós; 'juntos' para além de sons e imagens: em cheiro, em gestos, abraços, de mãos dadas, lado a lado.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n.05**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=3192>.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. BRASIL. Ministério da Educação.

BRASIL. **Medida Provisória Nº. 934**, de 01 de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Diário Oficial da União, Brasília, 01 abr. 2020d.

BRASIL. **PARECER CNE/CP Nº 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, 04 mai. 2020e.

GOMES, Elisabete Xavier. Pedagogia da presença na formação de educadoras/es de infância: perspectivas sobre as suas (im)potências no âmbito da pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v.23, n.

Especial, p.269-290, jan./jan., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79039>.

MANTOVANI, Susanna; VIEIRA, Daniela Aparecida. Depoimento sobre o fechamento das creches na Itália: como resistir à incerteza em tempos de pandemia? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1197-1205, dez./dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Coronavírus**: tudo que é sólido desmancha no ar. 02/04/2020. Disponível em: <https://blogda-boitempo.com.br/2020/04/02/coronavirus-tudo-o-que-e-solido-desmancha-no-ar/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVA, Nádya Massagardi Caetano da. **Criação e(m) educação**: quando a mágica acontece. 2014. 151 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253905>. Acesso em 15 fev. 2021.

Aos educadores e educadoras da Educação Infantil

São Paulo, 01 de fevereiro de 2021

Gostaria de compartilhar com vocês os desafios e as alegrias que vivemos no ano de 2020 no Núcleo de Educação Infantil NEI Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

No final de 2019 ouvíamos rumores de um vírus que atingiu a população da China. No início de 2020 outros países foram afetados, e em um curto espaço de tempo o mundo foi assolado pela COVID-19.

Do final de janeiro até o final da primeira quinzena de março, eu e as crianças do Maternal II A vivemos experiências incríveis na escola, presencialmente:

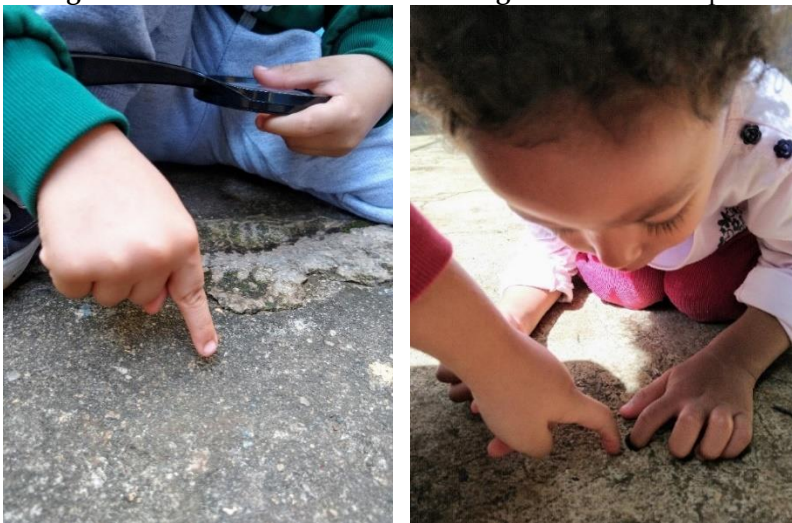
“As pequenas coisas do mundo”

Imagem 1 – “-Olha o que eu achei prô!” (criança D.)



Fonte: arquivo pessoal da professora Andréia R. O. Camargo, 2020.

Imagem 2 – Encontrei um bichinho! Imagem 3 – Um buraquinho



Fonte: arquivo pessoal da professora Andréia R. O. Camargo, 2020.

“O que é o vento?” - “-É aquele que bagunça o cabelo!”
(criança L.)

Imagem 4 – Segurando o vento



Fonte: arquivo pessoal da professora Andréia R. O. Camargo, 2020.

Imagem 5 – A bolinha de sabão



Fonte: arquivo pessoal da professora Andréia R. O. Camargo, 2020.

Em março de 2020, precisamente na semana do dia 16, a maioria dos educadores e educadoras do NEI não foram mais trabalhar presencialmente, algumas porque eram mães com bebês (eu era uma delas), outras/outros porque faziam parte do grupo de risco e poderiam trabalhar remotamente. Uma semana depois as escolas do país fecharam.

Isolamento, medo, insegurança, contágio, mortes, angústias, incertezas... acontecimentos, sentimentos e pensamentos afloraram, provocaram e nos mobilizaram, mesmo sem sair do lugar.

in...¹²

sinto que em tempos de ia, o **in...** me contamina

o que mais tenho no momento são **in**-certezas
tudo o que faço no momento me parece **in**-coerências
estou repleta de **in**-congruências...

não suporto mais tanta **in**-transigência
sinto-me **in**-capaz de compreender a amênia
in-desejando fazer parte de tudo que adoeça...

apesar da **in**-segurança,
da **in**-felicidade,
da **in**-suficiência de força...
as **in**-certezas me mobilizam a:
in-sistir
in-tervir
in-dagar
in-cutir
in-cidir
in-correr
e
sobretudo
in-surgir!

No primeiro mês de isolamento e trabalho remoto, imaginávamos que logo iria passar e que em menos de dois meses estaríamos de volta a escola e daríamos continuidade aos projetos de turma e institucional.

No NEI Paulistinha, remotamente, aproveitamos o tempo para organizar nossos registros, estudar e refletir sobre a prática. A coordenação pedagógica da Educação Infantil focou na formação docente, oportunizando encontros e diálogos internos e com

¹² AROC - 24/06/2020. Pseudônimo de Andréia Regina de Oliveira Camargo.

O retorno presencial foi protelado a cada dia, e tivemos que pensar coletivamente como ao menos garantir a manutenção de vínculo com os nossos/nossas bebês e crianças. Como manter a memória viva de tudo o que vivemos e aprendemos juntos e juntas, no espaço físico da escola?

Sempre deixei bem claro, para mim e para o mundo, que educação a distância é inadmissível na Educação Infantil. A escola da infância é viva e pulsante, e seu currículo se dá nas interações e brincadeiras criadas e compartilhadas no coletivo, buscando articular experiências e saberes das crianças com os conhecimentos do mundo.¹⁴

Mas como ser professora da infância a distância?

Nesse interim tivemos a ideia de elaborar cartazes para retomar o nosso trabalho e os nossos princípios enquanto escola da infância, no intuito de compartilhar saberes e fazeres com educadoras, educadores, crianças e famílias, fortalecendo o vínculo e mostrando a importância desse espaço coletivo de brincadeiras, interações e aprendizagens.

A ideia surgiu após a escuta sensível às colocações de algumas famílias, que por meio dos canais de comunicação criados para a manutenção de vínculo (e-mail da escola e das turmas, classroom e whatsapp das turmas), apontaram a dificuldade de oportunizar experiências e brincadeiras às crianças, solicitando o nosso apoio.

Receita de massinha caseira, sugestão de elaboração de listas, brincadeiras com elementos da natureza, brincadeiras com a linguagem matemática, convite à escrita de cartas, brincadeiras com sombra e luz, bolinhas de sabão, cabana, dentre outras propostas, foram organizadas em cartazes, no intuito de compartilhar experiências vividas com as crianças no cotidiano do NEI Paulistinha, apresentadas com um pequeno texto, fotografias

¹⁴ BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. *Fixa as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Publicado no Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009a, Seção 1, p. 18.

dos momentos vividos e finalizados sempre com uma pergunta/convite para experimentarem as experiências, se quiserem e puderem, em casa com a família.



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS MASSINHA

Se tem uma coisa que criança adora, é brincar com massinha!

E a turminha da Formiga (Maternal II A) não é diferente!

A educadora Cida nos ensinou passo a passo como se faz.

Depois de pronta, as crianças abusaram da imaginação e construíram monstros, enfeites, cobras, bolinhos... até usaram as sementinhas da árvore do parque para compor suas criações.

Que tal fazer massinha com a família?

Ingredientes:
1 xícara de sal
4 xícaras de farinha de trigo
1 xícara e meia de água
3 colheres de sopa de óleo
Corante alimentício

Como preparar:
Em uma vasilha misture a farinha e o sal, em seguida adicione a água e o óleo. Misture até que todo o conteúdo forme uma massa homogênea. Se ficar muito mole você pode adicionar mais farinha, e se ainda estiver seca e quebradiça, adicione mais água. O último ingrediente é o corante e você pode usar artificial ou natural, como o colorau. Conservar na geladeira em um pote fechado.

Fotografias e texto: Andréia R. O. Camargo, 2020.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

A AÇÃO DE COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS É UM MOVIMENTO DE TECER MEMÓRIAS DE FORMA IMAGÉTICA E POÉTICA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM AS CRIANÇAS NO NEI PAULISTINHA UNIFESP

REMEMORAR PARA COMPREENDER OS SABERES E FAZERS CONSTRUÍDOS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

UM CONVITE À COMUNIDADE ESCOLAR PARA PENSAR EM OUTRAS EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS EM OUTROS ESPAÇOS ACOLÁ

Inicialmente utilizamos as experiências e fotografias que fazem parte da documentação pedagógica das minhas turmas e nos organizamos para compartilhar com as famílias um cartaz por semana, via classrom. Com a devolutiva positiva das famílias, expressas nos canais de comunicação, combinamos de ampliar as propostas de atividades assíncronas com crianças e famílias e criamos grupos de trabalho (GT) para a elaboração de diferentes materiais/propostas: vídeo, podcast de adivinhas, cartazes das

¹⁵ CAMARGO, Andréia R. O.; ARAUJO, Thaise Vieira de; BUTZKE, Ítalo; PITO, Juliana Diamante. “Compartilhando experiências”. Ação do Projeto de extensão: “Arte e Infância”. São Paulo: NEI Paulistinha - UNIFESP, 2020.

experiências brincantes, podcast para famílias e cartazes de artistas da cultura popular. As famílias recebiam uma produção de cada GT durante a semana: segundas - cartaz compartilhando experiências, terças - podcast de adivinhas, quartas - cartaz do artista da cultura popular, quintas - vídeo e sextas - podcast para as famílias.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS
LINGUAGEM MATEMÁTICA

A matemática está presente em diversas situações do nosso dia-a-dia: no momento das compras, na hora da receita, no calendário, nos horários e rotinas, na resolução de problemas...

No NEI Paulistinha essa linguagem é bastante explorada com as crianças, de forma lúdica e significativa.

Bingo, jogo da memória, dominó, jogo do percurso, receitas, situações problemas a partir de histórias, desafios, esconde-esconde de objetos... são possibilidades de trabalhar com a linguagem matemática sem cópias de números e reproduções exaustivas às crianças.

Que tal brincar de esconder um objeto em casa?

Dicas: escolha um objeto e esconda-o; para a criança encontrá-lo dê algumas pistas referentes à linguagem matemática, como: está no alto, do lado esquerdo, mais embaixo, é azul, é retângulo, é grande...

Divirtam-se e aprendam brincando!

Fotografia e texto: Andréia R. O. Camargo, 2019.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS
LISTAS

Que criança não adora participar dos momentos de escrita com os adultos?

No NEI Paulistinha sempre produzimos textos coletivos com as crianças, e a professora é a escriba.

Cotidianamente fazemos muitas listas com as crianças: de nomes das crianças, de brincadeiras favoritas, de ingredientes de uma receita, de sugestões de nome da turma, de personagens da história lida...

É muito importante as crianças compreenderem a função social da escrita, participando de momentos do cotidiano: lista de compras do mercado, lista de convidados do aniversário, carta aos familiares e amigos, bilhetes...

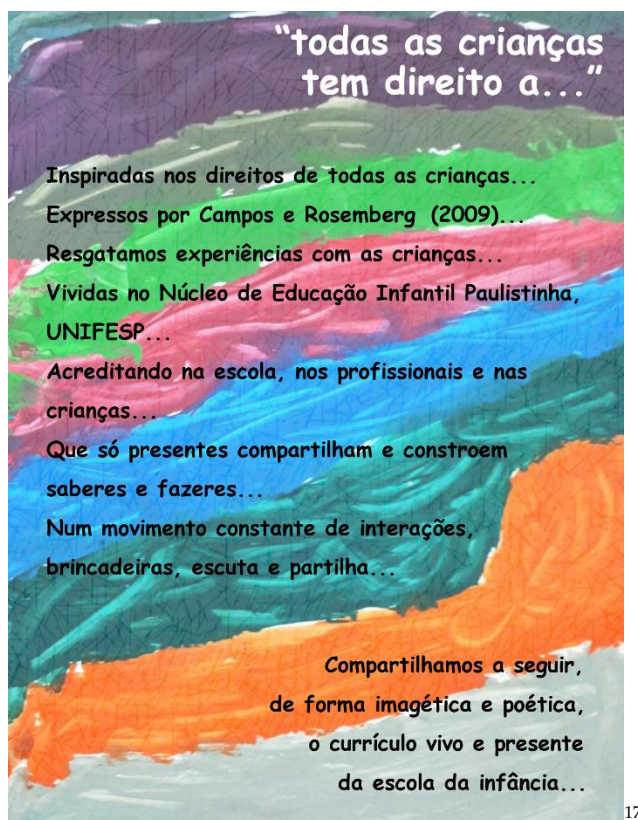
Que tal fazer listas em casa?

Fotografias e texto: Andréia R. O. Camargo, 2019.

Lista de receitas enviadas pelas famílias para votação, Infantil III, 2019.

Pensar sobre a responsabilidade da escola da infância na defesa incessante dos direitos das crianças também mobilizou muitas discussões e estudos, instigando a elaboração de um novo material para compartilhar com a comunidade escolar do NEI Paulistinha.

Inspiradas por Fulvia Rosemberg e Maria Malta Campos¹⁶, assim como pelas imagens, desenhos e produções artísticas de crianças, educadoras e educadores do NEI Paulistinha, criamos o material “Todas as crianças tem direito a...”, mobilizando diferentes formas de luta e resistência em defesa dos/das bebês, crianças e da escola pública gratuita, laica, democrática e de qualidade social à todas e todos.



¹⁶ Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças / Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. – 6.ed. Brasília : MEC, SEB, 2009.

¹⁷ CAMARGO, Andréia R. O.; ARAUJO, Thaise Vieira de; BUTZKE, Ítalo; PITO, Juliana Diamante. “Todas as crianças tem direito a...”. Ação do Projeto de extensão: “Arte e Infância”. São Paulo: NEI Paulistinha – UNIFESP, 2020.

Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Nossas crianças têm direito à brincadeira

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Nossas crianças têm direito a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão

CAMPOS, M.M.; ROSENBERG, F., 2009

UNIFESP
EScola Paulista

Foto: André R.C. Corrêa, 2009

Reinventar?!?¹⁸

Como reinventar algo que nunca foi inventado?
Como ser professora da infância sem criança?
Como amar sem tocar?

É fácil falar...

Afeto sem contato?
Interação sem aproximação?
Brincadeira sem criança?

Tá difícil de engolir essa baboseira...

Estar, com medo?
Ficar, sem alento?
Partir, sem afeto?

Impossível, eu não aguento...

Educar sem dar as mãos?
Cuidar com aflição?
Compartilhar com apartação?

Desculpa, para mim não dá não...

Em agosto iniciamos os encontros síncronos com as crianças, mergulhadas em muitas dúvidas, inseguranças, desafios... e terminamos o ano de 2020 conhecendo novas formas de estar e aprender coletivamente, sempre esperando dias melhores e o retorno presencial, para construirmos um currículo cheio de vida e experiências brincantes com os/as bebês, crianças e famílias.

Fevereiro de 2021 chegou, quase 240.000 vidas ceifadas no nosso país. No NEI Paulistinha UNIFESP continuamos trabalhando remotamente.

Essa carta é uma forma de partilhar saberes e fazeres, mas também a minha dor e luto, e assim como Paulo Freire de poder

¹⁸ AROC – 24/06/2020

expressar “...mais um momento da luta em que me empenho como educador, portanto, como político também, com raiva, com amor, com esperança, em favor do sonho de um Brasil mais justo.”¹⁹

Vamos esperar, sempre!

Abraços esperançosos!

Andréia R. O. Camargo²⁰

¹⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p.49.

²⁰ Professora do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT) Andréia Regina de Oliveira Camargo, Núcleo de Educação Infantil - NEI Paulistinha da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, acamargo13@unifesp.br

**Inventando possíveis:
a experiência do segmento da Educação Infantil do Colégio
de Aplicação da UFRJ em tempos pandêmicos**

Aline Jorge Silva Crispim de Carvalho
Colégio de Aplicação da UFRJ - alinecrispimufrj@hotmail.com
Lorraine Andrade Gonçalves
Colégio de Aplicação da UFRJ - lorraine.cap.ufrj@gmail.com
Priscila Basilio
Colégio de Aplicação da UFRJ - cyla_basilio@yahoo.com.br

Durante uma reunião com os responsáveis do segmento da Educação Infantil do CAP-UFRJ ouvimos de uma família que "O CAP fez um acordo com o tempo". Tal reunião tinha o intuito de avaliar os processos vivenciados coletivamente no período de distanciamento e ao ouvir essa frase, toda equipe ficou profundamente tocada, o que reverberou em pensamentos e reflexões sobre o modo como temos nos relacionado nesses tempos inéditos. O desafio de tornar a ausência e a distância em presença e troca se colocou de modo feroz e pungente. Conjuntamente produzimos alguns encontros possíveis.

Abramawicz e Tebet (2019) na apresentação de seu livro "Infância e Pós-estruturalismo" retomam uma exclamação de Deleuze em que ele diz "Um pouco de possível, senão eu sufoco"(p.10) e as autoras continuam "mas o possível não existe. Ele é criado pelo acontecimento, é uma questão de vida. Há que se criar possíveis" (p.10). Nesta pandemia tivemos que criar possíveis para não sufocar. A partir da dimensão do encontro e da experiência fizemos um acordo com o tempo. Foi necessário esperar, aceitar aquilo que não sabíamos e não conhecíamos para, a partir disso, inventar nossos possíveis, ressignificando o tempo, a presença e as relações.

Este texto é um relato dos possíveis que temos vivido coletivamente na Educação Infantil do CAP-UFRJ. Experimentar

trocas a partir da poesia foi essencial para que pudéssemos resistir à distância e à ausência. Em diálogo com Manoel de Barros, descobrimos que, nesse momento, nossas casas são maiores que o mundo. Exploramos nossas casas: física, corporal, identitária e a partir desses espaços que nos compõem e que são compostos por nós; experimentamos diálogos sobre as nossas emoções e estabelecemos vínculos de diferentes modos.

Um pouco da nossa história

A Creche Universitária da UFRJ iniciou seu funcionamento em 24 de junho de 1981 com um caráter de assistência aos servidores desta Universidade. Em 2006, a unidade comemorou seus 25 anos, passando a ser denominada de Escola de Educação Infantil – EEI UFRJ. No ano de 2011, a aprovação da Resolução nº 1 de 10 de março resultou em mudanças com grandes impactos para a escola que foi institucionalizada como Órgão Suplementar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas no dia 08 de agosto de 2013.

Desde 2013 temos então uma Escola de Educação Infantil dentro da Universidade, reconhecida como lugar onde se integram o ensino, a pesquisa e a extensão, atendendo primordialmente a formação de licenciandos nas diferentes áreas do conhecimento. Em decorrência de um árduo processo político de articulação da Educação Básica da UFRJ, foi aprovada por unanimidade em sessão do Conselho Universitário do dia 18 de junho de 2019, a integração da Escola de Educação Infantil (EEI) ao Colégio de Aplicação (CAp UFRJ). Atualmente, somos uma Sede do CAp (Sede Fundão) e atuamos exclusivamente no Segmento da Educação Infantil.

A partir de debates com movimentos sociais, fóruns, sindicatos e a elaboração de documentos, leis e pareceres, podemos traçar um cenário em que a história da nossa escola acompanha bem de perto a construção da história de creches e pré-escolas brasileiras. Passando por mudanças importantes na consolidação e fortalecimento das especificidades do atendimento dessa faixa

etária, o segmento da Educação Infantil do CAP-UFRJ vem se fortalecendo no tripé ensino, pesquisa e extensão e no seu compromisso com a formação inicial e continuada, potencializando suas práticas pedagógicas e a sua importância em pensar políticas e práticas comprometidas com as transformações sociais, visando um país mais justo e democrático que garanta uma educação infantil pública, laica, de qualidade e socialmente referenciada.

Os desafios da pandemia para a Educação Infantil

O final do primeiro trimestre de 2020 é marcado pela suspensão das atividades escolares presenciais, visando atender a medida de distanciamento sanitário preconizada pela Organização Mundial da Saúde, como a principal estratégia para conter o avanço da pandemia causada pelo COVID-19. A escola fechou suas portas, sem ter a oportunidade de pensar em estratégias de manutenção de suas atividades pedagógicas e sem uma previsão de retorno. O inesperado chegou e com ele o imperativo de se (re)criar e pensar novas possibilidades de manutenção de vínculos entre as crianças, as famílias e a escola.

Tomados por sentimentos como irresolução, medo, sensações de estranheza e a percepção brusca de que a vida anterior tinha sublimado, assistimos a chegada inesperada de um período inédito que impôs o distanciamento sanitário e o cuidado que precisávamos tomar diante da contaminação pelo Coronavírus. Vivenciamos em praticamente todas as esferas da sociedade mudanças e adaptações. Diante desse cenário, foram muitas as interrogações, as pressões e os desafios que professoras, gestores, profissionais da educação, crianças e suas famílias sofreram.

Em meio ao desconhecido, as escolas fizeram emergir novas estratégias e possibilidades de relação e cuidado, em consonância com a legislação, instituída pelo Governo Federal, pelo Conselho Nacional de Educação e pelos Conselhos Estaduais, visando garantir o enfrentamento do processo pandêmico que afetou a sociedade em todas as suas esferas.

No que se refere ao marco legal, o Governo Federal publicou em 1º de abril de 2020 a Medida Provisória nº 934, que previa normas excepcionais sobre o ano letivo da Educação Básica e do Ensino Superior, em decorrência das medidas para o enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Tal medida previu, em seu artigo 1º a dispensa

[...] em caráter excepcional da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar (...), desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino (BRASIL, 2020).

Considerando a imprevisibilidade do tempo de isolamento e a necessidade de reorganização das atividades pedagógicas¹, o Conselho Nacional de Educação emitiu o Parecer nº 5 de 28/04/2020, na tentativa de minimizar os impactos da pandemia na educação, trazendo orientações quanto à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais no cumprimento da carga horária anual.

No que tange ao segmento da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, que atende crianças de 0 a 5 anos, o Parecer ratifica a inexistência de previsão legal para oferta de educação a distância nessa faixa etária, mesmo em situações de emergência; menciona a importância do desenvolvimento de materiais de orientações aos responsáveis, com propostas educativas de caráter lúdico, recreativo e interativo e retrata a excepcionalidade desse segmento no que se refere à reposição da carga horária, pela dificuldade em quantificar as horas de experiências vividas pelas crianças com seus familiares.

Compreendemos que o fazer pedagógico na Educação Infantil se estrutura a partir dos eixos norteadores apontados no art. 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais (2009) que são as interações e a

¹ Cabe salientar que se trata da regulamentação de atividades pedagógicas não presenciais, que não estão vinculadas ao conceito de educação a distância, uma vez que tal modalidade requer credenciamento e autorização específicos, bem como uso de tecnologias digitais de informação e comunicação e momentos presenciais para a realização das avaliações.

brincadeira e abarca o educar e o cuidar de forma indissociável. Dessa maneira, as propostas pedagógicas nessa fase, vinculam-se prioritariamente às relações que a criança estabelece com seus pares e com os professores, traduzindo-se no fazer junto, para que a autonomia seja conquistada gradativamente.

A brincadeira possibilita a imitação, a reinvenção do cotidiano, a fantasia, a construção da narrativa, proporcionando a exploração e a experimentação sensorial, motora e linguística. É nesse jogo de interações e brincadeira que a criança expressa sentimentos, manifesta frustrações e emoções, lida com conflitos e desenvolve argumentação construindo sentidos sobre a sua identidade pessoal e coletiva, sobre o seu entorno, sobre o mundo em que vive, constituindo-se como produtora de cultura.

No que diz respeito à faixa etária de 0 a 5 anos vivenciamos alguns desafios que nos fizeram pensar sobre a importância das práticas pedagógicas serem (re)afirmadas neste momento para fortalecimento da identidade da Educação Infantil. Ao observar tantas fragilidades evidenciadas por essa pandemia, fomos levadas a pensar: quais os modos pelos quais nos relacionamos com crianças, famílias e profissionais da educação nos espaços escolares antes do período pandêmico?

Reafirmar as especificidades da Educação Infantil nesses tempos pandêmicos parece ser mais do que necessário, observamos que algumas escolas para enfrentar esse momento acabam encaminhando para crianças e famílias propostas pedagógicas como recorte e cola, desenhos para colorir, entre outras indicações predefinidas que além de limitar as possibilidades inventivas, também não coadunam com o que as legislações² definem para essa faixa etária.

O panorama da pandemia tem ocasionado uma cadeia de aflições e desafios para as instituições e para o campo da Educação Infantil. No entanto, acreditamos que as propostas das instituições

² Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009)

da Educação Infantil devem ser pautadas por experiências significativas, através das interações e da brincadeira que garantam seus princípios políticos, éticos e estéticos.

Com base no exposto, acreditamos que o trabalho remoto não se aplica à Educação Infantil, no entanto, defendemos a importância de manutenção de vínculos afetivos entre as crianças e a escola, por meio de ações que possam trazer leveza para vivenciarmos esse momento difícil de isolamento, de enfrentamento ao novo, ao desconhecido, a partir de ações de cuidado, onde o afeto é a força motriz das relações. Adiante apresentaremos um pouco como o segmento da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ vem organizando suas propostas não presenciais com o coletivo dos professores, profissionais, gestores e famílias da unidade.

Experiências do Segmento da Educação Infantil do CAP-UFRJ

A partir de um diálogo aberto com a comunidade escolar, construímos ações no sentido de superar o "distanciamento físico, social e emocional", estabelecemos estratégias para manutenção de vínculos com as crianças e suas famílias. A relação com a família é um eixo importante do trabalho com a faixa etária da Educação Infantil. Neste caminho, queremos apontar que o fato de estarmos vivenciando tempos de muitas incertezas exigiu de cada um de nós um esforço maior, de muitos encontros e diálogos para juntos/as construirmos o trabalho que apresentaremos aqui.

O distanciamento sanitário imposto pela pandemia, nos afastava não só de parentes e amigos, como também das crianças e suas famílias. Era preciso (re)inventar a escola a partir das possibilidades que dispunhamos nesses tempos inéditos sem que tais ações ferissem o que era preconizado por nós: uma relação dialógica e próxima com crianças e famílias. Mas como se fazer presente na ausência? Como experimentar novas formas de se encontrar dada a impossibilidade das trocas presenciais? Como (re)inventar não só a escola como também as relações?

Após um longo processo de elaboração, os docentes do CAP-UFRJ chegaram à conclusão de que era preciso usar as tecnologias que dispúnhamos a nosso favor. Sem o caráter de aula, ou de propostas obrigatórias para o corpo discente, o Colégio de Aplicação da UFRJ criou o site "CAp na Quarentena"³ com o intuito de estabelecer um contato inicial entre crianças, docentes e famílias, procurando um modo possível de se fazer presente. Nesse site, realizamos postagens sobre diferentes temas que se entrecruzam e que nos ajudam a pensar sobre o período que estamos vivendo.

Novas formas de perceber a passagem do tempo; indicações sobre como aproveitar os espaços, as leituras e as músicas; experiências com a natureza passíveis de serem realizadas no confinamento, seja através da fotografia, ou do plantio de sementes de alimentos fazem parte das propostas. As postagens são direcionadas aos diferentes segmentos e elaboradas por todos os setores curriculares⁴ da escola. No primeiro momento dessa (re)invenção propusemos que o site fosse a nossa casa comum, o nosso espaço de encontro virtual onde compartilhamos lembranças, sentimentos e descobertas. Os eixos que orientaram a elaboração dos convites às trocas de experiências do confinamento eram "Mudanças; Tempo; Eu e os outros e Espaços". Cada eixo tinha perguntas que nos mobilizaram a realizar as interações possíveis nesse mundo on-line.

O eixo **Mudanças** tinha como mote a pergunta "Diante de tantas mudanças e da necessidade de lidar com o desconhecido o que se torna desimportante?". O eixo **Tempo** questionava "Como podemos repensar e vivenciar o tempo quando estamos em

³ <https://capnaquarentena.wixsite.com/capufrj>

⁴ O CAP-UFRJ é composto por 20 setores curriculares, que são: Artes Cênicas, Artes Visuais, Biologia, Desenho Geométrico, Educação Física, Educação Infantil, Espanhol, Filosofia, Física, Francês, geografia, História, Inglês, Língua Portuguesa, Matemática, Multidisciplinar, Música, Química, Sociologia e Serviço de Orientação Educacional. Além destes também temos um Núcleo de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão que realiza trabalhos diretos com as crianças e é composto por docentes e técnicos em assuntos educacionais.

isolamento?". O eixo **Eu e os outros** era mobilizado a partir da pergunta "O que podemos refletir sobre a alteridade, solidariedade e empatia diante de um cenário de distanciamento social?". Por último o eixo **Espaços** questionava "Como podemos vivenciar o espaço da casa, da cidade, do próprio corpo? Quais novas fronteiras se formam e deformam?".

Todos os setores dialogavam por entre os eixos propostos, mas com o tempo o corpo docente sentiu a necessidade de ampliar essas formas de diálogo. Em um segundo momento criamos projetos por segmentos e turmas. Inicialmente os professores se organizaram para realizar as propostas e as crianças escolhiam em qual projeto queriam se integrar, em decorrência das interações virtuais outras propostas surgiam. A partir de seus interesses de pesquisa, as crianças enviavam fotos e relatos.

No segmento da Educação Infantil dada a especificidade do trabalho, propomos um projeto chamado "Minha casa é maior que o mundo" nele discutimos com as crianças e famílias as novas dimensões que a palavra casa tomava para cada um de nós nesse momento. A casa, agora pensada não só como aquele espaço que nos abriga - a casa onde moramos -, mas também a nossa casa corpo, que guarda nossos sentimentos e emoções.

A partir do novo projeto estabelecemos um diálogo com Manoel de Barros tendo como mote para nossos questionamentos seu poema "O apanhador de desperdícios". Com ele fomos mobilizados a descobrir as novas casas e lembrar o quintal que compunha os nossos dias.

A saudade desse espaço era grande e mal cabia no peito, transbordava em poesia e desejo de estar junto o que ficava evidente nas propostas e nas postagens feitas pelas crianças. O novo passo trazia novas perguntas e o projeto "Minha casa é maior que o mundo" propunha eixos específicos para o debate e a construção da memória que se constitui coletivamente nesses tempos inéditos.

A partir do poema "Aprendimentos" de Manoel de Barros descobrimos que "quem se aproxima das origens se renova". A

partir disso, conversas importantes sobre a nossa casa corpo, a nossa identidade e ancestralidade surgiam como objeto do eixo "Aprendimentos antirracistas" que questionava "Como é possível contribuir para reforçar os alicerces de uma "casa-eu" por meio da reafirmação das nossas origens?" Pensamos sobre as origens que edificam a nossa história e a relação com os povos negros e indígenas que fundam a nossa nação.

Como poema "Achadouros" fomos convocados a lembrar do nosso lindo quintal e das memórias que tínhamos em relação a todas as experiências que nos atravessaram no período em que estávamos ocupando o mesmo espaço físico. Quando os corpos podiam se abraçar e o afeto era representado por um breve olhar. Manoel de Barros fala neste poema que "as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade". E buscando reviver momentos tão especiais compartilhados entre nós que o eixo "Relembrando experiências" foi elaborado questionando "quais experiências nos marcaram em nossa escola? Quais experiências gostaríamos de relembrar e reviver nesse novo espaço-tempo?"

Aproveitando a inspiração do poema que nos serviu como base para pensar o projeto construímos o eixo "Infâncias Invencionáticas" que nos convida a inventar ao mesmo tempo que descobrimos o novo mundo que nos é possível. As propostas organizadas nesse grupo de experiências tinham como mote o movimento inventivo da infância buscando aguçar a curiosidade, a exploração, a invenção e a criação a partir da ludicidade. Assim, a pergunta que mobiliza toda essa brincadeira é "o que estamos (re)inventando em nossas casas?"

Como último eixo do projeto pensamos naquilo que havia sido a mobilização inicial que nos convidava a toda dinâmica do projeto, o "Movimento poético" que experienciamos a partir dos poemas manuelinos. Tal movimento nos convida a nos deslocar, não só do lugar para o outro, mas de dentro para fora e de fora para dentro. É preciso olhar para as nossas incertezas, nosso medo, nossa esperança e nossas alegrias tudo isso em meio ao caos da pandemia.

E nada melhor do que a poesia para nos embalar nesse movimento. Nesse sentido, este eixo é orientado pelas seguintes indagações

Para se movimentar é necessário sair do lugar e caminhar em alguma direção. Mas, que lugar? Que direção? Qual o caminho? Como estamos ocupando nossos espaços? Que movimentos estamos experimentando nesses espaços?

No site fomos colocando nossas memórias da escola e propondo maneiras de interagir, apesar dos pesares. Juntos fomos significando as novas possibilidades que tínhamos para viver esses tempos inéditos, tentando nos fazer presentes uns para os outros. A manutenção de vínculos entre as crianças, as famílias, as professoras, os professores e a comunidade escolar, foi se reconstruindo pouco a pouco inventando os possíveis como bem diz Abramowicz e Tebet (2019), pois não podíamos sufocar, como propõe Deleuze.

A experiência das postagens no site foi oportuna também à valorização dos momentos em família, uma vez que a criança necessita da mediação do adulto para explorar as abas e as propostas. Ouvimos narrativas de que estar ao lado das crianças no contato com o site foi também uma forma de ressignificação do que é estar em família, fazendo um acordo com o tempo, que no cotidiano pré-pandemia, parecia sempre insuficiente.

Em meio a todo esse processo de aproximação com as famílias e crianças, vimos a possibilidade de afirmar o lugar da infância em nossas práticas diárias. A partir de diálogos entre a teoria e a docência da educação infantil formulamos a ação de extensão intitulada "Educação Infantil: promovendo encontros"⁵. O projeto

⁵ Este projeto só foi possível por conta do envolvimento de todos os docentes que atuaram no segmento de Educação Infantil do CAP-UFRJ durante o segundo semestre do ano civil de 2020 a quem agradecemos nominalmente: Alba Asin; Amanda Honório; Caroline Cavalcanti; Danielle Oliveira; Débora Rafaela Nunes; Elizabeth Sacramento; Juliana D'Elia; Leonardo Moreira; Maria Madeira; Marília Nogueira; Natasha Fernandes; Nely Carvalho; Renata Wanderley e Thainá Marracho, além das técnicas em assuntos educacionais Carla Vidal e Michele Morgane.

de extensão consiste em uma ação formativa para tanto para os docentes quanto para famílias e licenciandos. Com o intuito de promover o diálogo com diferentes realidades educacionais sobre temas diversos que atravessam a Educação infantil, compartilhamos com as famílias e licenciandos as pressuposições teóricas que embasam as práticas do Segmento da Educação Infantil do CAP-UFRJ. A participação de licenciandos, mobiliza perguntas e fomenta o diálogo proposto nas lives, nos fazendo pensar e construir coletivamente uma força política que busca elucidar a importância dos espaços de Educação Infantil.

As conversas propostas para cada encontro são transmitidas ao vivo pelo canal do CAP na Quarentena no Youtube⁶, proporcionando o diálogo com professores, licenciandos, famílias e interessados de todo Brasil. Como um evento online e aberto mobilizamos debates sobre temáticas pertinentes à educação infantil com o público interno e externo à UFRJ. Pensando na acessibilidade, todos os nossos encontros contam com audiodescrição dos participantes e alguns deles com tradução em libras. Durante o ano de 2020 foram realizados seis encontros virtuais, que tratavam desde as relações raciais na Educação Infantil, até o trabalho com as artes visuais e a dança, passando pela comemoração dos 30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ainda pensando no tripé de ensino, pesquisa e extensão que compõe o trabalho das unidades de educação básica lotadas na universidade, realizamos alguns diálogos síncronos e em pequenos grupos com licenciandos de pedagogia da nossa universidade. Realizamos encontros semanais (pela plataforma Zoom) para ampliar alguns debates já promovidos nas transmissões ao vivo pelo projeto de extensão, além de outros temas que compõem a prática docente. Em todos os diálogos salientamos nossa posição de que o fazer docente é aprendido não só pela prática e pela teoria, mas pela dimensão do encontro, do toque, do afeto das interações e da brincadeira como preconizam as DCNEIs (BRASIL, 2009) e que

⁶ <https://www.youtube.com/channel/UCghFNrjJBWf7r1rMnDM6gTw>

só são possíveis de acontecer presencialmente, mas compreendemos também o desejo desses estudantes de saber sobre como estávamos nos organizando e como nos (re)inventamos como escola para viver esse período sem precedentes.

Com o tempo e a falta de previsão do retorno, a saudade começou a apertar mais do que poderíamos imaginar. Todos sentíamos falta uns dos outros. Reconhecíamos a falta de ver e sentir a presença mesmo que distantes. Em comum acordo com as famílias e compreendendo as especificidades da Educação Infantil propusemos coletivamente encontros quinzenais com as crianças. Os encontros de caráter não obrigatórios, são a possibilidade de estreitar ainda mais os nossos vínculos, é mais um modo de não deixarmos apagar a chama que aquece os nossos corações e a lembrança dos momentos que compartilhamos. Esta era outra possibilidade que buscava a invenção de novos momentos que também ficarão em nossas memórias atravessados pela dor do distanciamento e a delícia do compartilhamento de nossas histórias nesses dias tão difíceis.

Nossos encontros têm uma duração breve de aproximadamente trinta minutos e são mobilizados a partir das propostas que estão disponíveis no site do CAP na Quarentena que apresentamos anteriormente. A partir das propostas, crianças e famílias experienciam coletivamente as propostas produzindo desenhos, máscaras, fotografias, histórias e memórias que são compartilhadas em momentos síncronos com as professoras. Foi preciso tempo até pensarmos em como construir esses encontros sem contradizer os pressupostos da Educação Infantil, o que mais nos mobilizou foi a indissociabilidade entre cuidar e educar. Nessas horas tão difíceis que temos vivido, disponibilizar a escuta, o olhar, compartilhar dores, tristezas e alegrias são fundamentais, são formas de cuidar.

Em um dos encontros com os grupos de quatro e cinco anos em que o tema era uma proposta de produção de máscaras africanas, uma das crianças ao relatar a inspiração de sua máscara disse "Fiz essa máscara para espantar a morte". Um dos modos de

aliviar a dor é através do compartilhamento das tristezas, e assim temos feito nos encontros que estamos realizando. Ao compartilhar as dores buscamos inventar minimamente momentos de alegria para não sufocar.



Registro do encontro síncrono do dia 23/10/2020.

O CAP-UFRJ, entende que esse período da pandemia é mais do que necessário um olhar atento para crianças e famílias, é um momento difícil para todos, cheio de incertezas e dúvidas e, desse modo, vamos encontrando caminhos para enfrentar esses tempos inéditos. Diante disso, também contamos com um Serviço de Orientação Educacionais (SOE) e um Núcleo de Educação Especial na perspectiva da Inclusão (NEEI) que junto com professoras e gestores realizam atendimentos online às crianças e suas famílias para contribuir com algumas situações específicas.

Considerações para seguir inventando possíveis

Essas são, sem dúvidas, estratégias importantes para tornar este período de pandemia mais leve. Os vídeos, as fotografias, as propostas interativas registram cenas do cotidiano das nossas crianças, da nossa escola, deixando o tempo de isolamento mais

significativo, diminuindo em parte o distanciamento e a saudade. Em tempos em que o nosso maior desejo é que tudo passe logo, temos buscado manter os princípios da coletividade, da alteridade e da igualdade de oportunidades e condições entre as crianças, defendendo uma proposta pedagógica que esteja além do cumprimento de simples conteúdos. O essencial é mantermos vivo os nossos vínculos e isso está para além dos campos do saber, cabe também aos campos do sentir.

Apesar do momento atual apontar para uma maior esperança com a chegada da vacina para a população, sabemos que existem protocolos de segurança que também são necessários nas instituições educacionais para um retorno seguro às atividades presenciais. O desafio é maior diante do pouco investimento nas escolas públicas que antes do período da pandemia já enfrentavam sérios problemas estruturais e administrativos.

Em tempos pandêmicos seguimos criando caminhos possíveis com a comunidade escolar, através da arte, da poesia, dos projetos, para (re)existir nesses tempos inéditos apostando no afeto, no cuidado e na parceria. Com o tempo temos aprendido que essas apostas é que fazem da Educação Infantil um campo fundamental de estudos e práticas da educação como um todo. Relembrando os ensinamentos de Azoilda Loretto da Trindade (2005) "não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro" (p.35).

Referências

ABRAMOWICZ, A.; TEBET G. **Infância e pós-estruturalismo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

DA TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **PROPOSTA PEDAGÓGICA**, p. 30, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Resolução nº 05, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Dezembro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer 05 de 28 de abril de 2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Brasília, 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 1/2011.** Diário Oficial da União, Brasília, 11 de março de 2011.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934.** Diário Oficial da União, Brasília, 01 de abril de 2020.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. **MEC/Brasil**, 2009.

Plano de biossegurança do CEI Criarte/UFES: entre incertezas e expectativas

Alessandra Martins Constantino Cypriano

CEI Criarte/Ufes – cymcale@gmail.com

Fabiola Alves Coutinho Gava

CEI Criarte/Ufes – fabiola.acg@gmail.com

Luciana Pimentel Rhodes Gonçalves Soares

CEI Criarte/Ufes – lucianaprgs@gmail.com

Introdução

Este relato de experiência busca: 1) situar historicamente a experiência do Centro de Educação Infantil (CEI) Criarte na elaboração de seu Plano de Biossegurança, evidenciando um pouco da discussão em torno do ensino remoto e do retorno às atividades presenciais na educação infantil (EI) diante da situação de pandemia do novo Coronavírus / COVID-19; 2) expor o processo de escrita do documento, sua organização e estrutura, refletindo teoricamente sobre saúde e direito à vida como prioridade; por fim, 3) apresentar algumas considerações sobre os desafios de sua implementação.

Experiências iniciais

"Colonavírus é um bichinho que tá no céu. Ele faz ficar gripado. Quando fica com a boquinha aberta "nhac", ele entra. Aí, tem que limpar o dente. Por isso, tem que ir de máscara. Se encosta a mão em lugar sujo tem que passar álcool e lavar com sabão assim [mostrou o movimento de lavar entre os dedos]".

(Enrico, Grupo 2 Matutino – CEI Criarte)

O depoimento de Enrico, de 02 anos de idade, evidencia como os modos de viver e de se relacionar de adultos e crianças foram

profundamente afetados em virtude da disseminação do novo Coronavírus. A declaração de uma pandemia por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS) fez com que, principalmente, as atividades escolares presenciais fossem (e permanecessem) suspensas mundialmente por um longo período.

No CEI Criarte – instituição pública de EI vinculada ao Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – essa suspensão ocorreu a partir de 23 de março de 2020 e perdurou ao longo do corrente ano¹, de modo que várias questões emergiam e demandavam respostas, orientações e posições por parte da instituição que, por sua vez, estava (e está) circunscrita a um cenário nacional de intensos problemas políticos, de instabilidades no Ministério da Saúde, de negacionismos em relação à gravidade da doença, de inseguranças, de incertezas, mas também de esperanças e pesquisas incessantes em torno da descoberta de mais informações sobre a COVID-19.

Além de estar imerso nesse cenário, há de se destacar que o CEI Criarte, por ser uma instituição pública que oferta EI dentro de uma universidade, ocupa um lugar de certo modo indefinido quando pensamos em sistemas de ensino, posto que ele está submetido às decisões dos conselhos superiores da UFES que voltam-se, predominantemente, ao ensino superior – conforme assinala a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 em seus Artigos 8º, 9º, 17 e 21 – fato que exige um trabalho incansável em prol do reconhecimento de questões que são fundamentalmente específicas da EI e que precisam ser materializadas em dispositivos normativos da UFES.

Além disso, muitas foram as incertezas, principalmente em relação ao tempo de duração da pandemia, pois, mesmo que uma

¹ Além da Resolução nº 04/2020 do Conselho Universitário (CUN/Ufes) – primeira a suspender as atividades presenciais na UFES – outras foram divulgadas no decorrer do ano de 2020, pelo de Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE/UFES), bem como pelo próprio CUN/Ufes, ampliando o período de suspensão das aulas e regulamentando as ações a serem desenvolvidas nesse momento tão atípico.

vacina fosse criada para combater o Sars-Cov-2 não havia como afirmar que seria possível disponibilizar à população imunização num curto espaço de tempo. Diante disso, fora iniciado um debate sobre a possibilidade de retorno às atividades presenciais suspensas.

Esse debate não se voltou somente às escolas, mas vários outros setores se debruçaram sobre protocolos de biossegurança. Contudo, o caso das instituições educativas despertou mais preocupações, especialmente a EI e o ensino fundamental (EF) – anos iniciais, por ser o público infantil aquele que mais demanda contato físico não só no auxílio, cuidado e ensino pelos professores e demais profissionais, mas entre si, nas interações entre pares.

As considerações iniciais da comunidade científica de que a doença acometeria mais idosos e pessoas com comorbidades, de certo modo, acabou por compor as justificativas para o retorno das aulas presenciais e a questão da alta transmissibilidade do vírus e o número elevado de pessoas assintomáticas não ecoava do mesmo modo, e em todo o Brasil, os órgãos gestores de cada estado, buscavam medidas que norteassem as questões que surgiam. No Espírito Santo uma Portaria Conjunta entre as Secretarias de Educação e da Saúde do Estado do Espírito Santo, Portaria nº 01-R, de 08 de agosto de 2020, estabeleceu as diretrizes para as medidas administrativas e de segurança sanitária a serem tomadas pelos gestores das instituições de ensino no retorno às aulas presenciais. Vale lembrar que nesse momento os próprios pesquisadores estavam diante de dados restritos para afirmações mais consistentes e empenhados em novas descobertas, num movimento de

[...] revisitar a história e acreditar na capacidade humana, na sua experiência de enfrentar o sofrimento e incapacidades causadas por diversos vírus ou bactérias [...]. MARANHÃO (2020, p. 2)

Contudo, algumas certezas sobre as principais formas de prevenção e controle eram divulgadas pelos pesquisadores. A ação simples e cotidiana de lavar as mãos com água e sabão ganhou importância; o álcool em gel foi popularizado; o uso de máscaras

se tornou comum; o desafio de se manter a pelo menos 1,5m de distância das pessoas passou a ser um exercício diário; a higienização dos ambientes foi intensificada e alvo de maior atenção de todos. Mas, como garantir o cumprimento de tais protocolos na EI dada a natureza do trabalho desenvolvido nesta etapa educacional? Essa foi a interrogação que atravessou todo o processo de construção coletiva do Plano de Biossegurança do CEI Criarte iniciado e finalizado em junho de 2020.

Acrescida a essa pergunta, inevitavelmente, se interpunham outras questões circunscritas às interrogações: não deveríamos defender um retorno seguro, o que só é possível com a imunização? Mas, seria criada uma vacina? No momento em que decidimos pela construção das orientações de biossegurança, as informações eram ainda muito limitadas quanto à imunização e, ainda que soubéssemos que o retorno não seria breve, pelo menos no tocante aos desafios do CEI Criarte, era preciso explicitar não só à comunidade escolar, mas à própria universidade quais eram (e são) as necessidades para atendimento das exigências de prevenção e controle da doença no caso de retorno às aulas.

A sistematização do plano

Assim, sem abrir mão do direito fundamental à vida, garantia constitucional, algumas condicionalidades para o retorno às atividades presenciais foram interpostas no documento² no sentido de garantir, no caso da impossibilidade de manutenção do afastamento social, minimamente, a segurança de todos.

² As condicionalidades que constam no plano são: taxa de transmissibilidade do vírus (RT) abaixo de 1,0; ocupação dos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da região metropolitana onde se localiza o CEI Criarte inferior a 65%; garantia de testagem da comunidade escolar para COVID-19 com frequência; condições adequadas de limpeza, ampliando e intensificando o serviço oferecido por empresa terceirizada; intensificação da segurança, dado que a diminuição de circulação de pessoas representa insegurança no local onde se situa a instituição.

Isto posto e considerando a definição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2005) de que medidas de biossegurança são “ações destinadas a prevenir, controlar, reduzir ou eliminar riscos inerentes às atividades que possam comprometer a saúde [...]”, o Plano aborda o que é preciso saber sobre a Covid-19; a organização do CEI Criarte em tempos de pandemia; os cuidados necessários mais específicos para o momento de retorno presencial; as recomendações para a organização dos espaços-tempos da instituição; os aspectos pedagógicos implicados diante na nova organização. Ademais, o Plano explicita as informações sobre a COVID-19 mais atualizadas até o momento de sua elaboração. Sobre a nova organização do CEI Criarte, o documento destacou três momentos, tendo como referência a primeira versão do Plano de Biossegurança da UFES³:

1) *Primeiro momento* (suspensão das atividades presenciais, em março de 2020, com previsão de continuidade no início de 2021), que consiste na continuidade das atividades administrativas, de pesquisa, de extensão e complementares de ensino, sendo que nestas últimas atividades destacaram-se: a promoção de consultas públicas às famílias das crianças atendidas pelo CEI Criarte⁴; as Ações Afetivas e Sociais⁵; os encontros formativos específicos para

³ Uma versão posterior do plano da universidade alterou alguns aspectos apresentados na primeira versão, mas mantivemos o formato inicial adotado para o Plano de Biossegurança do CEI Criarte por entendermos que ainda assim atende ao estabelecido pela Ufes, além de estar mais em conformidade com as especificidades do CEI Criarte. O Plano de Biossegurança do CEI Criarte foi apreciado pelos conselhos superiores da universidade e orientada sua publicização.

⁴ Em 2020 foram realizadas três consultas às famílias, sendo a primeira com questões mais amplas relacionadas às possibilidades de acesso à *Internet* e as outras especificamente com o objetivo de avaliar e redimensionar as *Ações Afetivas e Sociais*.

⁵ As *Ações Afetivas e Sociais*, conforme o documento *Reorganização do Calendário Escolar em Função da Pandemia do Novo Coronavírus (2020)*, consistem na organização e divulgação de materiais/propostas de orientação aos familiares dos alunos atendidos pelo CEI Criarte/Ufes com sugestões de ações educativas de caráter lúdico, recreativo, criativo e interativo para serem desenvolvidas com as crianças e favorecer contato afetivo com a escola, bem como aproximação à aprendizagens e experiências significativas. Algumas estratégias utilizadas foram

famílias e professores/servidores; a elaboração de documento orientador para reorganização do calendário escolar.

2) *Segundo momento*, que se refere ao retorno escalonado das atividades presenciais, desde que atendidas as condicionalidades anteriormente referidas, caso não possamos manter o afastamento social. Para este momento, o Plano de Biossegurança do CEI Criarte, em conformidade com as orientações mais amplas da UFES, prevê a possibilidade de flexibilização do horário/jornada de trabalho dos profissionais que atuam na instituição. Assim, o retorno foi explicitado, considerando tanto um retorno gradativo dos trabalhadores quanto um retorno gradativo e revezado das crianças atendidas, de maneira a evitar aglomeração de pessoas, também de acordo com os protocolos de saúde. A possibilidade de atendimento com carga horária diferenciada não foi descartada. Também optamos por não especificar os critérios para retorno das crianças dado que entendemos que tais critérios precisariam ser definidos mais próximos do momento de retorno e em diálogo com as famílias atendidas e, ainda, em conformidade com o número de profissionais aptos a retornarem ao trabalho, o que poderá ser alterado de acordo com as circunstâncias. O documento foi pauta dos debates da equipe da instituição nas últimas reuniões realizadas em 2020 o que evidenciou a necessidade de atualização de alguns pontos diante de dúvidas específicas que foram encaminhadas ao Comitê Operativo de Emergência (COE) da UFES, grupo que orientou, aprovou e vem acompanhando o Plano, assim como a necessidade de encaminhamentos para seu atendimento pela universidade.

3) *Terceiro momento*, que diz respeito a outras ações a serem adotadas pelo CEI Criarte mediante a possibilidade do surgimento

a divulgação de cadernos virtuais (no ano de 2020 foram publicados 15 cadernos); encontros virtuais síncronos (denominados *Conversações com crianças*) e uso do *Padlet*, um mural virtual onde foram postadas as ações/atividades realizadas pelas crianças e suas famílias, se constituindo um canal de comunicação assíncrono.

de “novas ondas” da COVID-19, inclusive podendo retornar ao primeiro ou ao segundo momentos detalhados no documento.

Considerado o caráter educativo do Plano de Biossegurança do CEI Criarte e não apenas o enunciado de protocolos de saúde a serem cumpridos, os cuidados mais específicos em relação à doença para o momento de retorno presencial à instituição foram apresentados em conformidade com a rotina educativa pré-existente. Uso de máscara, lavagem das mãos, como lidar com sintomas gripais, distanciamento entre as pessoas, novos modos de cumprimentar, dentre outras formas de prevenção e controle foram apresentadas sem desconsiderar a necessidade e importância de conversar com as crianças a esse respeito. Também a essas questões foram relacionadas informações sobre a nova organização dos espaços-tempos da escola: entrada/acolhimento; refeições; saída; espaços físicos diversos (salas de aula, biblioteca, brinquedoteca, quadra, pátios, banheiros, secretaria, dentre outros) e um tópico específico – *E os aspectos pedagógicos?* – tendo em vista que os aspectos pedagógicos não se dissociam dos aspectos relacionados à saúde, especialmente na EI. Conforme Maranhão (2010, p. 2)

[...] é preciso que os profissionais da educação reconheçam seu papel na promoção da saúde da criança, e que os profissionais de saúde ultrapassem o discurso sobre a creche como ambiente de risco e a reconheçam como rede de apoio efetiva para a infância brasileira.

Nessa direção, continua a autora: “[...] o limite entre saúde e doença é tênue e relativo, sobretudo em uma fase da vida de maior vulnerabilidade biológica”, ao se referir à EI (MARANHÃO, 2010, p. 2).

Assim, buscamos equacionar os direitos educacionais das crianças ao direito à saúde, sem desconsiderar, portanto, a saúde mental/emocional das crianças, dos familiares e dos trabalhadores. Em relação às crianças e seus familiares, dentro dos limites das interações virtuais e das condições de trabalho dos profissionais, buscamos conversar, orientar, rememorar momentos anteriores vividos na escola, dentre outras possibilidades, por meio das *Ações Afetivas e Sociais*.

Eventos, reuniões pedagógicas com os profissionais e com os familiares, comemorações de aniversários e outras festividades que faziam parte do ano letivo da instituição foram suspensas e/ou adaptadas para o formato virtual e seguirão essas recomendações enquanto durar a pandemia.

Como assinala Maranhão (2020), há de se considerar uma diversidade de modos de vida das famílias. Ainda que algumas possam oferecer uma rica experiência cotidiana às crianças nesse momento atípico, certamente a interação entre pares está prejudicada e também a ocupação dos pais pelo trabalho remoto e a preocupação com a perda/diminuição de renda para o sustento da família, que é o caso de muitos, dentre outras variáveis que se associam à tensão emocional provocada pelo medo de uma doença relativamente desconhecida, afetam as crianças, assinala a autora⁶. No caso do público atendido pelo CEI Criarte, de acordo com os dados das consultas públicas realizadas, observamos que as maiores dificuldades assinaladas pelas famílias foram quanto ao desafio de conciliar o trabalho remoto e os cuidados com os filhos e o desinteresse de algumas crianças em realizarem as atividades propostas com o apoio/auxílio da família. Dificuldades de ordem financeira das famílias relacionadas à sobrevivência/alimentação não foram identificadas, embora 03 (três) famílias tenham sinalizado necessidade de receber um auxílio oferecido por uma instituição sindical no início da pandemia.

O Plano de Biossegurança do CEI Criarte favoreceu o debate de muitas questões e a proposição de estratégias. No entanto, ainda assim, não se constituiu um processo fácil, especialmente em virtude da natureza do trabalho desenvolvido na EI. As questões de saúde, sempre atravessaram de modo singular esta etapa

⁶ Escapam aos objetivos deste texto abordar as inúmeras variáveis da pandemia do novo coronavírus que afetam as crianças de modo geral e de maneira mais perversa, aprofundando as desigualdades sociais, as crianças mais pobres. Contudo, milhares de crianças vivem atualmente o acirramento dessa perversidade promovida por um modo de existência em que o lucro se coloca acima da vida.

educativa, frente aos cuidados específicos dispensados às crianças da EI, porém o risco à vida diante desta situação de pandemia pelo Sars-Cov-2 nos preocupa, nos amedronta, nos tira do lugar comum, da imediatividade do cotidiano e nos faz pensar. Maranhão (2020, p. 2) afirma: “As crises criaram oportunidades de evolução científica”, mas que possamos situar a evolução científica no âmbito do bem comum.

Considerações finais

Preocupar-se com a vida é sinal de humanidade e mais ainda em tempos em que muitos a banaliza. Preocupar-se com a vida também nos fortalece; o próprio processo de construção coletiva de estratégias, ainda que em muitos momentos não tenhamos respostas satisfatórias, possibilita o fortalecimento de laços e ideias e nos humaniza. Na medida em que buscamos estratégias assentes no bem de todos, fortalecemos um pacto social rumo a um modo de existir mais justo.

A situação de pandemia provocada pela COVID-19 afetou toda a sociedade, promovendo novos modos de ser e estar no mundo e estar com o outro. As incertezas diante do novo coronavírus demandaram que a escola buscasse repostas e caminhos, assim como outros setores. Também o CEI Criarte, ao atender o público infantil enfrentou, enfrenta e enfrentará muitos desafios diante da situação provocada por esta pandemia.

A defesa de que o ensino remoto não atende a EI se amparou nos princípios pedagógicos e políticos que defendemos e em constante diálogo com as famílias. Estivemos atentos às orientações das instâncias superiores da educação e às pressões mercadológicas e, com olhar atento, buscando explicitar como nos organizar diante da situação posta, propusemos o Plano de Biossegurança do CEI Criarte.

Com a escrita do Plano, os estudos, as reflexões e os diálogos quanto à organização da instituição diante do cenário de pandemia foram materializando-se e, apesar de todas as rápidas mudanças quanto à situação em curso, foi possível vislumbrar um caminho a

ser percorrido, uma rota nesse processo de busca por estratégias de atendimento às crianças e famílias e de atuação dos profissionais. Um caminho que, antes de tudo, considere o resguardar da saúde e da vida de todos nós como premissa primeira.

Referências

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Biossegurança**. Rev. Saúde Pública, 2005; 39(6) 989-91.

BRASIL. [LDB (1996)]. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 18 jan. 2020.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Saúde e Secretaria de Educação. **Portaria nº 01-R/2020**. Espírito Santo: Secretarias de Saúde de Educação, 08 de ago. 2020. Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/001-R-CONJUNTA-SEDU-SESA.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

CENTRO DE EDUCAÇÃO. **Minuta do documento de Reorganização do calendário escolar em função da pandemia do novo coronavírus**. Espírito Santo: Centro de Educação Infantil Criarte, 2020, 51f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Plano de Biossegurança do CEI Criarte**. Espírito Santo, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://www.ufes.br/conteudo/criarte-elabora-plano-de-biosseguranca-com-orientacoes-pedagogicas-e-administrativas>. Acesso em 25 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 04/2020**, de 18 de março de 2020. Regulamenta a reorganização das atividades acadêmicas, administrativas e eventos no âmbito da Ufes a partir de 17/3/2020, como medida de prevenção ao COVID-19.

MARANHÃO, Damaris Gomes. Saúde e bem-estar das crianças: uma meta para educadores infantis em parceria com familiares e profissionais de saúde. In: I SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195secretarias-112877938/seb-educacao-basica-007048997/16110-i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento>. Acesso em: 09 fev. 2021.

MARANHÃO, Damaris Gomes. O retorno. **Instituto Avisa Lá**. São Paulo, 17 mai. 2020. Disponível em: https://avisala.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ENSAIO-_RETORNO.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.

Experiências do Cei Criarte no contexto da pandemia COVID-19

Flávia Amorim Sperandio

flaviaasperandio@gmail.com

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Janáina Silva Costa Antunes

janaina.antunes8@gmail.com

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Kenia dos Santos Francelino

keninhamel2017@gmail.com

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

O texto apresentado tem como objetivo relatar experiências vividas por famílias, crianças e equipe do Centro de Educação Infantil Criarte, articuladas aos movimentos de reorganização escolar no contexto da pandemia Covid-19.

O Cei Criarte constitui-se por uma Unidade de Educação Infantil vinculada ao Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, localizado no campus de Goiabeiras. Possui 44 anos de história e prestação de serviços ao público da primeira infância, atendendo atualmente crianças com idades entre 2 e 5 anos nos turnos matutino e vespertino, em jornada parcial.

Em 2020, o funcionamento dessa instituição sofreu drásticas e repentinas alterações em decorrência da pandemia que afetou o mundo inteiro.

A Emergência de Saúde Pública de importância internacional e nacional declarada pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde – pandemia em virtude da disseminação do novo Coronavírus / COVID-19 – alterou significativamente os modos de viver e de se relacionar de adultos e crianças, e fez com que, principalmente, as atividades escolares presenciais fossem e permanecessem suspensas mundialmente por um longo período. No Cei Criarte essa suspensão se deu a partir de 23 de março de

2020, conforme Resolução nº 04/2020 do Conselho Universitário – Cun/Ufes. Até esse momento, as atividades didático-aulas ocorreram normalmente de modo presencial, com início do ano letivo em 05 de fevereiro do corrente ano. Contudo, a declaração repentina de uma pandemia exigiu a reorganização da vida em todos os seus sentidos.

Nesse contexto de suspensão das aulas presenciais, movimentos de reorganização escolar foram articulados, considerando alguns acontecimentos do cenário nacional e mundial.

Inicialmente, acreditávamos que o período de afastamento social – estratégia necessária para mitigar a disseminação do vírus – não seria tão longo a ponto de comprometer a reposição dos dias letivos. Logo, no âmbito do Cei Criarte, a estratégia inicial foi reorganizar o calendário letivo 2020 de modo a cumprir e garantir às crianças os 200 dias letivos e as 800 horas, mesmo que ampliando a carga horária diária e adentrando recessos e sábados, quando do retorno das atividades presenciais. Essa reorganização foi construída, coletivamente, por meio de reuniões da equipe em formato virtual. O documento produzido intitulado “*Reorganização do calendário escolar em função da pandemia do novo Coronavírus*” traz em sua essência todas as etapas que foram materializadas em 2020 no que tange as estratégias do trabalho pedagógico do Cei Criarte em tempos de pandemia bem como detalha as escolhas feitas pela equipe de modo a garantir os vínculos entre família, crianças e escola. Vale ressaltar que o relato que se lê tem como embasamento, além das experiências vividas nesse período, a organização cronológica e informativa do documento supracitado.

As atividades administrativas, de pesquisa e de extensão seguiram sendo realizadas remotamente dentro das possibilidades e regulamentações da universidade durante o período de excepcionalidade. Quanto à organização do ensino e às atividades complementares de ensino, voltamos à organização de 3 planejamentos de atividades já previstas no início do ano letivo 2020, que ainda naquele momento estavam na pauta para serem realizadas quando houvesse o retorno. Além disso, a equipe

pedagógica, sensível ao momento excepcional, incluiu conteúdo relacionado à pandemia na 25ª edição do *Caderno da Família*¹ e organizou em colaboração com alguns servidores do Cei Criarte a divulgação de outras propostas e informações pertinentes ao contexto instaurado. Essas propostas foram denominadas inicialmente de *Ações Sociais e Afetivas Profiláticas para o período de isolamento social*, no intuito de dar apoio às famílias no período de afastamento e isolamento social, promovendo inclusive, propostas lúdicas para as crianças.

Sua divulgação às famílias era realizada por e-mail com dicas sobre atividades de concentração e vídeo teaser sobre a organização de rotina, contação de histórias e projeto de coleta seletiva no Cei Criarte e dicas de reutilização de sucata. Outra proposição foi o envio do convite do GEPAEI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil, sobre novo quadro no Instagram chamado #tagarelandoarte, com o objetivo de registrar as narrativas das crianças sobre a Arte e também a divulgação de reflexões relacionadas ao desenvolvimento da concentração com sugestões de atividades.

Em conformidade com o cenário mais amplo, a universidade prorrogou o período de suspensão das atividades presenciais por meio da Resolução nº 07/2020 Cun/Ufes² e, diante disso, atento às discussões a respeito da Educação Infantil no Brasil e considerando

¹ O *Caderno da Família*, idealizado pela equipe pedagógica do CEI Criarte, tenciona enriquecer conhecimentos e divulgar materiais relevantes sobre educação. Diversos textos acerca da educação infantil, infâncias, literatura, dentre outros temas pertinentes, compõem a sua redação. Desde a sua primeira edição, em abril de 2018, o *Caderno da Família* vem nos engrandecendo com publicações mensais. O principal destinatário que as idealizadoras tinham em mente quando da concepção do projeto, como o próprio nome do caderno leva a crer, era a Família. Esperamos que, além de contribuir para o debate educacional, estes cadernos possam estreitar ainda mais o relacionamento família-escola. Os cadernos podem ser acessados pelos site <https://criarte.ufes.br>

² Essa Resolução previa a suspensão por tempo indeterminado das aulas presenciais do Centro de Educação Infantil Criarte, com possibilidade de prorrogação.

ainda a possibilidade de reposição dos dias letivos suspensos, passamos a nos organizar na direção de construir uma proposta de reorganização para o ano letivo 2020, o que também incluiu uma preocupação em avaliar as propostas feitas até o momento alinhando-as às concepções pedagógicas da instituição e ampliando-as na tentativa de aumentar a participação das famílias, logo, o envolvimento das crianças.

Entendemos que todos nós fomos afetados nesse cenário de excepcionalidade, de diferentes modos e de acordo com a legislação vigente, conscientes da importância do direito à educação e da importância do papel de educadores, enquanto equipe, fizemos propostas no intuito de promover às crianças aproximação a aprendizagens e experiências significativas. Nesse intento, passamos a intitular as propostas enviadas às famílias para serem desenvolvidas com as crianças de *Ações Afetivas e Sociais*. Considerado o longo período de suspensão das atividades presenciais, era preciso garantir, ainda que dentro das limitações impostas pela distância e questões de outras ordens, maior contato entre criança e escola. Seguindo o mesmo formato de divulgação via e-mail, as propostas neste momento configuraram-se em ações educativas de caráter lúdico, recreativo, criativo e interativo, com dicas de atividade musical, vídeo de contação de história, arte comestível, poesia, mensagens dos servidores às crianças dentre outras.

Novamente, tivemos nossas atividades prorrogadas por meio da Resolução nº 08/2020 Cun/Ufes, tendo em vista as orientações das autoridades de saúde.

Diante do cenário ao qual nos encontrávamos, optamos por intensificar nossos debates acerca da construção de uma proposta de reorganização do ano letivo 2020 que estava em andamento assim como em torno das Ações Afetivas e Sociais, buscando qualificá-las não só do ponto de vista das crianças, mas também daqueles que as orientavam no desenvolvimento das proposições. A excepcionalidade daquele momento evidenciava, mais do que qualquer outro momento na história da Educação Infantil, o quão importante é a família no contexto desta etapa educacional. Apenas

seria possível alcançar as crianças se estão as famílias em condições de possibilitar, ainda que minimamente, relação com a escola. E, em tempos de pandemia, essa relação passou por outros caminhos, muitas vezes mais estreitos e sinuosos, mas que a escola precisava garantir que existissem ainda que por eles nem todos pudessem transitar ao mesmo tempo, dadas suas escolhas e possibilidades. Mas, firmou-se a responsabilidade do Cei Criarte em atender a todas as crianças matriculadas na instituição, reconhecendo as singularidades de cada uma e das famílias diante do atual momento em que vivíamos. A partir dessa compreensão, o Cei Criarte concluiu que para continuar avançando era necessário ampliar a avaliação de todo o processo às famílias e, portanto, propôs a I Consulta Pública. Organizamos uma série de questões em torno das possibilidades já amadurecidas e mesmo sobre as Ações Afetivas e Sociais disponibilizadas com o objetivo de saber quais direções seguiríamos e as percepções quanto ao que estavam em andamento, os limites de suas propostas, as dificuldades encontradas pelas famílias e suas expectativas e sugestões. Obtivemos participação considerável das famílias nessa I Consulta Pública sendo que quase 92% responderam às questões.

Os dados da I Consulta Pública indicaram que a maioria das possibilidades apontadas estava em conformidade com as expectativas e possibilidades das famílias. Constatou-se que todas dispunham condições de manter uma comunicação efetiva com o Cei Criarte, além de acessar as proposições das Ações Afetivas e Sociais. Nesse momento, essa proposição passou por algumas reformulações.

De acordo com o documento de Reorganização do calendário escolar em função da pandemia do novo Coronavírus as Ações Afetivas e Sociais constituem-se como aquelas que serão realizadas durante o período de suspensão das atividades presenciais com o objetivo de reforçar a ideia de que família e escola estão juntas na corresponsabilidade do desenvolvimento integral da criança, considerados os diferentes papéis e responsabilidades frente à especificidade da Educação Infantil. Sendo assim, elaboramos, organizamos e divulgamos materiais e propostas de orientação às

famílias com sugestões de ações educativas de caráter lúdico, recreativo, criativo e interativo para serem desenvolvidas com as crianças, com vistas a possibilitar a elas, por meio do apoio e auxílio de seus familiares, o contato afetivo entre criança e escola, bem como a aproximação de aprendizagens e de experiências significativas. Com o intuito de orientar as famílias quanto ao desenvolvimento das sugestões de ações educativas encaminhadas, promovemos o Seminário de Pais de maneira virtual, além de manter outros canais de comunicação.

Em se tratando de ações que buscavam manter os vínculos afetivos entre criança-família-escola apenas durante o período de suspensão das atividades presenciais em virtude da pandemia da COVID-19, elas não foram consideradas no cômputo geral da carga horária a ser ofertada, ficando facultativa às famílias a execução e participação das mesmas. As propostas foram elaboradas de modo a atender ao mesmo tempo a todos os grupos e faixas etárias (de 2 a 5 anos), bem como às crianças público-alvo da Educação Especial.

Quanto a sua periodicidade, os materiais foram enviados quinzenalmente às famílias pelo setor pedagógico via e-mail institucional e por meio de disponibilização no site do Cei Criarte³.

Outra ação apresentada foi o Padlet. Configura-se como um *Mural Virtual de Memórias Afetivas*, possível de ser acessado em qualquer tempo. É uma ferramenta destinada à interação entre família, criança e escola de cada turma. Cada família teve a possibilidade de postar imagens e pequenos vídeos do seu filho na rotina diária, associados ou não a realização de propostas das Ações Afetivas e Sociais. EM avaliação institucional realizada no final do ano constatamos que essa ferramenta foi pouco utilizada pelos familiares e crianças.

Com o objetivo de colher informações quanto ao acesso e realização das Ações Afetivas e Sociais e interesse em possíveis encontros síncronos com as crianças, realizamos a II Consulta

³ No site do Cei Criarte estão disponibilizadas todas as 15 publicações de Ações Afetivas e Sociais.

Pública. Constatamos que cerca de 72% das famílias participaram dessa etapa de coleta de dados, havendo uma redução de quase 20% em relação aos participantes da I Consulta Pública.

A maioria das famílias participantes afirmou ter acessado ou realizado algumas das propostas disponibilizadas, ao passo que apenas 4 respostas indicaram nunca ter acessado o material. Diante do cenário, reiterou-se o caráter facultativo das Ações Afetivas e Sociais.

Considerando a proposta pedagógica do Cei Criarte, foram elaboradas ainda nessa pesquisa questões para verificar a disponibilidade e adesão por parte das famílias de modo que a instituição tivesse elementos para avaliar e ponderar sobre a realização de encontros síncronos. A maioria das famílias apresentou-se favorável aos encontros e indicou a possibilidade de acompanhar a criança semanalmente no turno em que estava matriculada. A instituição, mediante as respostas, buscou estabelecer objetivos e o formato dos encontros virtuais síncronos de modo a não se configurar oferta de aula remota na Educação Infantil.

Sendo assim, consideramos que os encontros síncronos seriam chamados de *Conversações com Crianças*. Com o objetivo de manter o vínculo afetivo entre escola, equipe de sala e família aconteceram quinzenalmente, num tempo estimado de, aproximadamente, 40 minutos cada encontro. Esse era um espaço reservado a conversas e interações, mesmo que virtualmente. As crianças participavam com seus responsáveis e a equipe de sala propunha adivinhas, histórias, músicas, brincadeiras, conversas informais, bingos, roleta dos bichos entre outras proposições.

Em avaliação no final do ano com as famílias e equipe da escola, observamos que tal ação teve uma boa aceitação e participação dos envolvidos.

Quanto ao relatório final individual, cada equipe de sala elaborou o seu específico, com base nas observações e registros do período inicial de atividades presenciais. Outro registro foi elaborado coletivamente com o intuito de apresentar o que fora oferecido pela unidade de ensino nesse período de excepcionalidade. Cada relatório foi encaminhado para o e-mail de

cada família. Realizamos também a reunião individual virtual com cada responsável. Essa reunião acontece ao final de cada semestre e optamos por seguir a organização institucional, mesmo com adaptações em seu formato.

Para além das ações e experiências vividas pelos sujeitos que constituem e dão vida ao Cei Criarte neste período de pandemia, apresentados neste texto, é importante ressaltar que todas as segundas-feiras aconteceram reuniões pedagógicas para análise e avaliação das ações propostas pela instituição bem como discussão e elaboração coletiva de documentos que nortearam nossas escolhas. Em outros dias e horários, participamos de reuniões extraordinárias, fóruns e formações promovidas pela escola e universidade.

Encerramos o ano de 2020 com a incerteza de um retorno presencial para o ano de 2021. Apesar de termos o Plano de Biossegurança aprovado pelo Conselho Deliberativo do Cei Criarte, pronto para ser colocado em efetivação, precisamos aguardar novas orientações do Conselho Universitário quanto a esse retorno.

Referências

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 28 de abril de 2020**. Define a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 11 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 04/2020, de 18 de março de 2020.** Dispõe sobre a regulamentação e reorganização das atividades acadêmicas, administrativas e eventos no âmbito da Ufes a partir de 17/3/2020, como medida de prevenção ao COVID-19. Vitória: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://daocs.ufes.br/conselho-universitario>. Acesso em: 10 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 07/2020, de 6 de abril de 2020.** Dispõe sobre a regulamentação e reorganização das atividades acadêmicas, administrativas e eventos no âmbito da Ufes como medida de prevenção à Covid-19. Vitória: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://daocs.ufes.br/conselho-universitario>. Acesso em: 12 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Conselho Universitário. **Resolução nº 08/2020, de 14 de maio de 2020.** Dispõe sobre a homologação da decisão ad referendum referente ao artigo 1º da Resolução nº 07/2020-CUn. Vitória: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://daocs.ufes.br/conselho-universitario>. Acesso em: 15 dez. 2020.

“Hoje vem um pedacinho do LDH pra casa!”
As experiências da entrega dos Kits de Materiais Brincantes
para bebês e crianças do LDI e do LDH

Fernanda Miquelão Ribeiro (LDH/DED/UFV)
fernanda.miquelao@ufv.br;
Láisa Medina Silva (LDI/DED/UFV)
laisa.silva@ufv.br);
Liliane Fernandes Caiafa Damasceno (LDH/DED/UFV)
liliane.caiafa@ufv.br;
Antoniella Matos Cordeiro (LDI/DED/UFV)
niellacordeiro@hotmail.com;
Edilaine Patricia da Silva (LDI/DED/UFV)
pseedilaine@gmail.com;
Lucilene Rosa Caetano (LDI/DED/UFV)
lucilene.caetano@ufv.br;
Maria Aparecida Valentin de Souza Leite (LDI/DED/UFV)
mavsl01@yahoo.com.br;
Monalisa Lopes Teixeira (LDI/DED/UFV)
monalisa.teixeira@ufv.br;
Priscilene Correa Garcia Rodrigues (LDI/DED/UFV)
priscilene07@hotmail.com;
Rita de Cássia Silva (LDI/DED/UFV)
rita.c.silva@ufv.br;
Rosana Maria da Silva Faria (LDI/DED/UFV)
rosanam2103@gmail.com;
Roseli da Silva (LDI/DED/UFV)
roselisolva91@yahoo.com.br;
Sara Souza Bustamante (LDI/DED/UFV)
sara.bustamante@ufv.br);
Sônia Ramos de Souza Fonseca (LDI/DED/UFV)
soniabarroso10@yahoo.com;
Taynara Moreira dos Santos (LDI/DED/UFV)
taynara.santos@ufv.br;
Thayane Aparecida Lopes Pereira (LDI/DED/UFV)
thayanelopes.pereira@gmail.com;
Verônica Aparecida da Silva (LDH/DED/UFV)
veronica.aparecida@ufv;

Como todo início de ano, começamos o ano letivo de 2020 nos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil (LDI) e Desenvolvimento Humano (LDH) da UFV na expectativa de um recomeço diferente e de novas possibilidades, principalmente para as crianças, em função dos espaços recém reformados e a chegada de móveis novos. As crianças se adaptavam a esses espaços e dividiam as suas experiências com a natureza que o campus proporciona. Como o casal de Seriema tentando fazer o seu ninho na árvore da área externa do LDH, os inúmeros insetos, aracnídeos e outros animais que despertam a curiosidade das crianças e o interesse em pesquisar mais e mais.

Começamos a planejar o nosso primeiro sábado letivo, que reuniria as crianças e as famílias dos dois turnos com muitas brincadeiras nas salas e na área externa do LDH. Começaria ali também a possibilidade de estreitarmos os laços com essas famílias. A chegada da notícia da interrupção das atividades¹ veio na sexta-feira à tarde, antes do evento do sábado letivo, e não tivemos tempo de preparar as crianças para o que estava acontecendo e de como iríamos continuar daqui pra frente. A verdade é que também não sabíamos. Um sentimento de medo da doença e de perder o vínculo com as nossas crianças pairavam sobre nossos corações e nossas cabeças. Os Laboratórios ficaram vazios de crianças, famílias, professoras, vivências... A Seriema pode, enfim, chocar o seu ovo.

Diante do contexto de isolamento social, a equipe coordenadora, docente e técnica da Unidade de Educação Infantil, composta pelos Laboratórios buscou formas de manter os vínculos afetivos com as crianças e famílias, bem como apoiá-las e orientá-las sobre o desenvolvimento integral das crianças, já que

¹Ato Nº 17/2020/CEPE de 14/03/2020 em função da pandemia do covid-19.

compreendemos que a Educação Infantil é uma ação integrada entre família e instituição escolar e que esta parceria deve ser mais efetiva em tempos de distanciamento social.

De acordo com Amaral (2021), a boa relação entre pais, professores e crianças abre possibilidades para a participação neste processo educativo. Para ele, quanto mais leve, afetuoso e dialógico for este vínculo, melhor para o desenvolvimento das crianças, principalmente neste período remoto, em que muitas famílias estão enfrentando dificuldades para lidar com a nova forma de cuidar e educar as crianças. Reconhecendo a importância destes vínculos, buscamos por meio de leituras, diálogos com a equipe e *lives* nos capacitar para oferecer experiências ricas e significativas para as crianças. Com base na concepção filosófica dos Laboratórios, na concepção de crianças, na construção do conhecimento e da interação família e escola, tivemos o desafio de continuar o atendimento remoto às crianças e famílias coerente com os mesmos princípios que fundamentam o trabalho do LDI e do LDH.

Após muitas reflexões com a coordenação pedagógica e entre nós professoras planejamos algumas alternativas que pudessem amenizar a saudade e o distanciamento social e apoiar as famílias em suas necessidades. Entre elas a criação de uma Plataforma *Google Classroom* para postagem de atividades lúdicas, brincadeiras, vídeos de histórias, materiais de leitura para as famílias, entre outros; chamadas de vídeos individuais e coletivas com as crianças; criação de grupos no *WhatsApp* para uma efetiva comunicação com as famílias, reuniões periódicas, dentre outras ações. Com essa nova realidade e possibilidades de interação, percebemos que a participação das famílias não aconteceu como o esperado. Cada família viveu, e está vivendo, o isolamento à sua maneira, com suas especificidades.

A angústia de estarmos perdendo os vínculos com as nossas crianças nos fez pensar em novas possibilidades de interação. Em agosto, planejamos e organizamos materiais diversos que permitissem que os 180 bebês e crianças atendidas pelos

Laboratórios² pudessem brincar em casa e interagir com suas famílias de forma lúdica, prazerosa e divertida, usarem a criatividade, a imaginação e possibilitar o compartilhamento das suas atividades na plataforma de interação do *Google Classroom*. A esses materiais demos o nome de “Materiais Brincantes”.

Escolhemos os Kits Brincantes para relatar de forma coletiva, pois foi a ação que mais nos aproximou das crianças e suas famílias e, como disse a criança da sala 5 do turno da tarde e que carinhosamente damos o nome desse relato, era um pedacinho da escola e das professoras que ia para cada um, diminuindo de certa forma a distância física que nos incomodava. Consideramos um marco importante para o nosso trabalho, sendo uma experiência determinante no atendimento remoto às crianças e famílias.

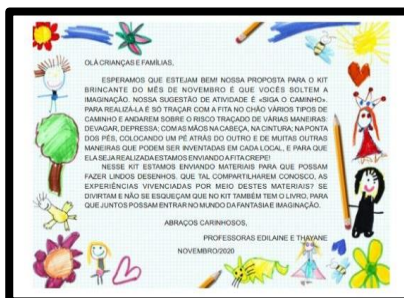
Consideramos o trabalho com as múltiplas linguagens na Educação Infantil, e que toda intervenção pedagógica tem como objetivo promover o desenvolvimento integral dos bebês e das crianças nos aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo, social, moral e da linguagem. Compreendemos também que essas atividades ocorreriam em outro ambiente que não as salas dos Laboratórios. Esse aspecto foi de grande preocupação para nós professoras e coordenação, pois no LDI e no LDH mediávamos a construção do conhecimento das crianças embasadas na teoria piagetiana em um espaço e tempo organizado para tais mediações. Mas, nesse contexto inédito que estamos vivenciando, as famílias precisam estimular os seus filhos entendendo que a relação estabelecida entre suas crianças, bem como a forma como o farão, vão variar muito com os contextos de cada família. Nesse sentido, esses materiais foram também pensados e organizados para estimular a interação e a proximidade das crianças entre mães, pais e irmãos, desenvolver a criatividade, possibilitar a expressão por meio da

²Contemplando as respectivas faixas etárias e salas do turno matutino e vespertino, como Berçário (4 meses à 1 ano de idade), Sala 1 (1 ano à 2 anos de idade), Sala 2 (2 anos à 3 anos de idade), Sala 3 (3 anos à 4 anos de idade), Sala 4 (4 anos à 5 anos de idade) e Sala 5 (5 anos à 6 anos de idade).

arte e, por meio dessas experiências, narrarem e registrarem as suas histórias de vida durante as suas vivências na quarentena.

Nós realizávamos os planejamentos dos kits de materiais brincantes de forma mensal, através de reuniões remotas, definindo os tipos de materiais a serem enviados para as crianças e suas famílias de cada sala, levando-se em consideração as diferentes faixas etárias e também os retornos das famílias e das próprias crianças, o que garantia as diferenciações dos materiais em cada sala.


Os kits eram compostos de folhas de tamanhos e texturas diversas; materiais riscantes de diferentes naturezas, tais como canetinha, giz de cera, giz pastel, lápis de cor, giz de carvão; massinhas; argilas; sucatas; tinta guache; anilinas; tecidos; livros de literatura infantil; cadernos das crianças; elementos da natureza (gravetos, folhas de árvore, sementes, composto da nossa composteira, cascas de sementes, entre outros) além de materiais relacionados aos projetos e materiais naturais. Cada kit contemplava ainda um pequeno texto de orientação às famílias com sugestões de uso, contudo, estimulando sempre a capacidade criativa das crianças, considerando o nível de desenvolvimento das mesmas e suas potencialidades. Os materiais que selecionávamos eram colocados em sacos plásticos, vedados com uma carta e nome da criança, onde permaneciam em quarentena por no mínimo 5 dias até o momento da entrega. As entregas dos kits foram realizadas por nós, professoras do LDI e LDH, na entrada dos Laboratórios, em dias e horários específicos para cada sala e turno, a fim de evitar o contato entre as famílias e a aglomeração de pessoas.



QUERIDAS CRIANÇAS E FAMÍLIAS,


É com grande alegria que enviamos a vocês o terceiro kit de Materiais Brincantes! Desta vez os materiais são:

- Rolos de papel higiênico;
- Elementos da natureza;
- Papéis A3 coloridos;
- Papéis A4 branco;
- Papel camurça;
- Papel celofane;
- Papel cartão;
- Carvão para desenhar;
- Palitos de picolé;
- Giz pastel;
- Cartela com numerais do 1 ao 50;
- Tesoura;
- Livro.



Sugerimos que vocês utilizem esses materiais da forma que a imaginação mandar, mas se desejarem podem construir um binóculo com os rolos de papel higiênico e papel celofane. E com a cartela dos numerais vocês podem construir um calendário ou brincar da forma que quiserem. Esperamos que brinquem muito e, quem sabe, inventem muitas formas de usar os materiais que estão recebendo. Durante as brincadeiras, não se esqueçam de tirar fotos e/ou fazerem vídeos e postarem em nossa plataforma do Google Classroom e pelo nosso whatsapp. Ficaremos imensamente felizes ao vermos a criatividade de vocês!

Um afetuoso abraço cheio de saudades das professoras Cida e Maria



1

Como todo ano acontece, algumas professoras acompanharam as suas turmas e no Berçário tivemos as primeiras experiências com os bebês e suas famílias, com o desafio de atendê-las sem conhecê-los de forma presencial. Nós realizamos o planejamento dos kits de materiais brincantes para os bebês pensando em materiais que

envolvessem o brincar livre por meio do movimento e da exploração dos objetos. Inicialmente, dialogamos, planejamos e sistematizamos as ideias dos materiais que seriam enviados. A primeira proposta de intervenção foi a confecção de um quadro sensorial. O objetivo desta atividade foi aguçar os cinco sentidos dos bebês (tato, olfato, paladar, audição e visão), estimulando a criatividade, exploração, curiosidade e inteligência dos mesmos, por meio de materiais como, lixa, algodão, plástico bolha, feltro, dentre outros.



Acervo dos Laboratórios

Também houve a proposta de confecção dos instrumentos musicais “chocalho de mangueira” e “chocalho de garrafa pet”. Ambos permitiram aos bebês descobrir e explorar os diferentes sons e ruídos e desenvolver a percepção auditiva e rítmica. A música contribui para o desenvolvimento psicomotor, sócio afetivo, cognitivo e linguístico do bebê. Enviamos folhas brancas de papel A3, cartolina, papel crepom, feijões e um livro de história, bem como sugestões de atividades utilizando o feijão (plantando feijões) e o papel crepom (pintura com papel crepom), além de materiais diversos para confecção de brinquedos com sucatas, e confecção divertida de um Balangandã, que é um brinquedo popular feito de fitas coloridas. Esta atividade possibilitou os movimentos corporais e coordenação motora do bebê na hora da brincadeira.

Nas outras salas em que nós professoras já conhecíamos as crianças, e as famílias já conheciam o trabalho que era desenvolvido

nos Laboratórios, os planejamentos dos kits foram realizados considerando atividades significativas, ou seja, que fizessem sentido e que buscasse a memória afetiva das crianças para manter o vínculo e contribuir com a noção de pertencimento das crianças, com suas professoras e seus colegas em suas respectivas salas.

Lira e Rubio (2014) compreendem que brinquedo é qualquer objeto que se transforma a partir da atuação da criança, tornando-se em suporte para a brincadeira e não um objeto determinante. O brinquedo auxilia a criança na reconstrução de elementos da realidade, o que faz com que ela o compreenda segundo sua maneira de pensar. Considerando a afirmação das autoras, ao selecionar os materiais que fariam parte dos kits, buscamos oferecer oportunidade para que as crianças utilizassem diferentes materiais durante as brincadeiras, estabelecendo relações a partir de suas experiências.

As atividades lúdicas que propomos buscavam possibilitar a construção de conhecimento pelas crianças através de brincadeiras e utilizando materiais e acessórios que permitissem sua exploração de forma autônoma. E que seriam disponibilizadas às crianças e famílias através da plataforma de interação *Google Classroom* semanalmente. Desta forma, as famílias tinham a oportunidade de realizar as atividades com as crianças utilizando os materiais presentes nos kits de cada mês.

Em algumas salas partimos da proposta de ensino que estávamos desenvolvendo com as crianças para que o planejamento e montagem dos kits fossem realizados. Como por exemplo, o projeto *“O brincar em casa: Re-descobrir e Re-criar em tempos de distanciamento social”* da sala 1. Além disso, nessa sala, disponibilizamos, na plataforma digital, um parágrafo discorrendo sobre a contribuição de todas as atividades para o desenvolvimento integral da criança, para que as famílias pudessem compreender a importância de realizar as atividades propostas com os materiais brincantes.

Desta forma, nós professoras sugerimos atividades lúdicas que possibilitaram a construção de habilidades relacionadas às diferentes linguagens na educação infantil, como atividades de desenho livre utilizando materiais como carvão, giz de cera,

canetinha e giz molhado, que permitiram às crianças realizar desenhos e construir habilidades motoras necessárias à construção da linguagem escrita. Confeccionamos também jogos matemáticos, como jogo das cores, que possibilitou que as crianças realizassem classificação, habilidade necessária à construção da noção de números e sistemas de numeração. Além disso, propomos outras atividades de linguagem matemática que permitiram que as crianças construíssem também noções de espaço e forma e grandezas e medidas, como a construção de percursos utilizando fita crepe, atividades com elementos de diferentes formatos e produção de massinha caseira.

As atividades de ciências possibilitaram a exploração de diferentes elementos da natureza, produção de tinta de solos, realização de experiência com papel crepom e água, pintura com folhas e galhos, permitindo que as crianças explorassem os materiais, realizassem investigações e experiências científicas juntamente com suas famílias, formulando hipóteses, realizando descobertas e construindo habilidades relacionadas à percepção de transformação e movimento de objetos. As crianças também realizaram produções artísticas autorais de pintura e colagem de forma livre, utilizando diferentes materiais, como esponjas diversas, folhas, galhos, rolos de papel e retalhos de tecido, possibilitando assim, o desenvolvimento da criatividade, expressão artística, atenção e concentração.

Os encontros na distribuição dos kits, os diálogos e retornos das famílias aconteceram inicialmente de forma tímida para algumas salas. Em outras já foram bem calorosas, principalmente para as professoras que estavam acompanhando a sua turma desde 2019. O momento da entrega dos kits tornou-se um espaço de ricas conversas e de compartilhamento de experiências vivenciadas pelas famílias e crianças nesse momento de isolamento social, contribuindo com algumas orientações ou tirando dúvidas rotineiras trazidas pelas famílias. Esses breves, porém, ricos momentos nos possibilitaram pensar em estratégias que pudessem favorecer e estreitar os laços. Entre um diálogo e outro percebíamos

os desafios que as famílias estavam enfrentando, assim como as descobertas de se passar mais tempo juntos, de modo a contornar as adversidades cotidianas. Os dias de entrega dos kits passaram a ser muito esperados por nós professoras. Ficávamos ansiosas para esses encontros. As famílias passavam a levar as crianças e nos relatar alguns episódios vivenciados em casa.



Acervo dos Laboratórios

Os kits de Materiais Brincantes nos possibilitaram um estreitamento na relação com as famílias, pois após a retirada dos kits começamos a perceber uma maior interação na plataforma *Google Classroom*, assim como no *WhatsApp*. As famílias começaram a compartilhar fotos, vídeos, um pouco mais das atividades realizadas em casa com os materiais dos kits. Nestes espaços, mesmo que *on-line*, foi possível estabelecer um diálogo, onde foram compartilhadas as vivências, brincadeiras e momentos significativos para as crianças e famílias, como por exemplo o dente de leite de uma criança que acabara de cair ou um inseto diferente que encontraram em sua casa...





Acervo dos Laboratórios.

No mês de outubro, tivemos a oportunidade de distribuir, além do kit de materiais brincantes, um kit especial de piquenique, com frutas e alimentos saudáveis. Uma das famílias estava com problemas para fazer a retirada do kit piquenique no LDH e uma das professoras se disponibilizou a ir ao comércio da família da criança e deixar o kit. Horas depois da entrega, quando a mãe da criança chegou para pegar o kit, ela se assustou pensando que a professora havia esquecido suas compras. Ao ligar para a professora, a mãe agradeceu imensamente e disse que não esperava tanta coisa no kit. Esse mês foi o que mais recebemos mensagens das famílias de agradecimentos e áudios carinhosos das nossas crianças!



Acervo dos Laboratórios

Estamos no caminho de descobertas e de novas formas de interação, onde conhecemos novas formas de nos conectar. Porém ainda temos muito que avançar nesse novo contexto de isolamento, buscando ainda mais formas diferenciadas de nos aproximar das famílias e crianças com base em nossa concepção teórica/filosófica.

Através dos registros enviados observamos que, ao realizar as atividades lúdicas com os materiais dos kits, as famílias ampliavam as possibilidades realizando-as de formas diferentes e integrando outros familiares durante as brincadeiras, o que enriqueceu ainda mais as experiências das crianças, permitindo que elas construíssem conhecimento de forma divertida e afetiva.

Esta ação contribuiu para o estreitamento dos vínculos entre equipe docente, famílias e crianças. As famílias se mostraram muito abertas para o diálogo e agradecidas pela acolhida no cenário de distanciamento social. Sempre que iam buscar os kits, nos relatavam sobre os desafios vivenciados, desenvolvimento do seu filho (a) e as conquistas cotidianas dos mesmos. Esta ação nos mostrou novos caminhos e possibilidades na interação com as crianças e famílias, permitindo um estreitamento dos vínculos e vivências significativas.

O reinventar docente foi necessário, onde nós professoras vivenciamos cada desafio graças ao trabalho em equipe e ao apoio da coordenação. Consideramos que foi possível reestabelecer os diálogos, onde fomos descobrindo juntos formas de tornarmos esse tempo mais leve e divertido, por meio de experiências brincantes em família.

Referências

AMARAL, H. U. do. **Relação das escolas com as famílias durante a pandemia**. Disponível em: <https://camadaseducacionais.com.br/blog/relacao-das-escolas-com-as-familias-durante-a-pandemia>
Acesso em: 15/01/21.

BARRETO, M. de L. M. **A epistemologia genética de Jean Piaget**. Texto elaborado para a disciplina ECD 331 – Desenvolvimento da Criança I, Viçosa, MG: UFV/DED, [s./d], p. 8 – 9.

BARRETO, M. de L. M. **Concepções do desenvolvimento da criança**. Texto elaborado para a disciplina ECD 335 – Planejamento, Implementação e Administração de Instituições de Educação Infantil, Viçosa, MG: UFV/DED, 1992. 5 p.

BARRETO, M. de L. M.; BASTOS, V. de P.; LADEIRA, P. D.; SILVA, L. M.; COSTA, B. de A.; RIBEIRO, F. M.; DAMASCENO, L. F. C. **Projeto Político Pedagógico da Unidade de Educação Infantil UEI/LDI/LDH**. Viçosa-MG, 2020.

BARROS, C. S. G. **Psicologia e construtivismo**. São Paulo: Ática, 1996.

LIRA, N. A. B; RUBIO J. de A. S. A importância do brincar na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: <<<http://sentidounico.com.br/wp-content/uploads/2017/09/brincar-e-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil.pdf>>> Acesso em 18/01/2021.

NEVES, Naise Valéria Guimarães. **Instituição de educação infantil e família: limites e possibilidades de um projeto participativo**. 2004. 175 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2004.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

Documentos institucionais

- Proposta de apoio às famílias e crianças atendidas pelos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento Humano durante a pandemia do covid-19;
- Proposta de apoio e estabelecimento de vínculos às crianças e famílias atendidas pelo Laboratório de Desenvolvimento Humano durante o distanciamento social provocado pela pandemia do covid-19;

- Proposta de montagem e distribuição do Kit de Materiais Brincantes às crianças e suas famílias atendidas pelos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil e Desenvolvimento Humano durante o distanciamento social provocado pela pandemia do covid-19.

Registros e memórias das interações com o Grupo 4 do Nedi/UFLA no período da pandemia da Covid-19

Professora Ms. Elisangela Brum Cardoso Xavier
Nedi-UFLA - e-mail: elisangela.brum@ufla.br

Iniciei o ano letivo de 2020 como todos os outros, cheia de planos e expectativas para a atuação com as crianças. Naquele ano teríamos muitos desafios, especialmente porque a partir do mês de março iniciariamos 5 projetos de extensão dos quais faço parte: BrincArte: tecendo experiências brincantes no Nedi, Educação ambiental no Núcleo de Educação da Infância (Nedi): brincando com coisa séria, Educação Nutricional no Núcleo de Educação da Infância - Nedi, Musiquês: linguagem musical no Nedi e O movimento no cotidiano da Educação Infantil. Devido ao pouco tempo de existência de nossa unidade de Educação Infantil, esse envolvimento com os projetos de extensão e a parceria com outros departamentos estavam começando a se consolidar e estávamos aguardando com muita ansiedade o início desta troca de conhecimentos entre os envolvidos e a possibilidade de oportunizar às crianças uma vivência com situações de aprendizagens diversas.

Pelo segundo ano consecutivo eu estaria com o Grupo 4 (crianças que fazem 4 anos entre 1º de janeiro e 31 de março do ano vigente e 5 anos entre 1º de abril e 31 dezembro do ano vigente). No dia 3 de fevereiro foi realizada uma reunião geral com todos os pais e/ou responsáveis com os objetivos de apresentar a equipe do Nedi (Núcleo de Educação da Infância) - UFLA (Universidade Federal de Lavras), de proporcionar conhecimentos sobre as normas de funcionamento, de apresentar a proposta pedagógica, além de dar orientações gerais sobre diversas questões que se faziam necessárias.

No dia 4 de fevereiro iniciamos com as crianças e minha turma era composta por um grupo bem diverso visto que a metade delas tinha sido matriculada naquele ano no Nedi. Chegaram bastante eufóricas com a nova escola e com o lindo parquinho que as aguardavam. A nossa adaptação foi bem tranquila, sem choros ou grandes dificuldades, as crianças se entrosaram e fizeram amizades rapidamente. Apenas algumas delas, em especial as novatas, apresentaram (inicialmente) pequenas dificuldades de reconhecimento do espaço físico, se confundindo com alguns locais, mas devagar foram se ambientando. Iniciamos de uma forma um pouco diferente dos anos anteriores, ao invés de 20 crianças em sala, teríamos 16 por questões de adaptações no ambiente. Contei com a colaboração da estagiária Priscila de Assis Cicino (estudante do curso de Pedagogia), ela já havia atuado na instituição no ano anterior, porém com experiência na área de gestão e este seria seu primeiro ano em sala. Na nossa turma tinha uma linda menina com síndrome de Down que juntamente com as outras crianças, alegravam as nossas tardes e nos ensinavam tanto a cada dia.

Na segunda semana recebi uma criança novata e que estava vindo pela primeira vez, visto que na semana anterior havia realizado uma cirurgia e encontrava-se de atestado médico. A mãe enviou uma carta muito carinhosa e acolhedora, algumas de suas palavras diziam assim: “Eu desejo que tudo aconteça da melhor forma possível! Sei que posso contar com você. Também sou professora e isso faz com que nossos horários se encontrem e, infelizmente, ainda não consigo conhecer-te pessoalmente, mas, gostaria de dizer-lhe que confio em seu trabalho.” Aquelas palavras foram muito importantes naquele momento, mas eu não imaginava o quanto elas significariam dali em diante em relação a tudo que o futuro nos estava preparando. O contato pessoal continuou sem existir com esta mãe, logo se estendeu as demais e também as crianças, devido ao afastamento social, mas a confiança das famílias no trabalho docente em meio à pandemia fez toda a diferença.

No dia 19 de fevereiro realizei, juntamente com a assessora pedagógica, uma reunião com as famílias da minha turma para

fazer minha apresentação pessoal e da proposta de trabalho pedagógico que seria desenvolvida com as crianças durante o ano, para ouvir as famílias, para apresentar a estagiária, enfim para abordar vários assuntos que são de extrema importância numa primeira reunião com os pais e/ou responsáveis. Informamos que a forma oficial de comunicação da escola com a família é o caderno de recados que geralmente é disponibilizado na primeira semana do ano letivo, mas, como de costume, aproveitamos para dar a oportunidade de as famílias escolherem uma mãe que atuaria como uma representante das famílias junto a professora. Isto foi realizado e trocamos os números de telefone para o uso exclusivo de envio de fotos das atividades diversas na escola e dos passeios no decorrer do ano. As demais mães também aproveitaram para trocar os números de telefone e criar o grupo de *WhatsApp* da turma no qual todas as famílias decidiram fazer parte.

Com o avanço da pandemia da Covid-19 pelo mundo e a disseminação do vírus Sars Cov 2 pelo Brasil e também em nosso município, especialmente a partir do início do mês de março as pessoas começaram a se sentir mais temerosas em relação à saúde, principalmente das crianças, e começaram a tomar mais precauções com a higiene e os cuidados pessoais. Do dia 16 de março (segunda-feira) em diante, algumas famílias optaram por não levar mais as crianças para a escola, aguardando a situação se amenizar, mesmo sabendo das medidas de prevenção tomadas pela instituição em relação aos cuidados com os adultos e crianças. Devido ao avanço da doença, o Comitê Especial de Emergência (CEE COVID19-UFLA) em reunião conjunta com a Direção Executiva da UFLA deliberou que a partir do dia 23 de março todas as atividades seriam suspensas na universidade por tempo indeterminado, essa medida abrangeu todos os segmentos, Educação Infantil, graduação e pós-graduação.

No dia 21 (sexta-feira) fui embora com um aperto no peito e com uma mistura de sentimentos envolvendo o meu ser, era uma despedida inesperada. Infelizmente só estivemos juntos por pouco tempo, estávamos num processo de conhecimento e descobertas,

mas já tínhamos tantas afinidades, nossos vínculos estavam se estreitando, tudo estava caminhando bem e eu estava muito feliz com a nova turma, mas foi necessário fazer uma pausa... Apontando para esta necessidade, uma música foi composta pela cantora Vicka buscando acalmar os corações nos momentos de isolamento e foi intitulada de “Pausa”.

Calma, o mundo precisa de pausa
Será que estava escrito em algum livro antigo
Se foi premeditado ou coisa do acaso?
Calma, o mundo precisa de pausa
No fim tudo volta ao seu lugar
Talvez seja hora pra pensar
Nem tudo se pode controlar
O que será que o mundo tem a falar? (VICKA, 2020)

E a pergunta principal era: quanto tempo duraria esta pausa? Porém, ninguém tinha esta resposta, afinal ela estava acontecendo por questões alheias a nossa vontade e não imaginávamos que duraria tanto tempo. Aliás, não tínhamos apenas uma pergunta em mente, mas várias: Como administrar a vida pessoal e profissional num cenário pandêmico? Como manter a saúde física e emocional? Como enfrentar os desafios de um trabalho remoto? Como se aproximar das famílias e das crianças “apenas” com o uso da tecnologia? Como selecionar as práticas pedagógicas que seriam oportunizadas para as crianças? Como aliar as interações e as brincadeiras num contexto de comunicação remota?

Enquanto docentes buscamos organizar o cotidiano deste segmento de ensino em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, com base no art. 9º “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (Brasil, 2009, p.4). Desta forma sempre buscamos contemplar esses dois eixos oportunizando experiências diversas, visando a aprendizagem, o desenvolvimento e a socialização, mas o momento era diferente. As crianças estavam matriculadas na

escola, mas não poderiam estar fisicamente nelas, ou seja, a interação com seus pares e com os adultos por meio das brincadeiras não poderia ser realizada. Então, o que fazer? Toda esta reviravolta nos planos, me fez lembrar das palavras de Mia Couto (2003, p. 123) “O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda basta o tempo”. A mudança na estrutura de vida nos fez repensar e reorganizar os planejamentos a partir de um ponto nunca antes imaginado.

Como eu tinha o contato da mãe de uma criança, inicialmente ela foi meu elo de ligação com as outras famílias, desta forma as mensagens e os arquivos que eu enviava para ela, eram encaminhados para o *WhatsApp* do Grupo 4. Comecei mostrando a necessidade de as crianças manterem uma rotina diária neste período em que estavam ausentes da escola e depois fui encaminhando algumas notícias de *lives* de grupos musicais infantis que estavam programadas para acontecer naquele período. Paralelamente, algumas instituições educacionais e grupos não governamentais organizaram e disponibilizaram publicações gratuitas com sugestões de brincadeiras e livros de histórias para as crianças no período de quarentena. Fiz uma análise e seleção dos materiais e enviei os arquivos em formato pdf para as famílias, pedindo para que fizessem as adaptações necessárias de acordo com a realidade de cada uma delas.

A equipe do Nedi também elaborou uma publicação com o título “Brincando com as crianças durante a pandemia da Covid-19¹ e no dia 31 de março foi disponibilizada via site e *WhatsApp* para as famílias com algumas informações e sugestões lúdicas com o objetivo de ajudá-las no período de distanciamento social.

Por causa do trabalho remoto, as estagiárias tiveram os contratos extintos e eu, como as demais professoras, atuamos durante o ano sozinhas com a turma. Levando em consideração o desejo da estagiária Priscila de vivenciar a experiência de estar em sala com uma turma e na intenção de contribuir com o processo

¹ Publicação disponível em: <https://nedi.ufla.br/images/Brincando.pdf>

formativo da referida aluna, compartilhei com ela durante todo o ano tudo o que foi disponibilizado para as famílias e para as crianças, estabelecendo conversas e reflexões constantes sobre o momento vivido.

Como o cenário não apresentava perspectivas de mudanças e o tão sonhado retorno presencial parecia ainda distante, tivemos que tomar algumas iniciativas para manter a interação e o vínculo com as crianças. Porém, todos nós estávamos vivenciando aquele período difícil de diversas formas: uns estavam em casa e outros não tinham outra opção a não ser sair para trabalhar, em qualquer das situações as rotinas diárias foram alteradas. Durante muitos dias pensei no que seria possível e indicado naquele momento tão delicado, eu não gostaria de manter um contato remoto com as crianças apenas para cumprir um protocolo que estava sendo seguido por outras instituições, pois sabia da minha responsabilidade enquanto professora e do meu compromisso com elas.

O filósofo Walter Benjamin me ajudou a pensar durante aquele período, pois tinha uma característica marcante de analisar os fatos cotidianos e refletir sobre eles, seus escritos relacionados à temática da infância apontaram observações sobre a forma da criança construir o seu conhecimento do mundo usando a imaginação, a fantasia e a sensibilidade, que são tão importantes na nossa vida. Para ele, isto era possível a partir da interação entre as crianças e os objetos e contribuiria para gerar novos aprendizados, formados a partir de experiência própria e não apenas daquelas que os adultos já vivenciaram, sendo uma forma única de construir a sua própria história; “com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande”, salienta Benjamin (2009, p. 58). Conforme o exposto, é possível afirmar que o autor compreendia as especificidades da infância, considerando que a criança não vive alheia ao que acontece no mundo; elas têm o seu mundo, mas também estão inseridas num mundo maior.

A partir desta compreensão, a intenção era que as crianças tivessem contato com experiências significativas que as tocassem enquanto seres humanos e que as colocassem como sujeitos ativos

na construção do conhecimento. Bondia (2002, p.21) discorre a este respeito afirmando que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” Ao elaborar cada proposta, o meu desejo era de que elas fossem contextualizadas, prazerosas, oportunizassem aprendizado e desenvolvimento e fizessem parte das memórias afetivas das crianças.

Sendo assim, no dia 15 de abril enviei uma mensagem para as famílias contextualizando o momento e as incertezas que estávamos vivenciando e informando para elas que a partir daquela semana e enquanto durasse o período de afastamento, toda semana eu enviaria 1 (uma) proposta de atividade para ser realizada com as crianças. Assim, elas não ficariam sobrecarregadas e poderiam organizar o tempo incluindo esta atividade na rotina semanal da forma que considerassem mais conveniente para realizá-la. Aproveito para inserir aqui uma parte desta mensagem por mim redigida:

[...] Não conheço a realidade de cada família, nem o tempo e o material disponível em cada lar, mas sugiro que aproveitem este período fazendo juntos o que gostam. Esta pandemia trouxe muitas coisas ruins, mas os momentos difíceis também nos ensinam muitas lições. Uma delas é como aproveitar o tempo da melhor forma possível. O tempo pode ser valioso para a vivência familiar e o restabelecimento e/ou fortalecimento das relações. Precisamos parar para ouvir o outro e isto inclui a criança; a escuta se dá na relação que estabelecemos no cotidiano. [...] (palavras da autora)

Combinamos que eu faria o envio das propostas toda quarta-feira e as famílias teriam até a terça-feira da outra semana para me enviar o retorno que seria registrado por meio de fotos, vídeos, relatos ou áudios sempre encaminhados para a mãe representante e repassados para mim. O objetivo era de proporcionar momentos prazerosos de interação entre as crianças e as famílias intensificando esta relação e aproveitar este período oferecendo oportunidades de aprendizado com base nos cinco campos de

experiência elencados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que indicam algumas experiências importantes para o aprendizado e desenvolvimento da criança e constataam “a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil” (Brasil, 2017, p.38). Desta forma, levando em consideração que as crianças estavam privadas do ambiente escolar e das relações que lhe são inerentes, os meus objetivos se voltavam para as possibilidades de experiência no ambiente doméstico e a partir das brincadeiras e interações, gerar possibilidades de conhecimento para elas. Então a cada semana a proposta era pensada e elaborada visando atender às suas necessidades, ir ao encontro dos seus interesses e ao mesmo tempo tentar garantir ao máximo os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento estabelecidos na BNCC.

Certamente não tínhamos e ainda não temos uma receita pronta, uma forma considerada adequada para agir neste tempo atípico. Foi difícil para a família estar com as crianças em casa neste período, mas também foi difícil ser professora, em especial da Educação Infantil onde o convívio e as interações são tão importantes. É difícil viver numa pandemia, não temos precedentes na história, não temos receitas prontas para serem observadas, todos estão vivendo novas experiências e construindo novos aprendizados. Durante todo o período de afastamento físico devido à pandemia, enviamos um total de 34 propostas, em que a primeira se iniciou no dia 15 de abril e a última foi enviada no dia 2 de dezembro. Todas foram acompanhadas do envio de indicações de livros em formato pdf e do endereço virtual de recursos diversos (disponíveis on line) relacionados ao tema da semana, tais como vídeos, músicas, contação de histórias e desenhos animados. A seguir apresento um pequeno resumo de algumas propostas enviadas, não com o objetivo de mostrar que foram as adequadas, mas que foram as possíveis e as realizadas no período.

A Proposta 1 foi o início de um trabalho incipiente e visava um contato inicial com as crianças, o pedido era para que as famílias enviassem algumas fotos (1 a 5) que retratassem o que as crianças

estavam fazendo em casa no período de quarentena. Pouco a pouco fui recebendo os retornos e aproveitei todas as fotos para fazer uma apresentação de vídeo utilizando a música “Vai passar” (Di Ferrero) cuja letra era tão significativa, em especial, naquele momento: “Vai passar, vai passar, tudo vai passar e logo a gente volta a se abraçar”. O vídeo foi enviado na semana seguinte juntamente com a outra proposta.

A Proposta 2 foi uma mensagem de esperança enfatizando a importância de estarmos juntos e a certeza de que em breve tudo aquilo iria passar... O pedido era para que as crianças e as famílias assistissem o vídeo do Grupo 4 elaborado pela professora e o vídeo clipe da música “Vai Passar” (Di Ferreira), aprendessem a música e gravassem um vídeo em que elas cantassem apenas o refrão e enviassem o vídeo para a professora e também para no mínimo 2 pessoas que a criança não via a algum tempo (parentes ou amigos) por causa do distanciamento social e depois relatassem a reação das pessoas que receberam o vídeo e a das crianças depois do recebimento.

A Proposta 3 visava buscar recordações e resgatar algumas relíquias com os álbuns de fotos da família proporcionando uma experiência prazerosa de retorno ao passado. O pedido era para que as crianças e as famílias selecionassem algumas fotografias desde o nascimento da criança até a atualidade e, juntos colocassem em ordem cronológica colando-as em uma ou mais folhas de papel. Dei a sugestão de escreverem a data do registro fotográfico embaixo de cada imagem, além de conversarem sobre a linha do tempo explicando sobre cada foto para a criança e de colocarem as fotos expostas (parede, varal improvisado ou outro) durante um tempo para a apreciação das crianças e demais pessoas da casa.

A Proposta 4 era a de aproveitar um recurso que estava sendo muito utilizado pelas famílias na quarentena, a confecção de receitas culinárias (novas ou de tradição familiar). Acreditando que esta experiência poderia ser uma grande oportunidade de conversa, interação, descontração e aprendizagem, o pedido era para que as crianças e as famílias escolhessem uma receita, em

seguida algum membro da família iria separar umas folhas e escrever com letras maiúsculas os nomes dos ingredientes que seriam utilizados e as crianças fariam o desenho ao lado do nome de cada ingrediente. Depois fariam juntos a receita escolhida que seria compartilhada e saboreada por todos da família. Como estávamos na semana do Dia das Mães, sugeri que esta seria uma boa oportunidade para esta experiência.

A Proposta 5 se baseou numa das coisas que as crianças gostam muito de fazer que é desenhar. Levando em consideração que por meio dos desenhos elas conseguem registrar um pouco dos seus sentimentos e ideias, a proposta se baseou no desenho de observação. O pedido era para que as crianças e as famílias se dirigissem a uma das janelas da casa e registrassem as “paisagens da janela”. De lá, iriam observar uma paisagem e fazer dois desenhos (um membro da família fazia um e a criança outro). A sugestão é que conversassem sobre as proporções, formas e cores enquanto o desenho fosse realizado e após a conclusão poderiam separar um tempo para apreciar alguns detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos e depois poderiam ainda, escolher uma parede da casa para deixar os desenhos expostos por um período.

A Proposta 6 ocorreu na mesma semana da primeira postagem de vídeos do Nedi no Instagram a partir do livro “O menino que amava sorrir” (James Misse, Lie A. Kobayashi). Estávamos num momento em meio a tantas tristezas, dificuldades e incertezas, mas o sorriso continuava sendo um instrumento de conforto e alegria. Assim indicamos também a música “O poder que o sorriso tem” (Grupo Coração Palpita) e a proposta era de pensar e elaborar uma estratégia de utilizar o sorriso para alegrar o dia de alguém.

No período da quarentena as crianças foram privadas de muitas coisas, dentre elas de encontrar com pessoas queridas e de estar em lugares que lhe proporcionavam muita alegria. Por isso, a proposta 7 foi baseada nas brincadeiras, que nesta nova rotina geralmente, podiam ser realizadas apenas em espaços restritos, as vezes somente dentro de casa. Assim, oportunistizei três opções de brincadeiras para que as famílias pudessem escolher a que fosse

mais acessível, principalmente em relação aos materiais que tinham disponíveis.

A proposta 8 foi enviada na mesma semana que o segundo vídeo do Nedi foi postado nas redes sociais com base na história “A lagartinha”. Levando em consideração que a utilização dos dedos para contar histórias e fazer brincadeiras é algo muito divertido e significativo e que se nós não cuidarmos, os dedinhos das crianças limitam-se apenas tocar o telefone celular ou o *tablet*, o pedido era para que elas assistissem o vídeo e depois contassem uma história ou fizessem uma brincadeira utilizando os dedos e por último deveriam fazer um vídeo e enviar pelo *WhatsApp*.

A proposta 9 buscava apresentar uma experiência visando estimular a relação da criança com a natureza. Como as crianças gostam muito de desenhar, apresentei mais uma proposta a partir do desenho de observação com base na visualização de imagens reais. A orientação era para que elas se dirigissem a uma das janelas da casa ou ao quintal e de lá observassem as nuvens. Com o que elas se parecem? O que elas te lembram? Após a contemplação o pedido era para que tirassem fotos e fizessem dois desenhos (um membro da família faria um e a criança outro) do que foi visto. A sugestão seguia a mesma linha da outra proposta a partir deste tipo de registro, sempre acompanhada de conversas durante a realização e com a separação de um tempo para a apreciação após a conclusão, podendo fazer ou não a exposição dos desenhos pela casa.

E assim as propostas foram sendo elaboradas a cada semana de acordo com a necessidade das crianças, buscando sempre compreender e contextualizar o momento em que estávamos vivendo. Todas elas foram cuidadosamente e intencionalmente planejadas, levando em consideração o que diz as DCNEI quando afirmam que a criança “é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (Brasil, 2009 p.1)

No início do mês de junho houve um pedido da maioria das famílias para que eu fosse incluída no grupo de *WhatsApp* da turma. Embora existisse uma orientação no Nedi para que as professoras não fizessem parte destes grupos, estávamos vivendo um momento atípico e assim levei o assunto para a coordenação e as demais professoras. Decidimos por adotar o aplicativo *WhatsApp Business* (empresarial) com todas as turmas e a partir deste encaminhamento entrei em contato dando todas as orientações necessárias para a criação do grupo e manutenção da comunicação.

A partir do dia 24 de junho, a partir da proposta 11, foi iniciado o uso do aplicativo e isso ajudou muito na comunicação que deixou de ter uma mediação para ser feita de uma forma mais direta. Sendo assim, eu enviava as mensagens para o grupo e as famílias davam o retorno diretamente para mim. Pude perceber que as famílias se aproximaram mais, ficaram mais à vontade para enviar vídeos e áudios das crianças e mesmo quando não conseguiam realizar o que era proposto, algumas entravam em contato para dar as justificativas.

A seguir, apresento o registro de algumas fotos, do meu arquivo pessoal, referentes aos envios das propostas das atividades realizadas com e pelas crianças durante o período pandêmico:

Imagem 1 – Proposta 4 - Receita Culinária **Imagem 2** – Proposta 5 - Paisagem da janela

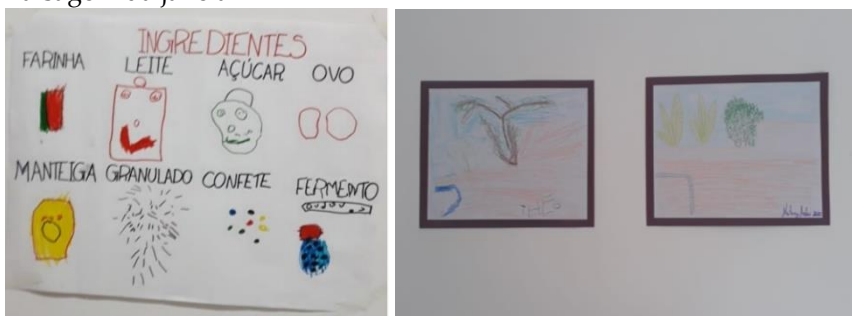


Imagem 3 – Proposta 6 - O poder que o sorriso tem. **Imagem 4** – Proposta 7 - Brincadeira “Cama de gato” (os desenhos foram colados nos muros dos vizinhos)



Imagem 5 – Proposta 9 – Olhe para as nuvens, o que você vê? **Imagem 6** –Proposta 17 – Família graveto



A proposta da semana era sempre enviada aos pais em forma de texto, no qual eu iniciava tecendo comentários sobre o recebimento dos arquivos referentes à semana anterior, depois estimulava as famílias que ainda não haviam feito o envio me colocando sempre à disposição para recebê-lo (independente de prazos expirados) e em seguida mencionava a proposta da semana atual. Também gravava um áudio e o enviava para as crianças explicando o teor da proposta estimulando-as para realizá-las. A cada proposta recebida eu fazia uma análise atenta do material enviado (áudio, fotos, vídeo) e enviava um áudio personalizado com incentivos, comentários e observações indicando os avanços percebidos em diversas áreas, sempre de forma contextualizada e conversando diretamente com a criança.

Esta prática foi imprescindível para manter os vínculos afetivos e para motivar as crianças num tempo em que a realidade parecia tão difícil de ser compreendida e ao mesmo tempo tão fácil de ser resolvida por elas, visto que a lógica da criança “funciona” de uma forma diferente da nossa. Um exemplo disto pôde ser observado numa reunião com as famílias, onde algumas crianças se expressaram dizendo coisas do tipo: “que vírus chato”, “quero que ele vá embora”, “quero voltar para a escola”, “vou matar ele!”. Embora saibamos da capacidade de adaptação dos seres humanos e em especial das crianças, ainda não podemos mensurar todos os prejuízos que esse período poderá causar nas diferentes esferas da nossa vida e na vida dos pequenos.

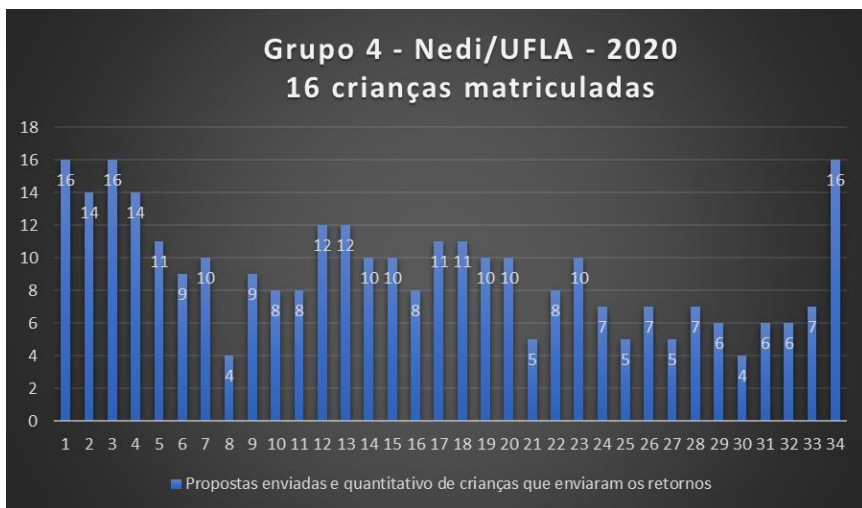
No período de afastamento, todas as crianças tiveram as suas datas de aniversário lembradas por mim e receberam mensagens de texto e/ou áudio com felicitações por esse dia tão importante na vida delas, mesmo as que comemoraram a data depois do encerramento do ano letivo também receberam ligações. As famílias foram estimuladas a enviar vídeos, áudios e fotos das crianças não somente em relação às propostas, mas também em relação às situações diversas que aconteciam em suas casas, principalmente se este fosse um pedido das crianças. A principal forma de interação com as crianças foi por mensagens de voz, mas no decorrer do ano fiz o envio de aproximadamente 9 vídeos para a turma. O Nedi passou a utilizar as redes sociais fazendo parte do Instagram² e do Facebook³ e no decorrer do ano foram realizadas algumas postagens de vídeos elaborados pelas professoras.

A partir da metade do segundo semestre, houve uma diminuição na participação de algumas crianças em relação à realização das propostas, mas o vínculo com elas e suas famílias perdurou até o final do ano. Neste ínterim, muitas coisas aconteceram com as famílias, em alguns momentos algumas ficaram impedidas de participar, por questões diversas e até mesmo por motivos de saúde. A média de

² nucleodeeducacaodainfancia

³ Núcleo de Educação da Infância – Nedi/Ufla

participação das crianças diante das 34 propostas enviadas no período da pandemia foi de 57,35%, o que equivale a uma média de 10 crianças por semana. Insiro abaixo um gráfico que exemplifica melhor o quantitativo supracitado.



Fizemos duas reuniões com as famílias no decorrer do período de pandemia, uma no mês de setembro e outra em dezembro. Na primeira buscamos fazer uma análise do atual cenário educacional ocasionado pela pandemia da Covid-19, apresentamos as ações de aproximação durante o período de distanciamento social, as perspectivas para os próximos meses com bases nas orientações legais e sanitárias, além de juntos sabermos como as crianças estavam vivenciando aquele período. Na última apresentamos um relatório das ações realizadas de outubro a dezembro, indicamos algumas orientações gerais, disponibilizamos um vídeo de despedida da turma e fizemos o encerramento formal do ano letivo.

Sabemos que a educação é uma tarefa conjunta e se dá por meio da parceria entre a escola e a família e nesse período essa cooperação não se desfez, pelo contrário, precisou se fortalecer ainda mais para que os objetivos fossem alcançados. De acordo com a LDB em seu artigo 29 a Educação Infantil complementa a ação da família e naquele

momento era necessário, mais do que nunca, juntar os esforços para que a criança não fosse prejudicada. A participação das famílias, a responsabilidade e o carinho dispensados a mim nesta caminhada me fortaleceram e me impulsionaram a prosseguir fazendo o melhor para o Grupo 4- Nedi/UFLA - 2020. Enquanto instituição, não teríamos como ter acesso às crianças sem a participação da família e esta por sua vez, também precisava de orientações para mediar os momentos pedagógicos. De acordo com Corsino (2002, p.20) “a busca de uma boa relação entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança “. Porém, a situação era muito delicada e desafiadora apresentando inúmeros desafios: muitas famílias perderam seus empregos e outras tiveram uma sobrecarga de trabalho, outras não tinham com quem deixar as crianças, tiveram problemas de saúde e/ou perderam familiares e outros.

Após o encerramento do ano letivo, enviei um pedido para que as famílias fizessem um pequeno relato sobre as experiências com as atividades remotas do Grupo 4 - Nedi no ano de 2020 descrevendo um pouco do processo vivido, incluindo as possibilidades e dificuldades enfrentadas. Nesta perspectiva, Bondia (2002, p.27) diz que “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” Desta forma, considero necessário não apenas apresentar o meu relato e a minha experiência, mas também considero imprescindível compartilhar alguns recortes dos relatos enviados para expor um pouco a realidade de cada família e a forma com que vivenciaram este período:

Mãe 1: “Não foi fácil, passamos por momentos de muitas incertezas de como iríamos sobreviver ao caos que o mundo estava vivendo, e como seria trabalhar o dia todo tendo que sacrificar minha filha de 4 anos levantando cedo para levar ela para loja comigo foi muito confuso mas agradeço a Deus que eu tinha pra onde levar, como sei

que para outras mães teve que ser diferente porque não tinha com quem deixar seu(a) filho(a) e acabou tendo que largar o emprego.”

Mãe 2: “A nossa experiência com atividades remotas foi bastante difícil, com a pandemia meu trabalho (transporte) teve uma alta na demanda exigindo muita hora extra e assim dificultando nosso tempo para se dedicar aos estudos remotos pois só tinha o horário da noite para realizar as atividades e não é um horário legal para a criança e depois de um longo dia de trabalho não conseguia desenvolver o necessário.”

Mãe 3: “Meu filho vibrava a cada áudio de feedback da professora, porque percebia que ela realmente estava envolvida com o que ele fazia e isso dava ainda mais motivação para fazer as próximas atividades. E foi assim, que o vínculo afetivo foi criado e fortalecido, mesmo distante fisicamente: com a interação efetiva e afetuosa entre professora e aluno(a), de forma que o conteúdo ia sendo desenvolvido em ações brincantes, artísticas e envolventes, por meio de uma mediação individualizada e responsável”

Mãe 4: “Fomos pegos de surpresa bem no início do ano letivo. O ano foi se passando, a angústia, o aperto e a incerteza de dias melhores foram se distanciando. As atividades remotas foram essenciais para que este distanciamento social fosse menos dolorido e o aprendizado nunca esquecido.”

Mãe 5: “O ano de 2020 não foi fácil. Foi um ano de muitas turbulências e manter as crianças em casa não foi uma tarefa fácil. A Carolina⁴ sempre ficava ansiosa para saber qual era o dever da semana, algumas atividades ela gostava de fazer, outras nem tanto. Infelizmente com o ensino a distância as crianças não tiveram o aprendizado que elas teriam com o ensino presencial.”

Mãe 6: “Foi uma experiência e tanto, pois havendo algumas dificuldades, mais também tivemos momentos de mais proximidade, pois no decorrer do dia a dia não temos tanto tempo para aproveitar com as crianças, e isso veio como uma lição onde

⁴ Nome fictício

vemos que elas primeiramente precisam de gente dá nossa atenção não somente nessas horas, mas em tudo.”

Mãe 7: “A Paula⁵ particularmente, reagiu diferente à cada proposta. Tinha proposta que interagia bastante outras nem tanto. Mas foi sim prazeroso, desafiador e de grande criatividade por parte da professora, que decidiu tudo com muito cuidado.”

Mãe 8: “A Cristiane⁶ sempre gostou muito de todas as atividades, mesmo que por algum motivo deixamos de fazer, ela sempre fez muita questão de entregar os trabalhos e ficava ansiosa para saber qual seria a reação da professora. Portanto posso definir nossa experiencia com as atividades muito boa, sempre todas as atividades foram bem explicadas, usando coisas simples do nosso cotidiano, foram atividades que tinham sua carga de ensinamento de forma lúdica e prazerosa.”

Mãe 9: “Enclausurar uma criança de 5 anos em um apartamento não foi uma tarefa fácil. Toda a rotina da família mudou, e principalmente a dela. Já não pôde ir mais à nova escola e nem à natação. Reclamou muito no início, mas com o tempo foi se adaptando à nova realidade. Como foi um ano atípico, percebemos o quanto as escolas e os professores lutaram pela educação. No caso do Nedi, vimos o quanto se esforçaram para manterem viva a atenção das crianças e sobretudo o interesse pelo aprendizado, o que naturalmente já é um grande desafio para os educadores.”

Mãe 10: “A nossa experiência, tanto a da Luana⁷ quanto dos familiares, foi bastante significativa, apesar de 2020 ter sido o primeiro ano dela como aluna de uma instituição de ensino. O suporte acontecia de maneira rápida, simples e eficaz. Sem ela (a professora) e suas estratégias pedagógicas, o desenvolvimento educacional da Luana, e com certeza dos outros alunos do Grupo 4,

⁵ Nome fictício

⁶ Nome fictício

⁷ Nome fictício

seria muito inferior nesse momento triste, incerto e desolador que a pandemia nos trouxe.”

Por tudo que foi explanado, tanto por mim, quanto pelas famílias, é possível afirmar que o percurso não foi fácil, o ano de 2020 foi tão diferente que vai ficar na história! A partir desta reflexão, lembramos que nossas memórias são construídas a partir das nossas experiências. Benjamin (2013) retrata de forma autobiográfica, suas experiências nas ruas e em sua cidade natal apresentando registros sobre as diversas situações vividas a partir das lembranças registradas em suas memórias de infância, que são transformadas em objeto de análise, dando sentido ao passado. Desta forma, o autor nos mostra que adultos e crianças podem compartilhar as experiências de vida, pois isso é muito valioso e fica registrado para sempre na memória.

Durante este ano estivemos mais tempo distante fisicamente do que presencialmente, tivemos que buscar novas formas de comunicação e interação, tivemos que nos reinventar. A tecnologia não substitui o encontro, o estar junto, principalmente na Educação Infantil, mas esta ferramenta possibilitou uma aproximação num tempo em que a distância foi necessária. Desta forma, busquei fazer com que as crianças sentissem que eu estava próxima e que ainda tinham uma professora mesmo que não estivessem indo para o Nedi. Busquei ainda proporcionar, mesmo a distância, um ano cheio de experiências, repleto de momentos felizes, com muitas memórias afetivas e histórias para contar.

E assim prosseguimos com a esperança que o ano de 2021 seja diferente, que nos devolva a liberdade de ir e vir, de estarmos juntos e de nos confraternizarmos com muita saúde.

Referências

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 2. ed. São Paulo: Ed. Duas cidades, 2009.

_____. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**, tradução João Barrento. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013, p. 69-155.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

BRASIL. MEC/CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução n.º 05 de 17 de dezembro de 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. de 1996.

CORSINO, P. **Relação família e escola na Educação Infantil: algumas reflexões**. Boletim Salto para o Futuro. TV escola, Brasília: Secretaria da Educação à distância – SEED – Ministério da Educação, 2002. p. 20- 27.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Experiências educativas na Educação Infantil em tempos de pandemia: o ensino, a extensão e a pesquisa na EEBAS/UFPB

Thais Thalyta da Silva - UFPB

thaislyta@hotmail.com

Cláudia Maria de Lima - UFPB

claudia.lima@academico.ufpb.br

Renata da Costa Lima - UFPB

renata.lima@academico.ufpb.br

Introdução

Este capítulo apresenta as atividades de ensino, extensão e pesquisa desenvolvidas pelo coletivo de professoras da Educação Infantil da Escola de Educação Básica (EEBAS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ao longo da pandemia do Covid-19 no ano de 2020.

Somos uma instituição de 33 anos vinculada ao Centro de Educação (CE/UFPB), que atende crianças da Educação Infantil (2 a 5 anos) e anos iniciais do Ensino Fundamental (6 a 10 anos). Neste relato, destacamos apenas o trabalho desenvolvido pela etapa da Educação Infantil.

O capítulo está estruturado em três partes. A primeira refere-se às experiências de ensino desenvolvidas com as crianças ao longo do ano de 2020. A segunda refere-se às experiências de extensão e, por fim, as de pesquisa.

1. Experiências de Ensino: os guias de vivências em tempos de pandemia, os kits de experiências educativas em casa e o catálogo de brincadeiras

No primeiro semestre do ano de 2020 nos deparamos com o desafio de um cenário pandêmico que fez com que suspendêssemos as atividades presenciais com as crianças devido

a necessidade do isolamento social. Com o avançar deste contexto, nossa equipe foi agindo internamente, dialogando e posicionando-se de modo a reafirmar lutas e conquistas históricas no âmbito desta etapa de ensino, e ao mesmo tempo colocando-se contrárias às aulas *online* para crianças da Educação Infantil, uma vez que isso iria de encontro às nossas concepções enquanto escola.

Diante disso, houve a deliberação de uma ação de parceria entre família e escola através do lançamento de *Guias de Vivências*, com a proposição facultativa de experiências lúdicas e contextualizadas a serem desenvolvidas pelas crianças sendo orientadas pelas famílias. Foram publicados três volumes, referentes aos meses de maio, junho e julho, conforme imagens abaixo.

Imagem 1 – Capa dos Guias



Fonte: Site da UFPB, 2020.

Estes Guias se compuseram como um material sugestivo às famílias que buscou potencializar a organização da rotina das crianças, oportunizando experiências que envolvessem a ludicidade e ampliação de seu repertório cultural.

Cada Guia apresentava 20 (vinte) vivências, iniciando com uma literatura, seguida de 2 (duas) propostas de experiências variando entre imaginação/faz de conta, arte, jogo ou movimento. A cada 4 (quatro) vivências, havia uma com a proposição de um cinema, teatro ou culinária em família. As imagens a seguir exemplificam:

Imagem 2 – Vivências dos Guias



Fonte: Site da UFPB, 2020.

Ao final de todas as vivências, havia uma seção com dicas e orientações da equipe pedagógica, de assistência social, nutrição e enfermagem. Os materiais serviram como um primeiro contato mais orientado com as famílias na pandemia e oportunizou a diversificação da rotina das crianças em casa.

No segundo semestre deste ano, compreendendo a não estabilização da situação e a necessidade de resguardar a saúde de nossa comunidade, a UFPB apontou a inviabilidade de retomar as aulas presenciais em 2020. Nesse sentido, buscamos refletir e construir possibilidades para um trabalho educativo respeitoso, qualitativo e condizente com os documentos e orientações curriculares oficiais da Educação Infantil, e também coerente com nossas perspectivas teórico metodológicas.

Inicialmente, criamos um *Kit para Experiências Educativas em Casa* com três almanaques para resolução pelas crianças de 3, 4 e 5 anos a partir da mediação direta de seus familiares. Cada almanaque apresentava 4 experiências centrais com alguns desdobramentos e junto a isso eram enviados os materiais necessários para a realização de cada atividade.

Imagem 3 – Almanagues



Fonte: Site da UFPB, 2020.

Diferente dos Guias, os kits com materiais concretos representaram a possibilidade da proposição de atividades mais dirigidas para as crianças, estimulando brincadeiras, reflexões, expressões e a ampliação de seus saberes.

As famílias costumavam contactar as professoras sobre dúvidas a respeito da realização e mediação das experiências, tanto dos Guias como dos Almanagues, bem como partilhavam imagens das crianças realizando as propostas.

Além dos guias e almanagues, buscamos dar vozes às crianças a partir de uma pesquisa realizada com o auxílio das famílias. As crianças responderam oralmente duas questões que se voltavam para seus cotidianos brincantes em casa. As respostas literais das crianças culminaram na produção de um catálogo de brincadeiras

em que evidenciou não só a importância destas para o desenvolvimento infantil como também primou pelo protagonismo brincante das crianças.

Este material foi divulgado na semana das crianças em um evento *online* em que buscou-se estimular as crianças a compartilharem suas brincadeiras. Foi um momento de troca de experiências e interações entre as crianças e suas famílias.

Imagem 4 – Catálogo de brincadeiras



Fonte: Site da UFPB, 2020.

Com o material, as crianças e suas famílias ampliaram as possibilidades brincantes mediante as dicas de outros colegas sobre as brincadeiras presentes em seus lares.

Estas primeiras ações partiram da premissa de orientar as famílias para realizarem a mediação direta com as crianças a partir dos materiais cuidadosamente planejados por nós. No entanto, sentimos a necessidade de retomar o lugar de mediação junto às crianças e construímos coletivamente um plano de ação com a proposição de encontros *online* para as crianças, ancorados em um projeto de extensão, tratado a seguir.

2. Os Circuitos Literários em Movimento e as experiências extensionistas com crianças

Para o desenvolvimento da extensão, salas no *Google Classroom* foram abertas mediante reuniões dialógicas com as famílias, em que o projeto, objetivos e estrutura das experiências foram explicitados. As salas e encontros foram planejados a partir dos seguintes agrupamentos: Infantil 3 e 4 manhã, Infantil 3 e 4 tarde, e Infantil 5 manhã e tarde. Cada grupo tinha um encontro síncrono e um assíncrono semanal de 1h.

Cabe ressaltar que o planejamento das situações *online* nesta etapa primavam pelos eixos estruturantes das interações e brincadeiras, buscando respeitar as especificidades e distanciar as práticas na Educação Infantil de proposições escolarizantes mais conteudistas e disciplinadoras. As experiências e conhecimentos mobilizados e construídos com as crianças de 0 a 6 anos partiram da valorização das culturas infantis e as experiências cotidianas vivenciadas e tiveram como aporte, ainda, a oportunização de direitos e objetivos de aprendizagem adequados.

Neste sentido, o trabalho extensivo, através dos Circuitos Literários em Movimento teve como principal objetivo potencializar as vivências literárias com as crianças durante o período de isolamento social, contribuindo para demarcar o lugar da leitura, da ludicidade e do movimento nas vivências familiares.

As ações educativas do projeto envolviam leitura e movimento, sendo ora mobilizados pela professora da turma, ora pela professora de Educação Física. Também participaram dessa atividade extensionista 06 (seis) estagiárias de pedagogia, que atuaram na produção de materiais literários disponibilizados às famílias para serem vivenciados de maneira assíncrona pelas crianças. Estas também colaboraram nos encontros virtuais pelo *meet*, participando da mediação e intervindo nas atividades propostas que envolviam experiências educativas a partir dos materiais literários.

Neste processo, além de encontros síncronos com as crianças e dos vídeos com contação de histórias produzidos pelas estagiárias, disponibilizamos outros materiais, como Murais Literários com sugestões de literaturas e dicas de experiências educativas.

O projeto de extensão facilitou o alinhamento da equipe pedagógica mediante o novo formato de interação com as crianças e ampliou as experiências de práticas de leitura nas casas da nossa comunidade, bem como estimulavam as famílias a explorarem outras literaturas e produzirem mídias em vista a partilhar as experiências de leituras em casa.

3. A pesquisa e ação reflexiva docente: ampliando diálogo com a comunidade

As ações de ensino e extensão vivenciadas durante todo o ano de 2020 estiveram atreladas às atividades de pesquisas desenvolvidas tanto nos grupos de estudos, em pares ou em articulação com outras entidades e instituições de ensino.

No Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil - GEPEI/CE/UFPB, composto em grande parte por docentes da EEBAS, as atividades voltaram-se para os estudos e produções acadêmicas na área das infâncias. Essas atividades consistiam em Ciclos de Diálogos que versavam sobre várias temáticas que permeavam as discussões das infâncias e o contexto pandêmico, em que as palestrantes eram as integrantes do próprio grupo em diálogo com públicos diversos, internos e externos à universidade, sendo a maioria docentes, coordenadoras e/ou supervisoras da Educação Infantil dos municípios da região metropolitana de João Pessoa-PB.

Além das atividades do grupo de pesquisa, realizamos *lives* e palestras em parceria com outras instituições, com o objetivo de partilhar as experiências que estavam sendo desenvolvidas em nossa escola. Tivemos também a participação em eventos e cursos na área da Educação Infantil, buscando sempre estar em formação, a fim de ampliar as discussões. Todo esse processo reflexivo potencializou ainda mais nossa ação reflexiva e formativa

contribuindo na qualidade dos materiais e documentos produzidos e publicados no percurso.

Destaca-se nesse processo a parceria com o Centro Estadual de Arte - CEARTE vinculado ao Laboratório de Educação Musical Infantil - LEMI/UFPB, a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e a Associação Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil - ANUUFEI.

Considerações finais

O capítulo buscou apresentar um relato amplo e geral sobre o trabalho desenvolvido pelo coletivo docente da Educação Infantil na EEBAS durante o contexto de adversidade provocado pelo Covid-19 no ano de 2020. A exposição presente neste texto viabilizou um registro descritivo da memória das propostas construídas e oportunizou importantes reflexões sobre as especificidades e identidade do trabalho para e com as crianças da Educação Infantil.

Nesse sentido, ressaltamos que foi desafiador fortalecer o lugar das interações e brincadeiras nas propostas educativas distanciadas da escola, contudo, as avaliações internas, o retorno das famílias e, sobretudo, o envolvimento leve e alegre das crianças nos leva a crer que o trabalho desenvolveu-se de forma muito positiva.

Em síntese, as experiências educativas de Ensino-Pesquisa-Extensão desenvolvidas pelo coletivo da EEBAS/UFPB explicitaram o papel social da Universidade em um período pandêmico favorecendo, entre outras questões, à produção do conhecimento, a mobilização e construção de saberes pelas crianças, a potencialização das situações formativas pelas professoras e estagiárias, a ampliação da aproximação qualitativa entre as famílias e a escola, bem como o fortalecimento dos vínculos internos no ambiente familiar.

Encontros *online* com as crianças durante a pandemia da covid-19: o olhar de uma professora da UUNDC-UFC

Diana Isis Albuquerque Arraes Freire
Unidade Universitária de Educação Infantil Núcleo de
Desenvolvimento da Criança – UUNDC-UFC
dianaisis@ufc.br

O propósito deste artigo é compartilhar uma experiência docente vivida de forma *online* com crianças da Educação Infantil, que aconteceu no contexto da pandemia de Sars Cov 2 (COVID-19) em 2020. Focalizo as interações *online* com as crianças que ocorreram por meio do aplicativo *Google Meet*, no segundo semestre. Trago o meu olhar como professora, e à medida que teço a narrativa, levanto algumas reflexões teóricas. Elas vêm permeadas de sentimentos e emoções, os quais não podiam ser desconsiderados em um período tão atípico. Os teóricos do desenvolvimento, Piaget, Vygotsky e Wallon lembram que a afetividade e a cognição não se distanciam, como indica Dantas (1992).

Sou professora da Unidade Universitária de Educação Infantil Núcleo de Desenvolvimento da Criança, a UUNDC, pertencente à Universidade Federal do Ceará (UFC), situada no Campus do Pici em Fortaleza. Iniciei o ano de 2020 com a expectativa de receber uma nova turma de crianças e com elas começar mais um percurso neste lugar de muitas histórias e afetos. A minha turma era composta por treze crianças, entre quatro e cinco anos de idade.

De modo breve, relato o que aconteceu no início do ano, a interdição das atividades e como acompanhei as crianças no primeiro semestre, pois sinto essa necessidade, a fim de possibilitar que os/as leitores compreendam o contexto. A UUNDC já estava preparada para a chegada das crianças. A Sala de Atividades (sala de referência) estava pronta, com uma nova reorganização dos móveis, visando constituir um ambiente acolhedor para todos,

crianças e seus familiares. Com a equipe de professoras, preparei “materiais, espaço, tempo, e atividades”, que segundo Barbosa (2006) são os elementos da rotina na Educação Infantil. As crianças, como de costume na UUNDC, receberam uma carta da professora antes de chegarem à Unidade, que foi entregue aos familiares na primeira reunião. Essa carta simbolizou um primeiro contato, como professora, com cada criança. Essa ação se constitui também uma experiência de letramento, conforme Freire (2018).

Convivi com as crianças de fevereiro a março de 2020, fortalecendo os vínculos com elas e suas famílias, até que a Universidade interditou as atividades. Nesse curto período, tivemos um baile de carnaval e um passeio cultural ao Museu de Artes da UFC (MAUC). Com o distanciamento social, mantive contato com as famílias por meio do grupo de *WhatsApp*, recurso já utilizado por cada professora da UUNDC para facilitar as comunicações. Enviei¹, diariamente, livros digitais de literatura infantil para as crianças, especialmente os do PAIC², bem como *links* sugestivos de brincadeiras, música e filmes infantis.

A proposta dos “Encontros *online*” foi pensada pela equipe³ de professoras a fim de termos um contato mais direto com as crianças a partir de agosto, visto que a pandemia perdurava e um retorno seguro ainda não seria possível. O aplicativo *Google Meet* logo se difundiu na comunidade acadêmica durante a pandemia. Especialmente no mês de maio, por ocasião dos Encontros

¹ Essas ações também foram realizadas pelas outras professoras da UUNDC.

² O Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) no Ceará, possui um Eixo de Educação Infantil e dispõe de um acervo de literatura infantil (Coleção Prosa e Poesia) em seu site, que ressalta a cultura cearense. Os autores dessas histórias são cearenses. Os livros podem ser acessados por meio do link <https://paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/eixos-do-programa/eixo-deliteratura-infantil-e-formacao-de-leitores/2020-06-18-11-11-13>. Na ocasião da pandemia, organizei uma pasta com esses livros em *drive* para compartilhar com as outras professoras.

³ Os Encontros *online* foram planejados pelas docentes e orientados pela Diretora e Coordenadora Pedagógica da UUNDC.

Universitários⁴ 2019, de forma remota. Assim tomei conhecimento dessa ferramenta. Posso afirmar que nessa circunstância vi uma “luz” para interagir com as crianças. Estávamos todas (professoras) no “mesmo barco”, aprendendo a utilizar uma ferramenta digital e de forma frequente, começando a fazer reuniões de trabalho e com as famílias dessa forma.

As crianças, então, acessavam os Encontros *online* de suas casas, utilizando computador (*notebook* ou *desktop*) ou aparelho celular. Obtive apoio das famílias de forma muito concreta, pois ajudaram as crianças a acessar o *link*, manusear os aparelhos e permaneceram ao lado delas durante os Encontros *online*. A maioria das vezes eram as mães; assim, constatei um forte papel feminino nessa experiência. Algumas crianças pareciam se sentir mais seguras com a presença da mãe ao lado, que incentivava a participação; repetia o que a criança falava mais baixo; ajudava a pegar algum material e interagia comigo, mas sem atrapalhar a sua criança.

Os Encontros *online* ocorreram semanalmente, para dois grupos diferentes de crianças, sendo uma reunião para cada grupo, em dias alternados. Várias razões justificaram essa organização. Analisei que, durante a pandemia, a rotina de cada família sofreu modificações, enfrentando situações diversas e adversas (por exemplo, lidar com a doença no seio familiar ou com a morte de parentes e pessoas próximas). Era preciso agir com cautela, pois não queria sentir que estava invadindo o ambiente familiar e, sim, agindo com respeito, pedindo licença para entrar. Considerei circunstâncias familiares, bem como a individualidade da criança, pois houve momentos em que uma ou outra não se mostrava à vontade para participar, preferindo brincar ou dormir naquele momento. O meu pensamento era que os Encontros *online* pudessem ser uma proposta leve para todos (professora, crianças e famílias) em um período tão atípico devido ao enfrentamento da

⁴ As docentes da UUNDC realizam trabalhos de Ensino, Pesquisa e Extensão na UFC. Os Encontros Universitários recebem trabalhos dessas professoras, bem como trabalhos orientados por elas, que ainda atuam como avaliadoras durante o evento.

pandemia. Como uma prática pedagógica circunstancial, os Encontros *on-line* propunham-se, principalmente, a contribuir com as aprendizagens e o desenvolvimento integral das crianças, (conforme as determinações legais⁵.

Dividi a turma em dois grupos para os Encontros *online*. Essa organização estava coerente com a Proposta Pedagógica da UUNDC, que valoriza a escuta das crianças; assim elas teriam mais tempo para falar e se expressar, contando as novidades do lar. Eu realizava o revezamento das crianças, enviando a lista com as trocas de nomes no grupo de *WhatsApp* das famílias. Com essa estratégia, todas as crianças puderam se reencontrar. Algumas, a pedido dos pais, participaram em um dia fixo, devido à organização familiar em casa. Trabalhar com um grupo menor de crianças por vez, nesse formato, facilitou a minha mediação como professora. Elaboramos nossos “combinados”, que foram essencialmente: desligar o microfone quando um amigo falasse ou a professora, e esperar a sua vez de falar, pois cada um teria o seu momento. Dessa maneira, evitaríamos ruídos na comunicação. A nossa dinâmica foi uma construção, considerando o potencial das crianças para lidar com a tecnologia (como manusear o aparelho, ligar e desligar o microfone).

As emoções fizeram parte desse processo. Era preciso esperar a vez e, algumas vezes, as crianças se aborreciam, reivindicando o direito de fala, pois sentiam que demorava. Uns falavam mais, pareciam desinibidos, outros menos, dependendo da vontade de cada um. Havia ainda crianças cujas atitudes demonstraram timidez e que estranharam (no início) a interação por meio de uma tela. Assim, combinava com a família que se a criança quisesse, poderia desligar o microfone e a câmera e ficar apenas assistindo ao Encontro *online*, e que quando quisesse falar e ser vista, bastava ligar. Organizar as conversas *online* foi um desafio, mas com o tempo se tornaram mais tranquilas, e as crianças dialogavam com

⁵ Aqui me refiro às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) e à Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017).

autonomia, sem interromper umas as outras. Observei as crianças expressando suas emoções por meio da linguagem corporal: sentadas numa cadeira, pulando, balançando os braços, buscando uma posição confortável para ouvir uma história, abraçando a mãe, desenhando, escrevendo, aproximando-se da tela para ver melhor, segurando brinquedos. Percebi que cada criança teve uma participação singular, do seu próprio modo. Respeitar a individualidade das crianças foi um aspecto inerente a esta prática.

Do meu lado, como professora, havia o medo e a insegurança de realizar essa prática. Será que as crianças iriam gostar? Será que eu saberia conduzir os Encontros? Essa pedagogia seria diretiva ou participativa? Será que o meu planejamento estava coerente com a Proposta Pedagógica? E se eu não conseguisse?... Vale pontuar que durante a pandemia, viajei para o interior do Ceará, a fim de dar suporte à minha família (de abril até o final de agosto), e de lá comecei os Encontros *online*. Foi uma estadia de retorno imprevisível, que implicava em incertezas de vida e de trabalho.

Os Encontros *online* duravam aproximadamente uma hora. No início, previ meia hora, por ser uma experiência nova. Fui observando o envolvimento das crianças, resgatando os vínculos e em menos de um mês já conseguia planejar para que o Encontro durasse cerca de uma hora. As próprias crianças apresentavam um “limite” de participação, pedindo para sair após cinquenta minutos mais ou menos, pois se mostravam satisfeitas. Ponderar o tempo em que as crianças se dispunham a estar diante da tela foi essencial para planejar um encontro saudável, pois não gostaria que fosse prejudicial à saúde pela exposição à luz dos equipamentos e pela postura corporal que poderia se tornar inadequada.

Os Encontros *online* aconteceram de agosto a dezembro e, ao final dessa jornada, posso afirmar que foi uma experiência válida para a realidade da pandemia. Além dos Encontros *online*, continuei a pesquisar livros digitais e *links* interessantes para as crianças. Obtive apoio das famílias, fundamental nessa caminhada, uma parceria inusitada por ser totalmente à distância. Eu me dispunha a ouvi-las se

quisessem compartilhar algo sobre as crianças no “grupo” ou no contato individual, ao longo do novo semestre.

Nos primeiros Encontros *online*, listei com as crianças nomes de animais como assuntos a serem tratados, pois elas demonstravam gostar de animais⁶ dentre eles borboletas, leopardos, guepardos. As crianças foram pedindo para mostrar seus bichos de estimação (cachorro, gato, peixes, calopsita, hamster), criando então, um currículo vivo do cotidiano. Ao longo dos Encontros *online* tivemos contação de histórias, proposta de desenho e de escrita com as crianças.

Para a realização dos Encontros *online*, contei com a colaboração da minha equipe de bolsistas⁷, que estavam divididos em três projetos⁸ coordenados por mim: Projeto “Práticas pedagógicas na Educação Infantil: o cotidiano junto às crianças da UUNDC”, Projeto “As crianças da UUNDC e a cultura popular” e o Projeto “Cultura afro-brasileira com as crianças da UUNDC”. Reformulei as ações dos projetos em decorrência do formato remoto, afinal não foram pensados para isso. Então tivemos que nos adaptar. Alguns participaram dos Encontros *online* comigo e as crianças. Além disso, me deram suporte realizando as transcrições dos diálogos e registrando os Encontros por meio de fotos e prints, construindo assim, um material eficaz para avaliação e elaboração dos relatórios das crianças no final do ano. Cito algumas ações realizadas pelos bolsistas⁹ (sob minha orientação) durante os

⁶ Constatação pelos relatos das famílias e fotos enviadas no grupo de *WhatsApp*. Pensei “ótimas ideias para que as crianças se encantem pela natureza”. Do mesmo modo, compartilhei meu carinho pelos animais, contando às crianças a saga da minha gata escondendo os filhotes após o nascimento deles e das borboletas no jardim.

⁷ Eram sete estudantes bolsistas (rapazes e moças) de diversos cursos da UFC: Matemática, Engenharia Elétrica, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Pesca, Engenharia de Alimentos e Agronomia.

⁸ Os três projetos eram da PRAE (Pró Reitoria de Assuntos Estudantis), que aloca estudantes de diferentes cursos da UFC para atuarem nos projetos. O primeiro também tinha apoio da PREX (Pró Reitoria de Extensão).

⁹ Nossas experiências eram compartilhadas em um outro grupo de *WhatsApp*. Após os Encontros Universitários que ocorreram em maio, já nos sentimos

Encontros *online*: contação de histórias, ênfase em histórias com protagonistas negros, brincadeira de adivinhas e parlendas, brincadeira com bonecas de diferentes etnias.

Um aspecto que destaco é que os Encontros *online* foram possíveis de serem realizados mediante o uso de recursos de tecnologia digital. Com a pandemia, vi a discussão sobre esse assunto no âmbito educacional se reacender. De fato, é necessário que a formação de professores, inclusive de Educação Infantil, contemple o uso das tecnologias.

Compreendo que as crianças já nascem imersas em uma sociedade letrada e na era digital. Conforme meu olhar, cada uma construiu para si uma experiência com as tecnologias durante os Encontros *online*. Ampliaram uma visão de mundo e de entendimento do que a tecnologia pode proporcionar, como o contato com os amigos da turma e a professora, quando o encontro presencial não é possível. Desenvolveram habilidades de lidar com o acesso e com os aparelhos, demonstrando um modo pessoal de interagir. Notava esse protagonismo de muitas maneiras, por exemplo: as crianças compreendiam que podiam se comunicar, enviar áudios, fotos e vídeos; que podiam ver os outros e serem vistas nas reuniões *online*; que podiam mostrar sua casa, seus brinquedos, seus animais de estimação e desenhos, criando então, formas de participação. Vê-las assimilando essas possibilidades me fazia refletir que são capazes e têm direito a conhecer e utilizar a tecnologia, e que a Educação Infantil pode contribuir para essas experiências.

Como professora, busquei formação para me atualizar acerca das tecnologias, pois estava lidando com essa realidade. Tive a oportunidade de realizar um curso na modalidade EaD na própria Universidade, intitulado “Robótica educacional e mediações tecnológicas na docência (módulo I)”, ação do projeto de extensão “Super Inventores: Tecnologia e Educação”, vinculado ao

familiarizados com o *Google Meet* e realizamos algumas reuniões virtuais para tratarmos dos projetos e das possibilidades de fazermos reuniões com as crianças.

Departamento de Integração Acadêmica e Tecnológica do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Ceará¹⁰.

Particularmente, o curso me trouxe uma revisão geral sobre informática educativa. Docentes de diversas áreas trocaram saberes e eu defendia que a tecnologia era útil, mas que para a Educação Infantil havia especificidades. Mediante leituras e reflexões, compreendi que nossa sociedade depende da tecnologia como agregadora de qualidade de vida. Assim, o poder político e a área educacional devem avançar neste aspecto, para democratizar o acesso aos recursos e à formação. No campo da Educação Infantil, aprendi que as crianças podem ter experiências que estimulem a formação do pensamento computacional (não necessariamente no computador¹¹), conforme Blikstein (2008), que por sua vez podem compor o desenvolvimento integral. No entanto, o acesso à *internet* é limitado para a maioria das instituições públicas no Brasil e, portanto, uma grande parte das crianças não têm a oportunidade de experienciar a tecnologia digital. Essas reflexões me acompanharam durante o semestre, ao mesmo tempo em que lidava com o desafio dos Encontros *online*.

A decisão pelos Encontros *online* foi acompanhada de muita reflexão, questionamento e sensações diante desta novidade com a qual nos desafiamos a lidar. A ideia se justificou pela pandemia. Ouso proferir que fomos vitoriosos. Apesar dos contratempores familiares (das crianças e da minha!), de um “turbilhão” de sentimentos, realizamos um conjunto de Encontros *online* que favoreceram as aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

¹⁰ O curso ocorreu por meio do uso da plataforma Solar da UFC e ferramentas digitais como sites de programação. Essa formação esteve voltada para docentes da rede pública de ensino na área de robótica educacional e mediações tecnológicas na Educação Básica, capacitando-os para o uso em sala de aula de tecnologias contemporâneas, como linguagens de programação, placas de prototipagem e eletrônica digital.

¹¹ São chamadas de atividades desplugadas e podem envolver jogos e conhecimento matemático.

Realizar esta ação com as crianças foi algo que jamais imaginei. Contudo, o fato da pandemia nos mobilizou para o que era possível. Os Encontros *online* não substituem a educação coletiva e presencial no cotidiano da instituição. Entretanto, nos ajudaram a mantermos o vínculo com as crianças, possibilitando um contato direto e em tempo real. Realizar esses Encontros em nome da instituição e com intencionalidades pedagógicas é totalmente diferente de um programa de televisão ou de um vídeo acessado numa plataforma, ou de jogos eletrônicos. Tratou-se de uma interação que tinha por base uma Proposta Pedagógica, com planejamento e avaliação constantes feitos por uma professora.

O sentimento era um só: que o Corona vírus fosse embora e nós pudéssemos voltar para a UUNDC. O trecho a seguir poetiza o misto dos nossos sentimentos:

“Fecho os olhos e por um momento volto a meu vale... Meu pensamento me leva até a escola e lá eu me reúno com minhas colegas e professoras. Encontro Moniba, minha melhor amiga, e nos sentamos juntas, conversando e brincando, como se eu nunca tivesse saído de lá”. (Yousafzai, 1997, p. 12)

De maneira semelhante à descrição¹² de Malala, jovem paquistanesa que sofreu um atentado, imagino as crianças fechando os olhos, lembrando a UUNDC e ressignificando a saudade dos amigos da turma, da convivência, das brincadeiras, de comer junto, do parque, das conversas, de desenhar e ouvir histórias. Os Encontros *online* foram importantes para aliviar a nostalgia e manter os vínculos.

Finalizo o meu relato meditando o verbo esperarçar freireano. Esperança que para Freire (2003), é um tempero indispensável à experiência histórica.

¹² O trecho é do livro “Eu sou Malala”, escrito por Malala Yousafzai e Christina Lamb (jornalista), da editora Companhia das Letras, de 1997.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BLIKSTEIN, Paulo. **O pensamento computacional e a reinvenção do computador na educação**. 2008. Disponível em: http://www.blikstein.com/paulo/documents/online/ol_pensamento_computacional.html

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CEB, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão, 2017a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/3_BNCC-Final_Infantil.pdf

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, Marta Kohl de. DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FREIRE, Diana Isis A. A. **Letramento na Educação Infantil: concepções e práticas docentes em turmas de pré-escola em uma instituição pública municipal de Fortaleza**. 2018. 282f. – Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª. Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2003.

O brincar na Uaei no contexto da pandemia: vivências com as crianças do grupo 5

Maria Betania Barbosa da Silva Lima - UAEL/UFCEG

E-mail: mariabetaniab@gmail.com

Rayffi Gumercindo Pereira de Souza - UAEL/UFCEG

E-mail: rayffi.ufcg@gmail.com

1. Introdução

Neste artigo, versamos sobre algumas propostas brincantes vivenciadas junto às crianças do Grupo 5¹, da Unidade Acadêmica de Educação Infantil - UAEL, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCEG. A temática faz-se relevante, pois compreendemos que a brincadeira é vista como fundamental para a criança, uma vez que lhe proporciona a interação e a construção do conhecimento acerca de si mesma e da realidade que a cerca. A brincadeira é uma forma particular de comunicação, prazer, recreação, espaço no qual as crianças podem agir por si próprias, tomar suas decisões, transgredir, dar novos significados às coisas, e assim se expressarem e conhecerem o mundo. As crianças brincam em todos os espaços que frequentam, com ou sem brinquedos, sozinhas ou com seus pares, mas, é nas instituições de Educação Infantil, que as interações e as brincadeiras entre elas se dão de forma mais intensas.

Entretanto, no atual contexto pandêmico causado pelo coronavírus proliferador da Covid-19, as crianças, assim como estudantes de todas as faixas etárias, ficaram impossibilitadas de frequentar a escola, e os professores, em especial, os que trabalham na Educação Infantil, tiveram que buscar estratégias para manter vínculos com as crianças e suas famílias, além de desenvolver propostas interessantes e significativas virtualmente.

¹ Na UAEL, os grupos de crianças são organizados pela faixa-etária. O Grupo 5 é formado por crianças com 5 anos de idade.

Neste sentido, enquanto professores de crianças de 5 anos de idade, nos indagamos sobre a seguinte questão: o que poderíamos fazer, no contexto da Pandemia, para continuar garantido às crianças, interações e brincadeiras, eixos fundamentais da proposta pedagógica da UAEI? Assim, neste trabalho, o nosso objetivo é refletir sobre a brincadeira e o brincar no modo remoto, e relatar algumas vivências brincantes que foram realizadas virtualmente. Para tanto, nos apoiamos nas concepções de criança (VIGOTSKY, 2000; SARMENTO, 2007), de brincadeira (KISHIMOTO, 2008; WAJSKOP (2009), de brincar (WINNICOTT, 1975; BORBA, 2009;), de Educação Infantil (BRASIL, 2009) entre outros.

2. Crianças, brincadeiras e o brincar

“O que é uma mesa, para uma criança de um ano, independentemente do uso que os adultos fazem dela? É um teto.”

Gianni Rodari (1982, p. 98)

Ao longo do tempo o conceito de criança tem sido pensado e repensado tanto por teóricos de diversos campos, como no imaginário popular. Durante um longo período as crianças foram consideradas como indivíduos totalmente passivos, sendo associadas constantemente à negação (SARMENTO, 2007). Foram situadas historicamente em lugares sociais da não-fala, da não-participação e até mesmo da não-ação. Realidade resultante, em parte, de uma cultura adultocêntrica pela qual a sociedade é revestida. A partir disso, percebemos também uma forte relação de poder entre crianças e adultos, pois, enquanto aquelas eram associadas ao não, estes estavam ligados ao sim. Contraditoriamente a essa perspectiva que minora as crianças, Vigotsky (2000) a reconhece, a partir de seus estudos, como ser social, histórico e concreto. Assim, surge a compreensão de que as

crianças devem ser consideradas em seus contextos sociais e culturais nos quais estão envolvidas.

A Pedagogia da Infância (ROCHA, 2008) e os Novos Estudos Sociais da Criança (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2007), campos teóricos que avançam na compreensão das crianças de uma maneira complexa e plural, as concebem como sujeitos ativos, protagonistas de suas próprias vidas, leitoras e intérpretes do mundo, e, portanto, capazes de participar ativamente da vida social e cultural.

Assim, partindo de uma concepção de criança, ampla e não genérica, diversas pesquisas têm sido realizadas nos campos dos estudos pedagógicos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, e tantos outros, com o intuito de buscar compreender como a criança se desenvolve, mas também como se coloca socialmente nas relações. Nessa direção, Corsaro (2011) explicita que, assim como os adultos produzem culturas a partir das interações sociais, as crianças também o fazem. Entretanto, destaca que a cultura infantil é produzida mediante as reproduções interpretativas (CORSARO, 2011) que são reelaborações de práticas culturais que as crianças produzem a partir das interações que estabelecem com adultos e com seus pares.

A brincadeira é uma das situações nas quais as crianças estão em constante interação com diferentes modos de comportamentos e, como frisamos, é na relação que elas estabelecem com outras pessoas que constroem e ampliam conceitos, modos de ser, e de estar mundo, dos os quais não teriam condições de realizarem sozinhas. A brincadeira enquanto atividade lúdica, envolve imaginação, criatividade e incertezas (KISHIMOTO, 2008), constituindo-se como uma ação na qual as crianças entram em contato com o mundo, com os outros e consigo mesmas (VIGOTSKY 1991, p.227), expressando suas personalidades, sentimentos, saberes e curiosidades.

Wajskop (2009) partindo de uma perspectiva sócio-histórica e antropológica, aponta que a brincadeira “é um tipo de atividade cuja base genética é comum à arte, ou seja, trata-se de uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais, a

partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios” (WAJSKOP, 2009, p. 28). Desse modo, não se pode defender a ideia da brincadeira como natural na criança, nem tão pouco como algo simples, mas compreendê-la como experiência cultural que se aprende socialmente. Ou seja, a criança aprende a brincar a partir das vivências que participa por meio da observação ou da partilha da ação do brincar.

Borba (2009) ressalta que, ao brincar a criança se reconhece como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, pois aprende sobre si mesma, sobre o homem e suas relações com o mundo, atribuindo assim novos significados às suas experiências. Assim sendo, o brincar deve estar presente na vida da criança, e, por isso, não deve ser considerado uma atividade complementar, mas de fundamental importância para o seu bem estar, suas aprendizagens e seu desenvolvimento. De acordo com Vygotsky apud Borba (2009), o brincar se configura numa atividade construída pela criança nas interações que ela estabelece com outros sujeitos e com os significados culturais de seu meio. Através do brincar ela se comporta de maneira mais avançada do que no dia a dia, ao exercer papéis e desenvolver ações que mobilizam novos conhecimentos e habilidades.

A brincadeira é uma atividade propícia ao processo de significados., Através do brincar de faz de conta, por exemplo, a criança destaca os objetos do seu significado e função presente, atuando com eles no plano imaginário como se fossem outros. Um cabo de vassoura passa a ser um cavalo, uma tampa de panela passa a ser uma roda de direção, etc. e assim vão ressignificando esses objetos a partir das referências culturais e das vivências cotidianas com as famílias e também com outras pessoas noutros espaços. Nesse sentido, vale ressaltar que a imaginação e a fantasia não surgem do vazio, mas a partir de elementos tomados das experiências dos sujeitos, daquilo que lhes interessa.

Cabe frisar que, qualquer tipo de brincadeira favorecerá o desenvolvimento da criança, seja esta de faz-de-conta, tradicional, protagonizadas ou de papéis, entre outras. O que parece ser

essencialmente considerável é que, “[...] a unidade fundamental da brincadeira é o papel que é assumido pelas crianças e que revela e possibilita, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das regras e da imaginação, através de gestos e ações significativas” (WAJSKOP, 2009, p. 32). Considerar a brincadeira como uma ação na qual as crianças atuam ativamente, por meio da interação com o mundo de maneira lúdica é fundamental. Por isso, iniciamos este tópico com uma citação de Gianni Rodari (1982), na qual ele expõe de maneira singular que o brincar faz parte da vida das crianças e pode surgir a qualquer momento, como em uma mesa que se transforma em um teto, ou em tantos outros exemplos que emergem no cotidiano de todas as crianças, as menores e as maiores.

Considerando as reflexões que construímos até aqui sobre as crianças, a brincadeira e o brincar, destacamos a necessidade das instituições de Educação Infantil ampliarem as experiências brincantes, uma vez que, quanto mais brinca, a criança potencializa sua capacidade criativa, imaginativa, de se relacionar, e até mesmo de se posicionar socialmente. No tópico a seguir, teceremos algumas considerações acerca da brincadeira na Educação Infantil.

3. A brincadeira na Educação Infantil

A partir do que está posto nos marcos legais², a Educação Infantil é uma etapa da Educação Básica, na qual as crianças podem vivenciar suas infâncias de maneira respeitosa, participando de propostas pedagógicas significativas, que tenham como eixos norteadores as interações e brincadeiras (BRASIL, 2009). Isto é, as situações de aprendizagens planejadas e oportunizadas pelos professores e professoras devem considerar a importância das

² A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica no Brasil (BRASIL, 2009), tem sido regulamentada e normatizada por um conjunto de legislações educacionais, tais quais: Constituição Federal (BRASIL, 1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (BRASIL, 1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2009), a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil - BNCCEI (BRASIL, 2017), dentre outros.

brincadeiras e das relações entre crianças e seus pares, adultos, com objetos e com a natureza. Essas propostas viabilizam os direitos de explorar, conviver, descobrir, conhecer, expressar e brincar, como um caminho profícuo que contribui com as aprendizagens e o desenvolvimento de cada bebê, criança bem pequena e pequena (BRASIL, 2017), matriculados nessa etapa.

Apesar disto, nem sempre a brincadeira é compreendida como sendo fundamental para o desenvolvimento da criança nos contextos educativos. Na maioria das vezes a brincadeira é vista como uma ação secundária ou como uma atividade de descanso que deve ser proporcionada entre uma atividade “de maior valor” e outra. Nesse sentido, surge um grande desafio: a necessidade de que a brincadeira seja reconhecida como uma dimensão fundamental das interações que são estabelecidas pelas crianças com o mundo. Pois, é por meio dela que a criança prossegue para novas descobertas e, assim, passa a elaborar realidades, hipóteses, questões, problemas e soluções. De acordo com Debortoli (2008, p.82) o brincar é uma reelaboração de posturas e das práticas dos atores sociais que estão imersos nas mais variadas culturas. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (WINNICOTT, 1975, p.80).

Ao reconhecermos o valor da brincadeira e do brincar como imprescindíveis para o desenvolvimento infantil, passamos a compreender os motivos pelos quais a brincadeira se constitui como um dos eixos estruturantes da Educação Infantil. Entende-se que é preciso oferecer às crianças propostas que emergem dos interesses, dúvidas e saberes delas próprias. Assim, o processo educativo torna-se não só atrativo, mas também significativo e repleto de marcas das próprias crianças, que ao brincarem aprendem e se fazem protagonistas nos processos educativos.

Quando percebemos as brincadeiras como ações lúdicas, nas quais as crianças se desenvolvem a partir de interações, podemos compreender que o brincar envolve, na verdade, uma postura carregada de positividade diante da vida. Trata-se de viver uma

experiência que envolve o corpo, o tempo, os espaços, os objetos, a natureza, e assim as crianças acabam por desenvolverem-se fisicamente, verbalmente, cognitivamente etc. Desse modo, a presença das brincadeiras na Educação Infantil repercute para além dos muros da escola, pois contribui para um processo educativo amplo.

Além disso, ao reconhecermos as crianças e suas potencialidades, e o quanto a brincadeira e o brincar são necessários para suas aprendizagens, defendemos a existência de espaços e propostas na Educação Infantil, que contribuam para relações plurais, democráticas, respeitadas e menos desiguais entre adultos e crianças, respeitando as especificidades da infância e as singularidades de cada criança. A partir disso, no próximo tópico refletiremos sobre as brincadeiras e a escuta das crianças, a partir de experiências na UA EI, no contexto pandêmico.

4. “Eu estou pensando em uma brincadeira, para essa brincadeira vai precisar de um ovo e uma colher”: vivências brincantes em contexto remoto

A Pandemia da Covid-19, que chegou ao Brasil com maior veemência no início do ano de 2020, provocou diversas mudanças na vida das pessoas, famílias e nas rotinas e modos de funcionamento das mais variadas instituições. As escolas foram também afetadas, inclusive aquelas que ofertam a Educação Infantil. Os encontros presenciais diários, as rodas de conversas, os lanches coletivos, os recreios no parque e tantas outras ações vivenciadas presencialmente foram interrompidas, passando-se a instaurar modos de comunicação por meio das mídias digitais, ou seja, através do modo remoto.

Na UA EI, a coordenação pedagógica juntamente com o coletivo de professores buscou atender o Parecer nº. 05/2020, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministério da Educação (MEC), que trata de orientações pedagógicas não presenciais na pandemia.

Compreendeu-se a necessidade de fortalecer os vínculos com as crianças e suas famílias, e a Unidade optou por realizar encontros virtuais com elas uma vez por semana. Durante os encontros, a escuta das crianças tornava-se uma ação central por parte dos professores, sobretudo, a escuta de seus sentimentos e desejos, apresentando-se como ideias que seriam o ponto de partida para o planejamento das propostas.

A partir dos encontros, nos preocupávamos em manter e fortalecer os vínculos com as crianças, mas também buscávamos maneiras de, na medida do possível, oportunizar propostas significativas para elas. Assim, havia um cuidado em reservar a cada encontro tempo suficiente para a escuta das crianças, especialmente, daquilo que elas desejavam conhecer, fazer e partilhar. Desse modo, foi possível perceber o desejo delas pela brincadeira.

Vale ressaltar, que antes da Pandemia da Covid-19, as crianças brincavam bastante na UAEI, desde a hora da chegada até o momento da despedida. Brincadeiras que se davam no *castelinho*, que é um espaço com escorrego, gangorra e cavalinhos; no *pátio*, ao explorarem a casinha, a caixa de areia, e os balanços; na sala de recreação "*Vivências do brincar*" onde viajam no mundo da imaginação com fantasias, adereços e diversos brinquedos; na *sala de multimídia* na qual muitas vezes aconteciam momentos musicais e dançantes para lá de movimentados; na *quadra*, espaço amplo que possui cesta de basquete, cordas e bolas, e na *sala de referência*, espaço no qual as crianças também ficam à vontade para brincar com bonecas e bonecos, jogos de montar, quebra-cabeças, massinha, faz-de-conta, etc. Considerando essa realidade vivenciada pelas crianças de forma presencial, nos indagamos sobre a seguinte questão: o quê fazer para que a brincadeira também perpassasse o cotidiano das crianças no contexto virtual?

Pensando nessa questão desafiadora, consideramos que a escuta das crianças é fundamental no modo remoto, pois é a partir dela que podemos acolher os interesses, dúvidas e saberes já constituídos por elas. Isso não se trata de uma atitude técnica, mas de um ato ético, uma vez que, de acordo com Antônio e Tavares

(2020, p. 66), “a criança tem necessidade vital da nossa escuta, assim como do nosso afeto. Precisa se sentir acolhida, como alguém que tem o que nos dizer. Reconhecida assim, como sujeito, pode desenvolver criadoramente sua existência”. Isto é, escutar as crianças, também compõe o processo de educar cuidando, na Educação Infantil, pois ao ouvi-las possibilitamos que elas sintam que suas vozes são valorizadas.

Destacamos que durante os encontros virtuais, sempre reservávamos o primeiro momento para a escuta dos grupos. As crianças mostravam seus brinquedos, animais de estimação, livros, ou falavam sobre suas vivências junto às suas famílias e, principalmente, revelavam o quanto gostavam de brincar. Os exemplos a seguir mostram um pouco disso: *“Professor, vamos brincar hoje de quê?”*; *“Eu tô muito animada para esse encontro, hoje”*; *“Eu estou pensando em uma brincadeira, para essa brincadeira vai precisar de um ovo e uma colher”*. Ao considerarmos as falas das crianças, e ao reconhecermos a importância de preservar as brincadeiras durante os encontros virtuais, vivenciamos diversas propostas brincantes, dentre as quais, relataremos a seguir quatro delas: *ovo na colher*; *vamos brincar de rimar?*; *quem procura acha*; e *banho de bacia virtual*.

Ovo na colher

Optamos por relatar primeiro a proposta *“Ovo na colher”*, pelo fato de ter sido sugerida por uma das crianças em um de nossos encontros virtuais. A criança nos disse: *“ - Eu estou pensando em uma brincadeira, para essa brincadeira vai precisar de um ovo e uma colher”*. Em seguida, nos apresentou o ovo e a colher, e, equilibrou o ovo na colher, com a sua boca. Ela também nos explicou que não poderia deixar o ovo cair da colher, para que tudo não ficasse melecado. A partir da sugestão da criança, indagamos o grupo se gostariam de brincar, e foi acatado unanimemente. Entretanto, considerando que o uso do ovo durante essa brincadeira poderia causar sujeira nos espaços domésticos em que

as crianças estavam, e também por não sabermos se havia ovo nas casas de todas elas, indagamos o que poderia ser utilizado para substituir o ovo. Naquele momento, não houve nenhuma ideia levantada pelas crianças, e, por isso, sugerimos bolinhas de papel.

As crianças providenciaram os materiais necessários para a realização da brincadeira, e, logo após, produziram as bolinhas, e assim, a brincadeira foi iniciada. Brincamos de equilibrar a bolinha de papel na colher, segurando-a pelo cabo com a boca, sentados. Depois, a brincadeira tomou novos contornos, nos desafiamos a tentar caminhar em frente, na direção dos smartphones ou computadores, tentando não deixar a bolinha de papel cair da colher. Também fizemos vários movimentos, como abaixar e levantar, girar para um lado e para o outro, embalados por músicas mais rápidas e mais lentas. Nesse sentido, corroboramos com Nista-Piccolo e Moreira (2012), quando explicam que a criança da Educação Infantil, é corporeidade significativa e não deve perder essa característica. Além disso, os autores destacam que, “é preciso salientar que o ser humano não aprende somente com a sua inteligência, com sua cognição. Aprende, ou melhor, apreende com o corpo todo, com sua imaginação, sua sensibilidade” (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p. 65). A proposta além de ser bem recepcionada pelas crianças, foi uma vivência divertida, criativa e bastante interativa.

Vamos brincar de rimar?

Durante o período de adaptação no contexto virtual, no qual precisávamos corroborar com a construção e o fortalecimento de vínculos, precisávamos que todas vivenciassem momentos de interação entre si e conosco. Assim sendo, pensamos em realizar propostas brincantes envolvendo nossos nomes e os delas. Foi nesse contexto, que a ideia de brincarmos com rimas surgiu como uma possibilidade lúdica que, além de oportunizar diversão às crianças, contribuiu também para uma maior aproximação e interação entre elas.

Cabe ressaltar que a brincadeira com rimas desenvolvidas junto às crianças, não parte do nada, mas da valorização da poesia no cotidiano da UAEI. Por compreender que o texto poético é rico de possibilidades para a brincadeira com a linguagem na Educação Infantil, acreditamos que é fundamental que as crianças tenham contato com ele desde cedo. Nessa direção, destacamos a fala de Paes (1996) quando ressalta que além de aproximar-se do cotidiano da criança, promovendo relações com a experiência vivida, “[...] a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua [...]” (PAES, 1996, p. 24). Sendo assim, torna-se essencial ampliar as vivências para que as crianças cultivem ainda mais o desejo pela leitura, a magia de se encantar pelo texto poético e o prazer em brincar com as palavras.

A brincadeira se deu da seguinte maneira: ao iniciarmos alguns encontros, saudávamos cada criança, desejando boa tarde, e em seguida citávamos o nome de cada uma delas, rimando com uma outra palavra, conforme este exemplo, “boa tarde, Emanuel, que rima com mel”. As crianças demonstraram ter gostado da brincadeira, e buscaram ampliá-la envolvendo outras palavras que poderiam rimar com seus nomes. Observamos que elas se sentiram implicadas e alegres todas as vezes que realizamos essa brincadeira. A partir daí elas passaram a apresentar maior desejo em brincar com as palavras, tentando criar suas próprias rimas, produzindo suas criações rítmicas.

Aproveitando o interesse das crianças, decidimos contar com a participação de um amigo especial em um dos nossos encontros: Glauco - um fantoche manuseado pela professora do Grupo 4. Ele já era conhecido das crianças, pois já havia estado em outros encontros. Porém, nessa ocasião que estamos a relatar, o convite era específico, pois solicitamos que Glauco brincasse de rimar junto das crianças, envolvendo seus nomes, mas também nomes de objetos, lugares etc. Durante o encontro, mais uma vez as crianças se divertiram muito e fizeram questão de ajudar Glauco na construção de rimas divertidas, a exemplo destas: “- Rafael que gosta de

admirar o céu, [...] Benedita que assistiu o mundo Bitá, [...] Maura que viaja com Isaura”.

Ainda no contexto das brincadeiras com rimas, um outro encontro específico foi planejado, porém, dessa vez usando a tecnologia. Por meio do aplicativo Dollify, criamos através dos nossos smartphones, avatares de cada criança, e em seguida inserimos movimento e sons em cada um, por meio de um outro aplicativo, chamado My Talking Pet. Dessa forma, foi possível que os avatares que representava cada criança, saudasse a todos, e pronunciasse alguma rima selecionada por nós mesmos. Esse recurso deu beleza a brincadeira realizada com rimas, pois as crianças se alegraram ao se verem representadas por meio de desenhos. Falas como: “ - Eu também uso esse aplicativo para brincar, também dá pra fazer a família e um monte de bonecos com a nossa imaginação”, abre-nos espaço para refletir sobre a presença da tecnologia na vida das crianças (BUCKINGHAM, 2000), em especial neste momento em que estamos a depender dela.

Assim, reconhecemos que o uso de aplicativos digitais durante a brincadeira de rimas, a partir de um planejamento prévio e da realização de propostas que interessavam as crianças, constituiu-se como um caminho que resultou positivamente. Além disso, destacamos que elas possuem o direito a acessar as tecnologias, conforme indicado no art. 9º das DCNEIs, quando aponta que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que “[...] possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos” (BRASIL, 2010, p.27). Encontrar caminhos potentes possíveis e viáveis não é tarefa fácil no contexto remoto. Porém, durante a brincadeira de rimas, com a nossa mediação, a participação do fantoche Glauco e a apresentação dos avatares digitais das crianças, percebemos o quanto elas se divertiram, interagiram, ampliaram seus repertórios de oralidade e aproximaram-se entre si.

Quem procura acha!

Além de pensarmos na dimensão interativa entre as crianças ao brincarem, consideramos também, a importância do jogo nesses momentos brincantes. De acordo com Kishimoto (2008), os jogos em geral possuem diversas dimensões, pois envolvem situações imaginárias, solução de problemas, construções com materiais específicos, representação mental, elaboração de estratégias etc. Além disso, a autora ainda explica que “o jogo depende da linguagem de cada contexto social” (KISHIMOTO, 2008, p. 13), pois se constitui como elemento da cultura. Entretanto, o que destacamos é o caráter brincante que ele possui, quando ocorre em um espaço e um tempo com uma sequência específica de brincadeira.

Partindo dessas concepções, buscamos pensar uma proposta brincante que oportunizasse, às crianças, situações nas quais elas pudessem explorar e descobrir, por meio do jogo. Assim, visualizamos na brincadeira “quem procura acha”, a possibilidade de efetivarmos nossa intencionalidade virtualmente junto das crianças. A brincadeira consiste em apresentarmos alguns objetos aleatórios, caseiros e comuns, como meias, colheres, traveseiros, por exemplo. Após apresentar um objeto pedíamos que as crianças buscassem o mesmo objeto em suas casas e apresentasse na câmera do smartphone ou do computador através do qual estavam participando do encontro virtual.

Ao apresentarmos a proposta, elas logo aderiram a ideia e demonstraram interesse em participar da mesma. Ao solicitarmos que elas brincassem de procurar e achar os objetos, observamos o quanto estavam atentas ao lugares para onde iriam se dirigir em busca dos mesmos, pois assim que os mostrávamos, ouvíamos os nomes dos lugares onde possivelmente encontrariam, por exemplo relógio (na cozinha) o que demonstrou a capacidade delas de pensar rapidamente sobre a situação vivenciada. A diversão e o entusiasmo foram garantidos, e além disso, as crianças estrategicamente foram muito ágeis e o tempo todo estiveram concentradas, pois passaram a desejar serem sempre as primeiras a

apresentar ao grupo os objetos encontrados. Cabe lembrar, que as famílias também se envolveram na brincadeira e demonstraram se divertir com seus filhos e filhas.

Brincar de jogar “*quem procura acha*”, foi uma proposta que nos fez perceber o quão importante é a ação lúdica enquanto locus de prazer para as crianças, mas também o quanto contribui para a interação, criação de soluções de problemas, exploração e descobertas de materiais, e tantas outras potencialidades possíveis. Nesse sentido, compreendemos que essa brincadeira a partir de seu formato de jogo com regras e possibilidades de estratégias específicas, foi uma vivência que cooperou positivamente com os nossos objetivos pedagógicos no modo remoto.

Um dia na praia

A UAEI sempre buscou oportunizar vivências às crianças que possuíssem caráter lúdico, e que também envolvessem elementos da natureza, como plantas, sementes, terra, água e tantos outros. Acreditamos no brincar e na natureza, como fundamentais para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Uma dessas propostas é o banho de bacia, que costumeiramente realizamos na Unidade, com as crianças. Nessa vivência, as famílias são convidadas a levarem uma bacia grande para a instituição e reservarem roupa de banho e toalha para seus filhos e filhas. Durante a proposta as crianças brincam livremente de tomar banho de bacia, com as nossas mediações, ao som de muita música. É um momento muito feliz, pois constatamos a alegria e satisfação das mesmas durante a brincadeira.

Na modalidade remota também realizamos essa proposta, entretanto, com um formato distinto. Enviamos um comunicado para as famílias, informando a proposta, e solicitando que junto com as crianças preparassem algum cantinho em seus lares, no qual pudessem imaginar que estivessem na praia, pois iríamos brincar de “*um dia na praia*”. As famílias que puderam participar do encontro acompanhando suas crianças, capricharam na preparação

dos cenários. As crianças brincaram em bacias, chuveiros e até com mangueiras com água. Algumas no banheiro, outras no quintal, no jardim e em tantos outros espaços de suas casas. Nós professores, também preparamos um cenário com boias, cadeiras de praia e uma mangueira com água, com a qual nos molhamos e nos divertimos bastante também.

Gostaríamos de destacar o quanto essa vivência foi especial para as crianças, suas famílias e professores, pois ao revivermos uma proposta que faz parte da nossa cultura escolar, pudemos ressignificá-la em um tempo delicado e complexo, repleto de tantos desafios, como é o período pandêmico. Porém, o que mais nos tocou foi o envolvimento e a participação efetiva das famílias e crianças, que com alegria e entusiasmo viajaram juntos conosco no mundo do faz - de - conta, que segundo Bontempo (2008, p. 69-70), possibilita-nos realizar uma “mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado”. Assim, reconhecemos que por meio da criatividade e da imaginação, as crianças puderam, de fato, de fato, vivenciarem *“um dia na praia”*.

5. Reflexões finais

As experiências brincantes ora relatadas foram muito significativas para as crianças e possibilitaram muitas aprendizagens, nos permitindo, principalmente, entender que, mesmo distante fisicamente, pode-se vivenciar brincadeiras atrativas e divertidas. Percebemos que é possível ressignificar e adaptar as propostas brincantes e envolver as crianças na dinâmica das mesmas, a partir da escuta de seus interesses. Durante as vivências as próprias crianças foram dando o tom, sugerindo e solicitando continuidade. Reconhecemos através dos sorrisos, dos olhos brilhantes e dos movimentos corporais a intensidade do envolvimento delas durante as propostas.

A brincadeira ovo na colher ganhou outros contornos e movimentos, que comumente não ocorre quando esta é vivenciada

presencialmente, uma vez que, há uma competição a partir de uma linha de partida e de chegada, onde o intuito é chegar mais rápido ao final do percurso, sem deixar o ovo cair no chão. No formato remoto, a diversão foi dançar e se movimentar com a bola de papel na colher, e, assim, o importante foi participar da brincadeira, não importando quantas vezes a bolinha de papel caia da colher. Quanto à brincadeira de faz - de - conta, na qual as crianças se imaginaram em um dia na praia, percebemos que houve uma ressignificação dos espaços de suas casas, que de um modo criativo e lúdico foram transformados em cenários para a realização dessa vivência.

Concluindo, temos a convicção de que a brincadeira deve permear o cotidiano das crianças, pois é através dela e das interações que elas exploram objetos e espaços, bem como compartilham ideias e sentimentos, dando novos significados às coisas, e, assim, avançam nas suas aprendizagens. Nesse sentido, acreditamos que as vivências relatadas nesta produção textual foram muito significativas para as crianças, tendo em vista a alegria e o envolvimento delas durante as propostas. Realidade também atestada pelas famílias, quando nos davam o feedback por meio de vídeos, fotografias e áudios de seus filhos e filhas, demonstrando o quanto eles haviam se divertido.

Referências

ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **O voo dos que ensinam e aprendem: uma escuta poética**. Cahoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2020.

BOMTEMPO, Edda. **A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinqueado, brincadeira e a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BORBA, A. M. **A brincadeira como experiência de cultura**. In: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil: Cotidiano e políticas**. Campinas-SP Autores Associados, 2009. p. 65-74.

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 29 mar. 2020.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. DF: MEC, 1996.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2000.
- CORSARO, W. **A Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DEBORTOLI, J. A. O. **Imagens contraditórias das infâncias: crianças e adultos na construção de uma cultura pública e coletiva**. In: DEBORTOLI J.A.O; MARTINS M.; MARTINS,S. (Orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo - SP: Cortez, 2012.
- PAES, J. P. **Poesia para crianças: um depoimento**. São Paulo: Editora Giordano, 1996, p. 24 – 27.
- PASTORE, M. D. N. **Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?** Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/ Brazilian Journal of Occupational Therapy, Preprint, 2020.
- ROCHA, E. A. C. **Por que ouvir crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar**. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo, SP: Summus, 1982.
- SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R. de. (org.). **Infância (In)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.
- VELASCO, C. G. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: Sprit, 1996.
- VIGOTSKY, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, 21(71), 2000, p. 21-44.
- WAJSKOP, G. **Brincar na Pré-escola**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Questões da Nossa Época.
- WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro - RJ: Editora Imago, 1975.

**As narrativas como experiências:
impasses e possibilidades na educação infantil
em tempos de pandemia mundial**

Dra. Márcia Ferreira Torres Pereira
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE -
Universidade Federal de Goiás
e-mail: marcia_torres_pereira@ufg.br
Dra. Maria José Pereira de Oliveira Dias
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE -
Universidade Federal de Goiás
e-mail: mjpgoster@ufg.br

O objetivo deste relato consiste em apresentar possibilidades de experiências nas instituições de educação infantil a partir de uma conferência realizada por Márcia Ferreira Torres Pereira, professora da educação infantil e pesquisadora de temas relacionados à infância e a importância das narrativas e da literatura. O evento ocorreu por transmissão virtual com profissionais da educação infantil do Brasil promovido pelo “Fórum virtual da educação Infantil: formação, reflexão e debate” registrado como projeto de extensão do Departamento de Educação Infantil do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás.

A opção por uma conferência realizada em agosto de 2020 problematizava pensar os nossos conhecimentos teóricos e práticos sobre o universo infantil frente à realidade para ressignificar o trabalho docente. Os impasses e possibilidades na formação das crianças na educação infantil se complexificaram nesse momento inicial da pandemia mundial do *COVID-19*, implicações que interferiram nas relações entre as famílias das crianças e as instituições de Educação Infantil, posto que as atividades não poderiam ser realizadas de modo presencial.

O impacto social provocou o desafio do trabalho educacional no país, que deveria iniciar no final do mês de agosto de 2020. A situação problematizava como realizar o processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças, considerando aspectos fundamentais como as interações necessárias ao processo e, sobretudo, na grande questão que requer uma rede de ressignificações para pensar a brincadeira na infância, eixo norteador do trabalho, num momento em que o acirramento de uma cultura digital se fazia presente frente à cultura letrada.

Para tanto, a conferência exigiu o recorte teórico para pensar nos dois universos que nos afetam – a realidade e as relações sociais e dizem do quanto somos afetados por uma sociedade organizada pelas determinações e pelos conhecimentos historicamente constituídos. Além disso, os inúmeros canais e instâncias mediadoras modelam nossas condutas, nossas formas de agir, além das formas de padronização pelas quais somos induzidos a cumprir. Nesse processo, o momento de uma crise sanitária, em que o espanto e o inusitado se fazem presentes, a exigência de uma reflexão crítica e autocrítica nos é imposta.

Cabe ressaltar que esse é um dos momentos históricos de grandes desafios do século que, segundo a Organização Mundial da Saúde, exige pesquisas científicas imediatas para conhecer não somente a origem, mas o tratamento, a prevenção sanitária e a cura devido à dimensão dos efeitos de um vírus, o *COVID-19*. Entretanto, o fato dessa situação ter ceifado milhões de vidas em escala global não responde a dimensão que envolve o debate da humanização, posto que não se trata de números e sim, da vida.

Sabemos que há protocolos científicos para o enfrentamento de inúmeras doenças, assim como há uma comunidade científica cujos estudos afirmam que as pandemias se tornarão mais frequentes diante das emergências climáticas, da grande circulação de pessoas e de mercadorias. Embora a pandemia seja um fenômeno que atualmente se destaca, não podemos desconsiderar as inúmeras variáveis que envolve essa crise, iniciada pelo isolamento social e cuidados sanitários, assim como outra maneira

de agir e de se relacionar e, entre outras consequências, o redimensionamento da relação das pessoas com a tecnologia.

Durante os inúmeros fatores que implicam esse fenômeno, a educação e os direitos garantidos para a formação da criança nos convocam a elaborar propostas e novas formas de organizar o trabalho na instituição entre docentes e famílias. O contexto social em que as relações se firmam por contratos uns para com os outros também se destaca por um individualismo cada vez mais crescente. Refletimos sobre a *ideia de liberdade* e o quanto ela é abalada diante da compreensão das pessoas que se consideram tão livres por entenderem que são donas ou proprietárias de si mesmas. Com a necessidade do isolamento social a ideia de liberdade imaginada se defrontou com um estranhamento para lidar com a realidade que agora gera ainda mais insegurança, incerteza e o desafio para lidar com o outro.

Embora não seja somente esse o momento em que nos deparamos com uma sociedade tão individualista, as distâncias se acirram e, portanto, tornam-se mais evidentes. Não seria diferente se os distanciamentos entre adulto e criança também não sofressem esse impacto. Assim, espaço e tempo se modificam e as relações passam a ser “de contágio”, interferindo na vida de todos, inicialmente no próprio corpo que já não é mais seguro conforme as nossas próprias regras, pois a decisão sobre nós mesmos afetará a vida de outros. Por uma condição de preservação da vida, sentir medo de ser contagiado e de contagiar deveria ser a mais coerente e, por isso, entendemos que a necessidade de reflexão sobre o real exigia-nos ressignificar inúmeras ações já consolidadas individual e coletivamente.

Porém, subjacente a essas realidades, surgem outras consequências e, entre elas, destacamos a escola que “entra” virtualmente dentro das casas e se depara com uma realidade completamente diferente de seu espaço físico, assim como com o desafio dos professores para complexificarem metodologias pedagógicas. Diante da realidade, o discurso referente à aprendizagem é o de que a criança precisaria se adaptar ao novo

modo de aprender a depender de toda a família. Pais passam a ser as “vozes” dos professores e o campo de experiência, de descobertas, de indagação e de liberdade é destituído de valor num espaço em que todos são afetados pela crise.

Em virtude dos dilemas colocados, a crise nos convida a algumas exigências necessárias frente as que já eram necessárias, principalmente em relação ao que precisa renunciar, entre elas: a grande oportunidade das famílias das crianças de revisitarem a própria casa e as formas de relacionar, interagir e, sobretudo a oportunidade de cada indivíduo visitar a própria casa interior e estabelecer uma relação entre a realidade da educação que sempre se fez presente de modo virtual com as referências anteriores do modo presencial. Cabe ressaltar que o *COVID-19* não trouxe a precarização e o adoecimento do trabalho educacional, nem mesmo as dificuldades de relacionamentos no interior das famílias e sim, tornou-os mais evidente, mostrando a nossa constante e invisível ameaça da qual já não tínhamos o controle.

Isto significa dizer que há diferentes encontros e reflexões emergentes, exigindo uma elaboração do passado em diferentes aspectos de modo dialético, subjetivos e objetivos, ou seja, iniciar um diálogo com a memória, refletindo sobre as grandes dificuldades da educação que não superávamos somadas às políticas públicas a efetivar, e que agora precisava ser colocada em evidência com a necessidade de distanciamento. O resgate da memória também é necessário no contexto familiar com aqueles objetos que podem resgatar lembranças, acordos a consolidar e aprendizagens a realizar.

Embora a reflexão ocorreu de modo a destacar a problemática do trabalho na educação infantil em tempos de pandemia, implicações subjetivas e objetivas se fazem presentes. Nesse sentido, alguns aspectos que dizem respeito às crianças são retomados: quando o a criança passa por um processo de desenvolvimento em que ela sente dificuldades para compreender os limites necessários à socialização, entre o seu corpo e a realidade externa, ela busca realizar satisfação e, com as restrições necessárias à manutenção da vida, surgem conflitos.

Porém, cabe ressaltar que a realização da satisfação inclui o adulto, a diferença é que a criança confunde os espaços e os tempos e os adultos não. O adiamento da satisfação precisa ser realizado e todos são obrigados a dolorosas renúncias.

Desse modo, surgem os mecanismos e procedimentos produzidos pela cultura digital com a finalidade de possibilitar a satisfação, considerando as publicidades que prometem essa realização, dentre eles os filmes, as séries fílmicas, os jogos e outros entretenimentos oferecidos. Essa satisfação, contudo, é aparente uma vez que os usuários se distanciam do real, pois projetam a percepção da realidade. Assim, o que foi proposto para consumirmos tem como objetivo fornecer os modos de divertir, de sentir, de pensar e de viver numa aparente realidade.

Essa reflexão sobre o que é produzido para consumir, oportunizando “satisfação” imediata, nos permite indagar: se já era assim antes da pandemia de modo menos perceptível, caberia pensar sobre o espaço que a nossa sociedade oferece para nossas crianças cujas práticas e os objetivos, especialmente os educacionais, são definidos por uma realidade que interdita a possibilidade de experiência criativa?

Porém, diante do impasse do momento que nos leva a contar com os dispositivos digitais e os conteúdos de internet, a tarefa de ressignificar o real sob as condições hegemônicas de uma cultura digital é ainda mais desafiadora para realização da experiência do pensamento, da reflexão e da educação para a autonomia, posto que estas últimas são condições de humanização.

Em relação à imediatividade dos procedimentos e da renovação da produção a ser consumida pela cultura industrializada, reportamos a importância da memória como um dos componentes no processo de aprendizagem e de desenvolvimento de nossas crianças na educação infantil. Sabemos que a criança no decorrer do desenvolvimento vai construindo suas memórias e os adultos podem rememorar as suas, construindo suas narrativas. Do ponto de vista da constituição de um sujeito, ao

nascer já se encontra com uma trama estendida sobre ele, uma narrativa de pais, de avós, que implicam narrativas.

Então, a crítica torna-se potencial para pensar a situação da pandemia com uma possibilidade para relacionar conhecimentos teóricos historicamente produzidos e o enfrentamento, ainda que em parte, do real que nos apresenta as fragilidades de nossas atividades como professores e participantes do processo de formação das crianças. Então, nessa conferência destacamos a memória como elemento constitutivo de interações, pois se em nossas casas há recursos para narrar as memórias vividas e a serem consolidadas pelas crianças, então, uma relação entre adultos e crianças se potencializa pelo diálogo que redefine identidades e as condições de pertencimento social.

Podemos recuperá-las, revisitando nossa casa, nossas gavetas, talvez uma caixa de lembranças. Quando a criança brinca ela narra elaborando o que acontece com ela, os registros que fez, e mais, ela inventa, consegue se envolver sem se sentir. Isso lembra quando ouvimos histórias e vamos elaborando o que nos acontece.

Nesses termos, a proposição para iniciar o trabalho contava com a literatura de narrativas para crianças, fomentando a imaginação e as brincadeiras, assim como a possibilidade de elaborar narrativas revistando memórias. O investimento em leituras foi considerada significativa para iniciar as orientações dos professores via reuniões por meios digitais e na produção de roteiros físicos entregues nas instituições às famílias. De certo modo, sugeria-se uma aprendizagem de mão dupla: as famílias estariam ainda mais envolvidas no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, pois iriam participar da tríade entre instituição, criança e famílias.

A brincadeira e a interação são eixos basilares do trabalho na educação infantil, como cita Vigotski (2003) em *Psicologia pedagógica* e, nesse sentido, as memórias são constituídas como formas de organização para colecionar oportunidades de experiências criativas. Assim como as crianças gostam de catar pedrinhas,

gravetos, colecionar pedacinhos de folhas, nesses momentos, elas estão colecionando ideias, tiram do vazio, do tédio as ideias.

Recorremos à teoria psicanalítica também para destacar que criança precisa apoiar suas fantasias em objetos concretos porque são apoios mínimos para elaborar a sua brincadeira. É importante lembrar que não é o objeto que faz o brincar, seja um livro ou um brinquedo, mas é a fantasia que diz o que fazer do objeto. Ao elaborar suas narrativas nas brincadeiras ela aprofunda-se criadora em si mesma, isso é importante em seu desenvolvimento. Esse é um processo diferente, entretanto, da imaginação criadora.

Coube refletir na palestra sobre as produções culturais que ditam o querer e o realizar nas nossas crianças. Afinal, apoiada na teoria crítica frankfurtiana, especialmente em Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento*, a liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. Se ela recebe tudo pronto a ser seguido e não realiza momentos de vivências problematizadoras, como realizará projeções futuras capazes de vencer os obstáculos que elas porventura precisarão enfrentar durante o seu desenvolvimento? Quais as referências simbólicas da própria vida e das que os outros contaram de suas experiências poderão ser “alinhavadas” em sua formação para a constituição de uma identidade que permita enfrentar perdas, separações e formular novas perguntas?

As narrativas são importantes para o desenvolvimento da criança e, nesse processo, as histórias fomentam a imaginação e a formação. Podemos afirmar que há verdades na ficção – são refúgios importantes para que enquanto as crianças não encontram soluções, elas vão juntando narrativas e elaborando suas rotinas. Assim, entendemos que narrar consiste numa boa base para ressignificar muitas situações. É emblemática a narrativa de testemunho, como refere Benjamin (1984), em que pessoas emudecidas no pós-guerra após ter participado de uma experiência da humanidade ficaram sem poder tomar a palavra diante do vivido

Embora seja uma experiência traumática, esse emudecimento não se dá pelo choque de guerra, antes é produzido anteriormente

ao acontecido quando a crônica da miudeza do cotidiano passa de largo, ou seja, não há possibilidade de narrar o que vive. É importante destacar que sem narrativas o singular de um tempo não é compartilhado com o outro e, por isso, não há interação, alteridade e aprendizagem. Precisamos, diante da pandemia, que minimamente em nossos abrigos (nossas casas) façamos uma convocatória urgente, um ato inventivo, uma narrativa a ser escrita!

Porém, não se trata de um escritor qualquer, são escritores da narrativa da memória que está sendo elaborada para pensar a própria vida. Significa, por exemplo, na atual cultura digital que podemos escolher entre jogos de acumular e de construir. Esses jogos têm lógicas diferenciadas. Se o jogo de acumular é cheio de imagens e não tem histórias, não há o que narrar, ele requer adaptação, repetição, padronização.

Os jogos podem contribuir para essas elaborações, como os jogos de construir o efeito, que possibilitam construir sequências narrativas, assim como ler um livro significa poder pensar a própria vida. Contar o que imagina, traduzindo imagens em palavras em sequências lógicas, é também inventar porque se preenche o vazio que se manifestou, dizendo para nós mesmos que conseguimos preenchê-lo, posto que cuidar de si é cuidar do outro, cuidar da nossa infância é cuidar do adulto e da criança. Essa poderia ser a alteridade que o momento nos exige.

Portanto, o que significa estar bem informado na atual cultura moderna? Significa aceitar o existente e justificá-lo a partir do que está posto, dispensando a reflexão pela padronização que não aceita o diferenciado e já define imediatamente a resposta? É preciso refletir sobre as muitas experiências que são decisivas para que nos tornemos quem somos, elas constituem a nossa vida. Porém, não necessariamente essas experiências são evocadas porque grande parte delas caem no esquecimento e, muitas vezes não conseguimos recordá-las, especialmente as que realizamos na infância e as que conseguimos recordar são cheias de deformações.

Poder recuperar o infantil que nos habita enquanto adultos que somos e poder encará-lo de uma maneira não defensiva

significa que podemos compartilhar nossas memórias da infância com as nossas crianças e mais, poderemos entendê-las melhor. Outro aspecto discutido sobre a importância das narrativas diz respeito a passagem da criança para a vida adulta, pois a criança precisa das “mentirinhas”, da ficção que a ressignifica para encará-la, significa acumular os restos que a ficção alinhava, lembrando que o indivíduo se historiciza em função dos acontecimentos.

Assim, como podemos revisitar as marcas do infantil que foram deixadas em nós adultos? A possibilidade de indagar sobre o passado, que parece nunca terminar, dependerá da história que nós ativamos, pois se trata de um “lugar” de referências para potencializar o futuro. É necessário considerar esse aspecto para que tomemos a criança bem próxima do espanto que a cerca. Ela se surpreende com tudo e, diante das histórias narradas, ela pede sempre para contar e recontar porque não consegue se organizar sozinha.

Embora a criança tenha o destaque na educação infantil, refiro-me à infância também como o “lugar da formação”. É emblemático considerar o quanto a criança gosta de marcas como atos simbólicos e, portanto, da infância e suas travessuras necessárias como contar uma mentira e saber que alguém irá acreditar é um ato de inteligência porque ela conseguirá fazer algo que o outro não sabe e não tem sobre ela o controle – é uma forma de autonomia. Precisamos deixar a criança narrar, assim como nós também precisamos dessa narrativa porque ela é compartilhamento de experiência, produz em nós uma evocação para realizá-la e recuperar trechos de nossa própria história adormecida.

Porém, se por outro lado nós, adultos, pensarmos que ao abandonar a infância isso implica no incomensurável encontro com o absurdo, em que a criança se encontra na “ponte do espanto” entre o que é conhecido e o que não é conhecido por ela, então, as crianças poderiam perguntar a nós adultos “como vocês não percebem que estamos aqui por um pequeno período?” Assim, ressaltamos a necessidade de compreender que o espanto acontece em grande parte numa situação em que a criança está separada do mundo adulto, onde elas devem procurar entrar mediante suas perguntas.

O que ocorre é que, muitas vezes, as crianças recebem respostas prontas às perguntas que elas nunca fizeram, e isso interfere no exercício do pensamento e na reflexão. Elas se tornam um obstáculo para a elaboração das narrativas criativas realizadas pela criança, obstáculo também que aparecerão nas relações que estão presentes na vida adulta e que deveriam ser projetadas no brincar, entre elementos próprios da vida que a interessa ou que a angústia.

O que parece previsível pode ser repensado. Isso não significa idealizar o passado, significa que é possível pensar que ele é suscetível de ressignificação, de perceber o quanto ele cerceia o quanto ele autoriza, ele nos chama a atenção para ver que a infância não está garantida e nos chama a atenção para a percepção do absurdo, pois somos assaltados, mais do que nunca, por perguntas existenciais.

Se nós, sujeitos da experiência, nos sentimos impotentes e feridos diante da realidade que nos assola, precisamos recordar a natureza danificada e precisamos entregar a uma experiência sem medo para que ela seja autêntica. Por essa razão, a criança não deve ser cerceada, ou seja, impedida de conhecer. Ao contrário, deve ser encorajada e, em certa medida, deve saber das situações e das passagens tristes a respeito da vida para que saiba lidar e elaborar suas frustrações, assim como considerar a condição de ser sujeito histórico.

Evidentemente que a criança necessita de suporte afetivo em seu desenvolvimento, de ser orientada para exercitar o seu pensamento sobre o que ela realiza, sendo sempre impulsionada a novas experiências. Nessas relações que envolve adultos e crianças ressaltar o prejuízo que as marcas da repressão por posições autoritárias ficarão na memória e afetarão a constituição dessa criança em sua vida, assim como aquelas posições que impedem a evitação de qualquer tipo de sofrimento.

Considerações finais:

Diante da importância das narrativas para a formação da criança cabe, ainda, destacar que ressignificar os modos de produzir a vida não significa abandonar o que foi historicamente

conquistado e, por isso, ao considerarmos as narrativas e produções literárias no âmbito do trabalho na educação infantil, os possíveis efeitos entre forma e conteúdo dessas produções devem ser levados em consideração àquelas que fomentam a humanização diante da conscientização sobre a realidade.

Uma educação diferenciada diz da possibilidade de realizar experiência contrárias às formas que impedem a autonomia e constituem um campo psíquico que sugere apenas a mera adaptação sem criticidade, impedindo o retorno à memória, a reflexão e a imaginação com fins à criação. Posto que a força do que ocorre na perspectiva de uma cultura que prima pela inovação como um exercício de mudanças que abandonam os conteúdos formativos já alicerçados historicamente impede a educação para a autonomia diante do imperativo e da padronização do “novo”

A educação cujo objetivo é o engodo, vendendo felicidades abstratas como afirma Adorno (1995) em sua obra “Educação e emancipação”, é aquela pensada para as crianças como se as dificuldades não pudessem ser conhecidas e pudessem ser compensadas, sendo subestimada por outro objeto para que nada lhe falte. A importância da literatura na educação das crianças proporciona o espaço para o questionamento, oportunizando pensar a realidade e assim, contribui para que o exercício do pensamento crítico se inicie na mais tenra infância.

Desse modo, a educação com todas as suas contradições, entre o que emancipa e o que contribui para a adaptação, é, contudo o lugar que se concebe o esforço para fomentar o exercício do pensamento sobre a realidade socio-histórica, sem perder as possibilidades do potencial valorativo que as narrativas literárias publicadas nos oferecem, assim como de poder narrar o dia-a-dia, percebendo que há uma história acontecendo. Por isso, quando brinca a criança constrói respostas e produz inferências que permitem novas perguntas.

Se em tempos de pandemia mundial a necessária cultura digital nos é oferecida como caminho para comunicação e para a educação, e a tecnologia produzida por essa cultura interfere nos

modos de organização da vida social, investindo mais nos procedimentos técnicos com o aperfeiçoamento da padronização que conduzem a processos de repetição alienantes à limitação da consciência, em detrimento da reflexão e do exercício do pensamento, os procedimentos para elaboração de propostas visuais e de elaboração de atividades e de orientações às famílias na educação infantil devem considerar, nesse momento, os conteúdos que sejam ainda mais desafiadores.

Isso significa dizer que, nesse momento, situações de angústia e de medo poderão se transformar em histórias que fortalecem a elaboração de perdas, resgatando o caráter ético da representação da morte, da relação mínima do que é mútuo, da infância oprimida e reprimida.

Sugere-se, portanto, com essa reflexão, que o trabalho coletivo e participativo dos professores, famílias e educadores, de modo geral, voltados à educação infantil, venham a empreender pesquisas sobre as obras produzidas para crianças no âmbito de minimizar os impactos e as restrições que assolam o trabalho não presencial. As parcerias e as trocas de conhecimento incluem a formação das famílias, ainda que de modo indireto, realizadas pelos professores, pois a mediação se amplia para extrair das literaturas para crianças, novas narrativas oriundas das brincadeiras proporcionadas pelas histórias lidas, assim como novas formas de interação e de produção da vida social.

Considerou-se que a conferência referida permitiu a reflexão e a participação de parcerias para o enfrentamento do desafio emergente frente aos danos existentes causados pela pandemia do *COVID-19*, assim como sinalizou o marco decisório para manter os princípios da educação infantil no sentido da compreensão da infância aliada à narrativa da criança como sujeito em formação.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica: edição comentada**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Desafios e possibilidades do trabalho docente em tempos de pandemia: relatos de professoras de bebês e crianças bem pequenas

Professora Doutora Cláucia Honnef

UEIIA- UFSM. Email: profclaucia@gmail.com

Professora Especialista Ana Paula Rampelotto

UEIIA- UFSM. Email- paulinhadecian@gmail.com

Professora Angelita Maria Machado

UEIIA- UFSM. Email: angelitamachado026@gmail.com

Introdução

Apresentamos aqui o relato de três professoras de uma turma de bebês e crianças bem pequenas, com idade entre um ano e dois anos e meio, que compuseram a Turma Amarela/2020³, da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA), que se localiza na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul. Este texto aborda algumas experiências de nosso trabalho na turma durante a suspensão de atividades presenciais devido à pandemia do coronavírus.

Ao pensar sobre nosso ano de 2020 podemos dizer que ele foi desestabilizador, porém, é preciso desestabilidade para estabilizar, é preciso desacomodar para poder recomodar e, a desestabilidade de 2020 nos levou a construir significativas aprendizagens. Compartilhamos aqui algumas delas, que, entendemos, foi primordial diante do momento atípico, do processo de ser docente de Educação Infantil de modo não presencial, pensando em maneiras de garantir as crianças os direitos de aprendizagem e

³ Na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo têm-se sete turmas, as quais são nomeadas conforme as cores do arco-íris, sendo que a cada ano faz-se o sorteio para saber qual cor será cada turma da escola.

desenvolvimento previstos na BNCC – “conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se” (BRASIL, 2018).

Sendo assim, acreditamos que a principal aprendizagem que tivemos diz respeito à aproximação com as famílias de nossos pequenos/as⁴, as reflexões e estratégias que nos levaram a buscar respostas sobre como buscamos acolher, olhar, observar, escutar, considerar as famílias e todo o contexto singular de cada uma e, efetivamente, ser apoio a elas, sermos parceiras no cuidar e educar (BRASIL, 2010) seus filhos e filhas, nossas crianças da UEIIA.

O período pandêmico de atividades não presenciais nos fez refletir sobre os aspectos acima pontuados e nos levou a pensar ações que entendemos importantes não só neste momento, mas também no cotidiano escolar que retornaremos a vivenciar na escola após esse período.

As reflexões, as ações, as aprendizagens...

Iniciamos o ano de 2020 na Turma Amarela como nos demais anos, ou seja, conversamos com as famílias nas entrevistas, organizamos os horários da primeira semana do processo de acolhida e, os bebês e as crianças bem pequenas iniciaram seu ano letivo na escola em fevereiro.

Os vínculos entre crianças e professoras foram sendo construídos, entre professores e familiares, assim como das crianças entre si, que desfrutavam juntas de diversos momentos de explorações, brincadeiras e aprendizagens.

Porém, a partir da expansão do coronavírus e da doença que ele causa, denominada Covid-19, altamente contagiosa, fez-se necessário, como forma de prevenção à doença, o distanciamento social. Teve-se então a suspensão de atividades presenciais na UFSM, com isso também na UEIIA.

⁴ Carinhosamente entre as professoras, chamamos os bebês e as crianças bem pequenas de nossa turma de “nossos pequenos/as”, termo também usado neste texto.

Então, passamos a viver diante de muitas incertezas e, como professoras da Turma Amarela/2020, passamos a nos questionar como, nesse cenário, poderíamos escutar as crianças e famílias, como ser apoio a elas. Tínhamos muitas perguntas e poucas respostas.

Na UEIIA, logo após a suspensão das atividades presenciais, realizaram-se encontros formativos virtuais organizados pelo Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE), nos quais retomamos o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) no que tange a Educação Infantil, e revisitamos aspectos balizadores do nosso trabalho na Unidade a partir do Projeto Político Pedagógico (2019).

A partir disso, fomos aos poucos organizando um processo de aproximação de forma virtual com as famílias, a partir do ingresso no grupo de *WhatsApp* da turma, que as famílias já possuíam.

A partir daí tivemos a possibilidade de escutar as famílias, estarmos em contato e seguir na criação e manutenção dos vínculos, bem como pensar estratégias para compartilhar propostas, materiais, brincadeiras que fossem ao encontro das necessidades das crianças e das famílias, diante desse cenário totalmente novo que se apresentou em 2020 para todas as crianças e adultos da UEIIA.

Assim, conversamos com as famílias da turma para definirmos dias e horários para organizamos momentos de conversas e encontros on-line, que aconteceram geralmente por ligações de vídeo do *WhatsApp*, como os que vimos na Figura 1. Destacamos que para esses momentos de encontro on-line respeitamos e



de



Figura 1 (Acervo pessoal das autoras, 2020): Print de um dos encontros em que três crianças e famílias estiveram conosco. Os rostos das crianças não são expostos para preservação da imagem.

entendemos as demandas e organização de cada família, bem como as características de cada criança, deixando assim as famílias bem à vontade para optarem pela participação ou não nesses momentos, bem como por quanto tempo queriam e podiam estar nos encontros, que não duravam mais do que uma hora.

Os encontros eram momentos descontraídos, de muita diversão mesmo que de forma on-line, no qual as crianças nos mostravam um pouco da sua casa e dos seus brinquedos e até animais de estimação. Na Figura 1 vemos o cachorro de uma das crianças, o qual também participou do encontro.

Através destes encontros, que aconteceram ora semanalmente, ora quinzenalmente, ora com um coletivo de crianças e famílias, ora individualmente com uma criança e sua família, ora com outros profissionais da

unidade, conforme as demandas que surgiam, buscamos manter conexões com as crianças e adultos, manter a presença, mesmo que virtual e ainda uma forma de acolher os desafios que cada um trazia nesses momentos de encontrar-se.

Esses encontros também aconteceram em momentos como os aniversários das crianças, em que fizemos ligações ou vídeos para parabenizar cada criança por mais um ano de sua vida.

Nesse sentido, os encontros on-line possibilitaram que a Turma Amarela/2020, seus adultos e crianças, pudessem brincar e interagir, mesmo que por intermédio da tecnologia de um aparelho celular ou computador. Entendemos que essa interação com e entre as crianças e os adultos das famílias foi essencial para atenuar a

distância e os desafios desse momento pandêmico, bem como para manter em muitas crianças a memória das professoras e colegas da Turma Amarela/2020.

Nesses encontros as crianças compartilhavam suas brincadeiras conosco, como a brincadeira de se esconder, que aconteceu por algumas vezes em que uma criança por vez se escondia e o pai ou a mãe ia encontra-la, levando as demais pessoas do encontro junto, através do celular, para essa brincadeira.

Ainda, os encontros foram uma forma de afago, principalmente para os adultos da turma, ao ver como as crianças haviam crescido e se desenvolvido, bem como foi um importante espaço de compartilhar também as conquistas das crianças e as preferências delas nas brincadeiras em casa.

Além dos momentos de encontros virtuais, organizamos formulários para saber como poderíamos ser apoio às famílias, conhecer suas demandas, principalmente com as crianças e, assim, organizar materiais, vídeos e propostas que fossem mais próximas às realidades das famílias e que pudessem ser realizadas com as crianças em casa, com materiais de fácil acesso.

A partir dos encontros virtuais e dos formulários pudemos nos aproximar mais e conhecer de modo específico a realidade de cada família, de cada criança, suas preferências, bem como essas formas de comunicação foram estratégias pelas quais os familiares de nossos pequenos também puderam compartilhar seus anseios em relação a diferentes aspectos relacionados às crianças.

Com isso, elaboramos e compartilhamos com as famílias, pelo grupo de *WhatsApp*, materiais orientadores voltados aos adultos, com temáticas como: contar e criar histórias para e com as crianças (REYES, 2010); formas de o adulto ser mais assertivo na comunicação com a criança (SIEGEL e BRYSON, 2015). Também, com base em lives e materiais escritos da psicóloga e autora de livros infantis Nanda Perim e, da psicóloga Daniela Faria, elaboramos materiais escritos e compartilhamos vídeos que abordaram temáticas relacionadas a como auxiliar a criança no reconhecimento de suas emoções e sentimentos; validação de emoções e sentimentos; auxiliar a criança a

lidar com a frustração, rotina e previsibilidade para a criança, entre outros temas nessa direção.

Com isso, pudemos verificar o quão importante foi para as famílias receber da escola por meio de um folheto virtual, por meio de uma forma escrita ou por vídeo, informações e orientações sobre diferentes aspectos relacionados às crianças.

Ainda, a cada semana enviávamos as famílias uma mini-história ou poema por nós elaborada, com imagens dos momentos presenciais que vivemos na escola, sendo que essas produções compuseram um livro, que na Figura 2 vemos a capa. Esse livro enviamos as famílias da turma no final do ano de 2020.

A partir desses materiais, intentamos que os adultos das famílias conseguissem melhor compreender suas crianças e seguir um caminho voltado a uma educação respeitosa e acolhedora.

Ao longo desse movimento de compartilhar materiais pelo aplicativo do *WhatsApp*, recebemos das famílias (quase sempre as mães), relatos do quanto estes materiais representaram suporte. Na maioria das realidades familiares as crianças foram para escola com meses de idade e, com a pandemia e as escolas fechadas o convívio intenso entre adultos e crianças na família, todo o tempo em todos



Figura 2: Capa do livro enviado as famílias.

os dias da semana, exigiu e exige por parte dos adultos das famílias, conhecimento sobre aspectos do desenvolvimento infantil, do processo investigativo inerente às crianças e suas experiências, que talvez em outro momento os familiares não demonstrariam tanto interesse.

Também, identificamos a necessidade de compartilhar com os adultos das famílias materiais que orientassem acerca da importância de momentos em conjunto com a criança, como para a contação de histórias, para organização de espaços para brincadeira e envolvimento da criança em atividades cotidianas em casa, como estender roupa, arrumar a mesa, por exemplo. Com isso,

objetivamos mostrar as famílias como também em casa, em momentos e atividades que aos adultos parecem corriqueiras, as crianças poderiam e estavam a desenvolver importantes aprendizagens, motoras, cognitivas, emocionais, sociais.

Através do grupo do whatsapp, as famílias compartilharam conosco mensagens, fotos, vídeos e relatos das crianças brincando / interagindo / e se envolvendo em atividades e momentos do cotidiano, como foi o caso da mãe Juliane que compartilhou conosco o quanto incluir Joaquim nas demandas da casa como pendurar as meias, lavar potes, regar as plantas melhor organizou



as rotinas da família. Além disso, a inclusão das crianças nas tarefas da casa gera um sentimento de pertencimento, de acolhida, de importância, como na ocasião desse registro da Figura 3, em que Joaquim observa a planta, e se envolve com o plantio e a rega, dentre outras tantas coisas que vai descobrindo nessa ocasião.

Nos vídeos que criamos com sugestões de brincadeiras, procuramos pensar em propostas que utilizassem elementos da natureza, objetos da casa e materiais recicláveis, por geralmente serem de fácil acesso e por considerarmos que a realidade de cada lar é diversa e diferente do contexto da UEIIA. Ainda em relação às ideias de brincadeiras, pensamos naquelas que pudessem ser de maior interesse das crianças, os quais foram observados na escola, em um momento anterior à pandemia. Também pensamos em propostas que pudessem trazer às famílias a possibilidade de brincar e estar junto com as crianças.

Nesse sentido brincadeiras como a “cobra de sabão”, apreciada pelas crianças, além de ser fácil de fazer, sendo possível de fazer com as coisas que se tem em casa, também fizeram parte

dos registros que as famílias compartilharam conosco, sendo estas situações para brincar junto com a criança. Como veremos nas imagens abaixo (Figura 4), no qual Maria Alice e Vicente exploram a brincadeira da cobra de sabão.

Figura 4 – Maria Alice e Vicente Figueira brincando de “Cobra de Sabão”



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2020.

As crianças muitas vezes foram desafiadas pelo familiar ou responsável a brincar com mais autonomia, também foram convidadas a brincar junto e com a família, muitas vezes brincaram com os colegas e professores, ainda que de forma online, e foram nesses momentos que percebemos e começamos a pensar e organizar um envio de materiais as famílias, o que aconteceu por meio do evento “Checkin Pedacinhos da UEIIA: curto e compartilho”, em que as famílias passavam em frente a escola para buscar kits que cada equipe pedagógica⁵ havia preparado para sua turma.

⁵ Cada equipe pedagógica das turmas é composta por um professor efetivo da UEIIA, professores contratados e acadêmicos dos cursos de Pedagogia e/ou Educação Especial da UFSM, bem como se tem o apoio da equipe de profissionais que compõe o Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEIIA.

No mês de novembro o “Check-in Pedacinhos da UEIIA” trouxe a possibilidade de compartilharmos materiais físicos com as crianças e famílias. Para a ocasião, organizamos potinhos mirabolantes, balões sensoriais e o jogo da memória dos animais. Pensamos em materiais que pudessem ter imagens das crianças e dos adultos da equipe da Turma Amarela/2020, bem como em materiais com elementos de interesse das crianças, como os animais e balões, e que possibilitasse às crianças as mais diversas criações, sensações e explorações. Como mostra a foto ao lado (Figura 5) recebemos diversos registros das famílias no qual as crianças estavam brincando com os materiais.

Considerações Finais...



Figura 5: Vicente Miguel brincando com os materiais enviados no Check-in. (Acervo pessoal das autoras, 2020)

Das ações realizadas pela Turma Amarela no período de atividades não presenciais da UEIIA, organizadas e pensadas partindo das especificidades das crianças e das famílias, todas tiveram o propósito de manter vínculos, ser apoio às crianças e as famílias, bem como acolher as demandas e sentimentos que as mais diversas situações do momento vivido traziam a crianças e adultos.

Foi bastante desafiador esse processo de contato virtual. Fomos nos reinventando, buscando novas formas de interagir e brincar. Apesar de nem sempre acontecer como idealizávamos, acreditamos que essa nova forma de estarmos e convivermos que a pandemia exigiu neste 2020 trouxe também um momento único das crianças estarem mais próximas aos familiares e, certamente, foi um processo significativo de aprendizado para todos que compõem a Turma Amarela/2020, adultos e crianças.

Acolhemos as famílias, acolhemos as crianças, cada um dentro da sua singularidade, escutamos e realizamos as interlocuções que foram possíveis; orientamos e fizemos sugestões em relação às crianças, organizamos propostas, todo o tempo com a clareza de indicar propostas que convidassem os familiares a entrar no mundo das crianças, na fantástica magia do universo infantil, com prazer, com leveza e escuta das diferentes linguagens. Orientamos sobre a importância desse momento, sobre a oportunidade de estar com as crianças, num propósito educacional diferente da educação num espaço público institucional.

Pelas telas, cada família em sua singularidade e a sua maneira acolheu as propostas e uso desse espaço para atenuar os desafios da pandemia, com isso construímos no momento pandêmico, espaços e situações para atenuar anseios e refletir sobre o nosso fazer pedagógico.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: <https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em : 11 de Junho de 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

REYES, Y. A **casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância. 1º ed. São Paulo: Global, 2010.

SIEGEL, Daniel J; BRYSON, Tina P. O cérebro da criança. Editora nVersos; 1ª edição, 2015.

UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO /UFMS. **Projeto Político Pedagógico**. 2019.

Posfácio

Finalizar um livro que aborda trabalhos relacionados as Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (UUFEl) as quais, para alguns, Creches Universitárias é, para mim, de grande interesse e satisfação, uma vez que venho desenvolvendo este tema, desde meados da década de 1980, com projetos vinculados a uma destas Unidades e, desde 2000, trabalhando o mencionado tema como objeto de pesquisa acadêmica.

À medida que o movimento destas UUFEl foi se apropriando da sua responsabilidade social, ações como a publicação deste livro, entre inúmeras outras, passaram a caracterizar e fortalecer os respectivos trabalhos institucionais das mencionadas Unidades.

Sem sombra de dúvidas, o ciclo do citado movimento das UUFEl requer continuidade, incluindo os processos de conquistas políticas e de mobilização coletiva. Mas o fato é que as UUFEl vêm obtendo cada vez mais espaço no plano das políticas educacionais, das investigações acadêmicas, sobretudo a partir do reconhecimento destas Unidades pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2011).

O livro em questão, que reúne capítulos de autoria de professores das UUFEl, trata sobre os desafios e limites de uma educação à distância na educação infantil. São experiências vividas entre a educação infantil e crianças/famílias ou responsáveis diante da suspensão das atividades escolares presenciais, no final do primeiro trimestre de 2020, com objetivo de atender as medidas sanitárias preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como estratégias para conter o avanço da pandemia causada pelo COVID-19. Destaca-se, entre estas medidas, a necessidade de distanciamento social.

Considero importante destacar a recorrência, em todos os capítulos, dos limites do “modelo à distância” adotado nas experiências relatadas, considerando que um dos principais pilares da educação infantil é a relação/interação presencial estabelecida

entre os protagonistas (criança, profissionais e famílias/responsáveis) deste nível de educação. Para exemplificar:

Tivemos que abrir mão da proposta de trabalho defendido na educação infantil, para uma execução da proposta possível, a fim de manter um dos pressupostos da educação, a importante relação/vínculo entre adultos e crianças (NASCIMENTO; SILVA & JESUS).

As limitações do contato físico indicaram que nada substitui o ensino presencial, a riqueza das interações, as situações da rotina da Educação Infantil como espaço coletivo, faz experiências únicas e fundamentais para a criança viver sua infância plenamente (AZEVEDO).

As recorrências anteriormente mencionadas revelam um trabalho docente que vai além de saber sua importância e anunciar a intenção de fazê-lo, como mostram as experiências em questão. É necessário o estabelecimento de uma relação crítica com o trabalho desenvolvido como tivemos o prazer de constatar no presente livro.

Por último, porém não menos importante, proposições como esta publicação, potencializam a luta coletiva das UUFEl, mesmo que revelem as diferenças administrativas e pedagógicas entre elas. Estas diferenças são compreensíveis considerando que aquilo que articula, que une as mencionadas Unidades é o objetivo acadêmico: **ensino, pesquisa e extensão**. É nesta diretriz que ampliarão suas conquistas: dando visibilidade a citada função acadêmica que é a razão de suas existências.

Florianópolis, março de 2021

Marilene Dandolini Raupp

Professora Aposentada do NDI/CED/UFSC

Referências

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 01, de 10 de março de 2011**. Fixa normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações.

Sobre as autoras e os autores



Poliana Bruno Zuin

Doutora e Mestre em Educação - PPGE - pela Universidade Federal de São Carlos, área de concentração em Metodologia de Ensino na linha de Processos de Ensino e Aprendizagem. Possui graduação em Pedagogia também por essa instituição - UFSCar. Realizou Pós-Doutorado no Departamento de Linguística onde foi professora voluntária. Coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos: Práticas de Letramentos e Ensino e Aprendizado da Língua Materna. Foi Docente da disciplina Linguagens: Alfabetização e Letramento II na Universidade Aberta do Brasil-UAB, desde a primeira turma. Atuou junto ao projeto durante o estágio pós-doutoral "A Tradução e os Novos Letramentos - Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa" com ênfase no uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação para o letramento digital - UFSCar. Atualmente faz o segundo Pós-Doutorado no Departamento de Educação sob a Supervisão do Prof. Dra. Amarilio Ferreira Junior. Coordena o Grupo de Pesquisa no Diretório do CNPQ: "É Líder do Grupo de Pesquisa Cadastrado no CNPQ - Práticas de Letramentos e Ensino e Aprendizado da Língua Materna .<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/328587>. É docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar - PPGL e da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar, no regime EBTT de dedicação exclusiva. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em processos de ensino-aprendizagem da língua materna. Atua nos seguintes temas: processos de ensino-aprendizagem, formação de professores nas modalidades presencial e à distância, alfabetização, letramento, formação de extensionistas rurais e práticas dialógicas.



Amarilio Ferreira Jr.

Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e estágio de pós-doutorado em História da Educação no Institute of Education da University of London (Bolsa FAPESP). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (mestrado e doutorado), com ênfase em História, Filosofia e Sociologia da Educação. No âmbito da pesquisa tem produzido nas seguintes temáticas de História da Educação: educação jesuítica colonial, políticas educacionais da ditadura militar, movimento sindical dos professores da escola pública e educação soviética. O professor-pesquisador defende a universidade pública, laica, gratuita e de qualidade.



Priscila Domingues de Azevedo

Cursou Pedagogia (Unesp – Marília), Mestrado em Educação (Unesp – Presidente Prudente), Doutorado em Educação (UFSCar) e Pós-doutorado em Tecnologia do Ensino e da Difusão da Ciência (UFSCar). Professora de Educação Infantil da UFSCar (carreira EBTT) e atua na Unidade de Atendimento à Criança – UAC. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa “Outros Olhares para a Matemática” – GEOOM. Tem experiência nas seguintes áreas: Educação Infantil, Educação Matemática na Infância, Formação de Professores e Grupo Colaborativo.



Diana Cristina Vicente da Silva

possui graduação em Pedagogia (2013). Atua no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação na Educação Infantil desde 2013. Tem experiência na área da Educação atuando principalmente no segmento da educação infantil.



Dilma Antunes Silva

Endereço para acessar CV:
<http://lattes.cnpq.br/9961242002156872>

possui graduação em Pedagogia (2009), pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Educação: Psicologia de Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atua no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação na Educação Infantil desde 2016. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre infância, Educação da Infância e Formação de Professores (Gepieifop- NEI/Unifesp) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas da Infância (CRIANDO) da PUC-SP.



Ana Paula Santiago do Nascimento

Núcleo de Educação Infantil
Universidade Federal de São Paulo

Possui graduação em Pedagogia (2005), Mestrado (2012) e Doutorado (2019) em Educação na Faculdade de Educação da USP. Atua no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação na Educação Infantil. Realiza pesquisas na área de Políticas Educacionais na linha de Financiamento da Educação e Carreira

Docente; é membro/líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre infância, Educação da Infância e Formação de Professores (GEPIEIFOP). É integrante da Pesquisa Análise de parcerias pública – privada para a oferta de creches no município de São Paulo. No campo da extensão atua na formação de professores; é coordenadora do Observatório Institucional - Reitoria e vice-coordenadora do Projeto de extensão "50 anos da Paulistinha: partir da história".



Nádia Massagardi Caetano da Silva

Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Universidade Federal de São Paulo

Possui graduação em pedagogia e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), onde realiza pesquisa com crianças indígenas das aldeias do município de São Paulo. Atua como professora de educação infantil desde 2006, tendo passado por redes privada e pública ao longo de sua trajetória. É docente do Núcleo de Educação Infantil Paulistinha (UNIFESP) desde 2017. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infância, Educação da Infância e Formação de Professores (GEPIEIFOP) na Unifesp. Também é membro do Grupo “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens”, coordenado pela professora Dra. Márcia Gobbi na FE-USP.



Rosimeire Andrade de Jesus

Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
Associação Paulista para o
Desenvolvimento da Medicina

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Carlos Drummond de Andrade (2013). Atua no Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de

Educação na Educação Infantil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem e relações etno-raciais.



Andréia Regina de Oliveira Camargo

Endereço para acessar CV:

<http://lattes.cnpq.br/0936098182171676>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Doutora em educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro. Pós-doutoranda na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar campus Sorocaba Professora EBTT no Núcleo de Educação Infantil NEI Paulistinha, na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Coordenadora local do Núcleo de Educação e Estudos da Infância, da UFSCar campus Sorocaba. Membro do Fórum de Educação Infantil de Sorocaba e região – FEISor. Pesquisadora dos Grupos de pesquisa:

- "IMAGO: Laboratório da Imagem, Experiência e Cri@ção" da UNESP de Rio Claro
- Vice-líder do "CRIEI - Grupo de pesquisas e estudos a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância", da UFSCar campus Sorocaba
- Líder do "Acriançar - Grupo de pesquisa sobre e com bebês, crianças e infâncias" da UNIFESP

Companheira do Leandro e mãe do Gabriel, do Leonardo e do Bernardo



Aline Jorge Silva Crispim de Carvalho

CAp-UFRJ

Técnica em Assuntos Educacionais. Diretora Adjunta de Ensino do CAp-UFRJ. Doutoranda em Educação no PPGE-UFRJ. Mestre em Educação pela UFMT. Especialista em Docência do Ensino Superior pela UFRJ. Graduada em Pedagogia pela UFRJ. É integrante do GEPED - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores.



Lorraine de Andrade Branco Faria Gonçalves

CAp-UFRJ

Professora do Setor de Educação Infantil do CAp-UFRJ. Doutoranda em Educação no PPGR-UFRJ. Mestre em Educação pelo PPGE-UFRJ. Especialista em Docência na Educação Infantil pela UFRJ. Graduada em Pedagogia pela UNIRIO. Desenvolve pesquisa em diálogo com os campos do Currículo e da Educação Infantil com foco nos temas de gênero e sexualidade. É integrante do BAFO! Bando de Estudos em Currículo Ética e Diferença (UFRJ), do Projeto de Extensão Educação Infantil e Relações Raciais: narrativas positivas e potentes da cultura Afro-Brasileira e Africana (GEERREI) e do Comitê Permanente da Educação para as Relações Étnico-Raciais do CAp-UFRJ. Coordenadora do Projeto de Extensão Currículo em Movimento na Educação Infantil (CEIMOV-UFRJ) e da Ação de Extensão Educação Infantil: promovendo encontros, ambos no CAp-UFRJ.



Priscila de Melo Basilio

CAP-UFRJ

Professora do Setor de Educação Infantil do CAP-UFRJ. Doutoranda da UFRJ. Mestre em Educação pela Unirio. Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Graduada em Pedagogia pela UERJ. Coordenadora do Projeto de Extensão Currículo em Movimento na Educação Infantil (CEIMOV-UFRJ) e do Projeto de Extensão Educação Infantil: promovendo encontros, ambos no CAP-UFRJ. Integrante do Fórum Permanente do Estado do RJ da Educação Infantil, do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib) e Movimento Articulação Infâncias. Integrante do Grupo de Pesquisa Infância, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (Gitaka) e Currículo, Conhecimento e Ensino de História (GECCEH) e do Projeto de Extensão Educação Infantil e Relações Raciais: narrativas positivas e potentes da cultura Afro-Brasileira e Africana (GEERREI).



**Alessandra Martins Constantino
Cypriano**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito – UFES (2009), Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – UFES (2012) e atualmente cursa Doutorado em Educação – PPGE/UFES na linha de pesquisa Educação, Formação Humana e Políticas Públicas. É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Infantil Criarte/CE/UFES desde 2017.



Fabiola Alves Coutinho Gava

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (1996), Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional pela Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus/ES. É Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Infantil Criarte/CE/UFES

desde 2014.



Luciana Pimentel Rhodes Gonçalves Soares

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito – UFES (2009), Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – UFES (2012) e atualmente cursa Doutorado em Educação – PPGE/UFES

na linha de pesquisa Docência, Currículos e Processos Culturais. É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Centro de Educação Infantil Criarte/CE/UFES desde 2014.



Flávia Amorim Sperandio

Endereço para acessar este CV:

<http://lattes.cnpq.br/0017257735140833>

ID Lattes: 0017257735140833

Possui graduação em pedagogia pela UFES e pós-graduação em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Espírito Santo. É mestranda do Programa de Psicologia Institucional pela UFES e atualmente é pedagoga no Centro de Educação Infantil Criarte da Universidade Federal do Espírito Santo.



Janaína Silva Costa Antunes

Cei Criarte /UFES

Endereço para acessar este CV:

<http://lattes.cnpq.br/4947117697251414>

ID Lattes: 4947117697251414

Professora Titular do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, lotada no Cei Criarte/CE/UFES. Doutora em Educação pela UFES da linha de pesquisa Educação e Linguagens: verbal e visual. Mestre em Educação pela mesma universidade e linha de pesquisa. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales/Ufes). Atuou como supervisora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) pela UFES e atualmente é vice-coordenadora do Nepales (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo/UFES). Graduada em Letras (Bacharelado e Licenciatura em Português e Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Flávia Amorim Sperandio



Kenia dos Santos Francelino

Cei Criarte /UFES

Endereço para acessar este CV:

<http://lattes.cnpq.br/2235423869019965>

ID Lattes: 2235423869019965

Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia - Faculdades Integradas Padre Anchieta de Guarapari e Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. É Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Centro de Educação da UFES, lotada no Cei Criarte. Atuou como Supervisora do PIBID Música de 2016 a 2018 e, em PIBID Artes, de 2018 a 2019. Atuou como Membro Titular do Núcleo de Educação Infantil

NEDI/UFES e do Colegiado do FOPEIES de 2015 a 2018. Atualmente é Membro do Núcleo de Pesquisas em Currículo NUPEC/UFES. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Desenvolvimento Infantil, Infância, Currículo e Avaliação.



Fernanda Miquelão Ribeiro

LDH/DED/UFV

Mestre em Economia Doméstica (UFV). Especialista em Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Inspeção Escolar (FDV), Licenciada em Economia Doméstica e em Educação Infantil (UFV). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Laboratório de Desenvolvimento Humano da UFV.



Laísa Medina Silva

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela UFV (2013). Especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar (2016) pela Candida Mendes (UCAM). Coordenadora Pedagógica do Laboratório de Desenvolvimento Infantil



Liliane Fernandes Caiafa Damasceno

LDH/DED/UFV

Atualmente é professora EBTT (ensino básico, técnico e tecnológico) no Laboratório de Desenvolvimento Humano (LDH) da Universidade Federal de Viçosa - MG. Bacharel

em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, licenciada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa e licenciada em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná. Pós Graduada em psicopedagogia clínica, psicopedagogia institucional, gestão, inspeção, orientação e supervisão.



Antoniella Matos Cordeiro

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa - MG desde 2010. Possui pós-graduação em Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Inspeção Escolar pela Faculdade de Viçosa – FDV desde 2010. Atualmente é Educadora Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Viçosa.



Edilaine Patricia da Silva

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa em Julho de 2016. Possui pós-graduação em Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva pela Fagoc e em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação pela Faculdade Prominas. É Educadora Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Viçosa desde 2016.



Lucilene Rosa Caetano

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil na Universidade Federal de Viçosa, cursa sua segunda graduação em Pedagogia na mesma instituição. Possui especialização em Psicopedagogia Institucional.



Maria Aparecida Valentin de Souza Leite

LDI/DED/UFV

Possui Graduação em Licenciatura em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa (2013) e Graduação em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR (2017). Pós graduação em supervisão escolar e psicopedagogia na Universidade Cândido Mendes (2015).



Monalisa Lopes Teixeira

LDI/DED/UFV

Possui Graduação em Licenciatura em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa (2013). Graduada em Pedagogia pela Universidade de Franca (2017) . Pós- graduação em Supervisão, Inspeção, Orientação e Gestão escolar na Faculdade de tecnologia São Francisco (2014). Foi professora substituta da graduação do curso de Educação Infantil (DED/ UFV) (2019). Trabalha na instituição Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI), da Universidade Federal de Viçosa, como professora desde 2013.



Priscilene Corrêa Garcia Rodrigues

LDI/DED/UFV

Licenciada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e em Pedagogia com Ênfase em Educação Especial pelo Instituto Priminhas/UCAM. Atuou como bolsista PIBEX no projeto de extensão “Projetar: Projeto Político Pedagógico em instituições de Educação Infantil” (2012 a 2014). Atualmente é atendente de Educação Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI/UFV).



Rita de Cássia Silva

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa- UFV e em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - Unopar, com Pós-graduação, especialização *Latu Sensu* em supervisão escolar, pela Universidade Federal de Viçosa-UFV. É Educadora Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil – LDI há 8 anos, tem experiências em salas com crianças na faixa etária de 0 a 5 anos de idade e atualmente trabalha com crianças na faixa etária de 2 a 3 anos.



Rosana Maria da Silva Faria

LDI/DED/UFV

Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR. Trabalhou desde 1994 no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI) da Universidade Federal de Viçosa – UFV.



Roseli da Silva

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa, pós-graduada EAD em Psicopedagogia e Supervisão Escolar: Universidade Cândido Mendes: UCAMPROMINAS. Atualmente, atua como atendente no Laboratório de Desenvolvimento Infantil.



Sara Souza Bustamante

LDI/DED/UFV

Graduada no curso de licenciatura em Educação Infantil na Universidade Federal de Viçosa - UFV. Foi coordenadora do Centro Acadêmico do curso de Educação Infantil, voluntária nos projetos de extensão "Brinquedoteca Hospitalar" e "LudC-Art: Resgatando a Cultura Lúdica na Infância". Foi membro da Comissão de Assessoria para Auxílio Financeiro Estudantil do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa e bolsista do

Projeto de Extensão LudC-Art: Resgatando a cultura lúdica na infância. Atualmente é Educadora Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Viçosa.



Sônia Ramos de Souza Fonseca

LDI/DED/UFV

Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná- UNOPAR (2013); Possui pós Graduação em Gestão, Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Inspeção Escolar pela EVATA (2015); Atualmente é Educadora Infantil no Laboratório de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Viçosa.



Taynara Moreira dos Santos

LDI/DED/UFV

Graduada no curso de licenciatura em Educação Infantil na Universidade Federal de Viçosa - UFV (2018). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Atuou como voluntária em projetos de extensão como "Brinquedoteca Hospitalar" e "MusiCart". Atuou como professora em escolas particulares na cidade de Conselheiro Lafaiete, MG e atualmente atua como atendente de sala no Laboratório de Desenvolvimento Infantil - LDI/UFV.



Thayane Aparecida Lopes Pereira

LDI/DED/UFV

Graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa - UFV (2017) pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Prominas. Atuou como voluntária no projeto de extensão LudC-Art e como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID (2015-2016). Professora na escola municipal José Francisco da Silva (2018). Atualmente atua como atendente no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI) e Laboratório de Desenvolvimento Humano (LDH).



Verônica Aparecida da Silva

LDI/DED/UFV

Licenciada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa/MG. Atualmente é professora no Laboratório de Desenvolvimento Humano/UFV, desenvolvendo atividades de assessoria à coordenação do curso de Licenciatura em Educação Infantil/UFV bem como apoio às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.



Yara Viana dos Santos

LDI/DED/UFV

Licenciada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Viçosa/MG. Pós graduação em Neuropsicopedagogia em curso.

Técnico em Administração em curso. Atualmente é professora no Laboratório de Desenvolvimento Infantil/UFV.



Diana Isis Albuquerque Arraes Freire

Unidade Universitária de Educação Infantil Núcleo de Desenvolvimento da Criança – UUNDC-UFC. Professora EBTT da UUNDC desde 2014, Mestra em Educação Brasileira (UFC), com pesquisa na área de Letramento na Educação Infantil. Especialista em Docência na Educação Infantil (UFC). Especialista em Alfabetização de Crianças (UECE). Graduada em Pedagogia (UFC). Experiência em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Fortaleza.



Maria Betania Barbosa da Silva Lima

Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Doutoranda em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCEG). Professora da Unidade Acadêmica de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande (UAEI/UFCEG). Suas pesquisas e publicações concentram-se na Educação Infantil com ênfase nas Práticas Pedagógicas, Letramento Literário e Educação Inclusiva. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas Crianças, Infâncias e Educação Infantil (GRÃO), e integra o Fórum do Agreste Paraibano de Educação Infantil (FAPEI), vinculado ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB).



Rayffi Gumercindo pereira de Souza

Formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UAEd/UFCG) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGED/UFCG). Professor Substituto da Unidade Acadêmica de Educação Infantil (UAEI) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Suas pesquisas e publicações versam sobre Educação Infantil, com ênfase em Práticas pedagógicas, Educação Infantil do e no Campo e relações de gênero. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Crianças, Infâncias e Educação Infantil (GRÃO/UFCG), também compõe o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Homens e Educação (HOME), e integra o Fórum do Agreste Paraibano de Educação Infantil (FAPEI), vinculado ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB).



Márcia Ferreira Torres Pereira

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás com ênfase na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, Mestre em Educação e atua como pesquisadora, com experiência na área de pedagogia e psicologia, vinculada ao Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte – NEVIDA. Pesquisadora com registro no diretório de pesquisa Teoria Crítica, Cultura e Educação da UFG. Acesso: dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/958914214132653514193 e participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Teoria Crítica UNESP e UFSCar; no ensino

atua como docente no centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE-UFG em regime de Dedicção Exclusiva.



Maria José Pereira de Oliveira Dias

Doutora, Mestra e Especialista em Educação (PUC Goiás). Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Trabalhou na PUC Goiás de 2000 a 2015. Atuou como Professora Substituta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (2007-2009) e no Curso de Pedagogia na Faculdade Noroeste de Goiás em 2012. Atualmente é Professora Efetiva (Coordenadora) na Universidade Federal de Goiás, lotada no Departamento de Educação Infantil/CEPAE. Pesquisadora e Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Educacionais e Gestão Escolar - GPPEGE/PUC Goiás - www.gppege.org.br. <https://orcid.org/my-orcid>.



Cláucia Honnef

Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA/UFSM)

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Educação Especial (2009) e em Pedagogia (2014). É Especialista em Gestão Educacional; Mestre em Extensão Rural; Mestre em Educação e Doutora em Educação, pela UFSM. Foi professora temporária de Educação Especial no Instituto Federal Farroupilha- Campus São Borja/RS (2012-2013), tutora do

curso de Graduação em Pedagogia (UAB/UFSM), professora do curso de Graduação em Educação Especial (UAB/UFSM). Seus principais temas de pesquisa são: Trabalho Docente Articulado; Ensino Colaborativo; Educação especial e inclusão educacional escolar; Educação Especial e Educação Infantil.



Ana Paula Rampelotto

Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA/UFSM)

Especialista em Educação Ambiental (2019), Pedagoga (2016), Técnica em Meio Ambiente (2018) pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Tem experiência na área da educação, com ênfase em educação infantil e temáticas ambientais.



Angelita Maria Machado

Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA/UFSM)

Formada no Curso de Pedagogia Licenciatura plena- Diurno pela Universidade Federal de Santa Maria e aluna da pós graduação em gestão Educacional pela mesma universidade. Durante três anos foi bolsista na Unidade Infantil Ipê Amarelo em turma de berçário e em turma multi-idade. Após formada trabalhou 10 meses na escola privada Jardim de Maria. Em março de 2020 retornou a Unidade de Educação Infantil como professora contratada.



**"CRIANÇAS
ANTES
DA PANDEMIA
DA COVID-19"**



Financiamento



ISBN. 978-65-5869-224-9



9 786558 169224 9